



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
PROGRAMA EM PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDILEUZA RICARDO DA SILVA

**SABERES E PRÁTICAS POPULARES EM SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA
COMPARTILHADA COM O QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos**

JOÃO PESSOA – PB

2022

EDILEUZA RICARDO DA SILVA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa:

Educação Popular

Orientador:

Dr. Pedro José Santos Carneiro Cruz

João Pessoa – PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Edileuza Ricardo da.

Saberes e práticas populares em saúde : uma experiência compartilhada com o Quilombo Caiana dos Crioulos / Edileuza Ricardo da Silva. - João Pessoa, 2022.

173 f. : il.

Orientação: Pedro José Santos Carneiro Cruz.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Educação popular em saúde. 2. Educação popular.
3. Povos quilombolas. 4. Práticas populares em saúde.
5. Saberes tradicionais. I. Cruz, Pedro José Santos
Carneiro. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37:614(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA EDILEUZA RICARDO DA SILVADO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO/PPGE/CE/UFPB.

Aos trinta e um (31) dias do mês de agosto do ano dois mil e vinte e dois (2022), às 19:00 horas, por via remota no link: <https://meet.google.com/ndm-gjfd-cwt>, realizou-se a sessão de defesa de dissertação da mestrand Edileuza Ricardo da Silva, matrícula 20201000924, intitulada "SABERES E PRÁTICAS POPULARES EM SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA COM O QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos". Estavam presentes, os Professores Doutores: PEDRO JOSÉ SANTOS CARNEIRO CRUZ, MARIA DE NAZARE TAVARES ZENAIDE, DANIELLA DE SOUZA BARBOSA e REINALDO MATIAS FLEURI. O Prof. Dr. PEDRO JOSÉ SANTOS CARNEIRO CRUZ na qualidade de Orientador, declarou aberta a sessão, e apresentou os Membros da Banca Examinadora ao público presente; em seguida passou a palavra à mestrand, para que no prazo de 30 minutos apresentasse a sua dissertação. Após exposição oral apresentada pela mestrand, o Prof. passou a palavra aos membros da Banca Examinadora para que procedesse à arguição pertinente ao trabalho. Em seguida, a mestrand respondeu às perguntas elaboradas pelos Membros da Banca Examinadora e, na oportunidade, agradeceu as sugestões apresentadas. Prosseguindo, a sessão foi suspensa pelo Orientador, o Prof. Dr. PEDRO JOSÉ SANTOS CARNEIRO CRUZ, que reuniu-se secretamente com os Membros da Banca Examinadora, e emitiu o seguinte parecer:

A BANCA EXAMINADORA CONSIDEROU A DISSERTAÇÃO: APROVADA, considerando as ponderações, recomendações e críticas feitas pelas banca e contidas no parecer completo da mesma.

A seguir, o Prof. Dr. PEDRO JOSÉ SANTOS CARNEIRO CRUZ apresentou o parecer da Banca Examinadora à mestrand Edileuza Ricardo da Silva, bem como ao público presente. Prosseguindo, agradeceu a participação dos Membros da Banca Examinadora, e deu por encerrada a sessão. E para constar, eu, Alexis Bernardo de Lemos, representando a Secretaria da Pós-Graduação em Educação, lavrei a presente Ata que segue assinada por mim e pelos Membros da Banca Examinadora, em testemunho de fé. João Pessoa, 31 de agosto de 2022.



Dedico aos nossos ancestrais negros,
que com muita luta e resistência
ergueram esse país.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo seu amor e benevolência, por ser os planos dEle maiores do que os meus, por me permitir estar onde nunca imaginei chegar;

Aos meus pais Antônio (in memoriam) e Mariza, que sempre me falavam que a “Educação” muda vidas e que não deixaram com que eu perdesse minhas raízes;

Ao meu irmão Edielson por ter sonhado esse sonho comigo e ter sido o maior idealizador desse sonho;

As minhas amigas Gal, Khomar, Joelma e Vaninha por ter enxugado as minhas lágrimas quando eu achava que não iria conseguir;

Ao meu querido Leonardo, companheiro residente no município de Alagoa Grande PB, por me incentivar e me fazer acreditar que eu seria capaz.

Aos meus companheiros de curso Pedro Lobo e Klebson por toda parceria e partilha de sonhos, de angústias, de dores e de vitórias;

As minhas companheiras de trabalho pelo apoio e as vezes que me substituíram na labuta diária;

Ao eterno presidente da república Luís Inácio Lula da Silva, por ter dado oportunidade de o pobre chegar a uma universidade.

Ao professor Doutor Assis Souza de Moura pelas oportunidades que sempre me deu, que mesmo sem me conhecer acreditou que eu conseguiria e por ter sido o primeiro a me dá a notícia de aprovação no mestrado.

A comunidade Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande pela acolhida e receptividade;

A Luciene, dona Elza, Lucélia, Marinês, dona Edite, dona Cida, dona Luzia e o professor Doutor Waldeci Ferreira Chagas, por abrir as portas da comunidade para mim, por me receber tão bem e por me fazer sentir-se em casa;

Aos meus amigos Givanildo “Catolé” e Francisco “Tiquinho” por ter se aventurado comigo nas viagens ao território.

Ao meu vizinho Daniel pelas vezes que me acompanhou até o ponto de ônibus pelas madrugadas frias de quando eu ia para à universidade.

Ao grupo de pesquisa Extelar pela rica oportunidade de ser um dos seus membros, pelas conversas partilhadas, pelas dúvidas compartilhadas e pelo apoio em conjunto;

A todos os professores do PPGE/UFPB pelo aprendizado;

Ao professor Doutor Eduardo Jorge Lopes, por tantas vezes ter sido o relator dos meus pedidos de prorrogação e por compreender que o momento não estava me favorecendo.

As membras da banca pela oportunidade de crescer em sabedoria e aprendizagem;

Ao meu orientador o professor Doutor Pedro Cruz pela paciência, condução desta obra e por ser um ser humano inigualável;

E por fim, porém não menos importante, ao meu filho João Davi, de 7 anos de idade, por todo companheirismo, pelas vezes que assistiu às aulas ao meu lado, por aceitar mesmo sem entender que eu não podia deixar de estudar para brincar com ele, que ao acordar não me via e que ao deitar-se não tinha meu beijo de boa noite (pois eu saía de casa às 4h da manhã e só retornava às 11h da noite), que mesmo tão pequeno e sem compreender o poder trazido pelos títulos já tem compreensão da importância de ser resistência.

Gratidão!!!

SUMÁRIO

Resumo.....	8
Resumen.....	9
Abstract.....	10
Lista de Siglas.....	12
Lista de Ilustrações.....	13
Lista de Quadros.....	15
 CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	16
1.1 – A Elaboração da Problemática da Pesquisa e sua Relevância.....	21
1.2 – O Lócus da Pesquisa.....	22
1.3 _ A Organização da Pesquisa	24
 CAPÍTULO II – ENLACES DA VIDA DA PESQUISADORA COM A CULTURA QUILOMBOLA	25
2.1 – Se Reconhecendo Dentro da Cultura Quilombola.....	48
 CAPÍTULO III – O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO.....	58
3.1 – Caracterização Geral e Etapas da Pesquisa.....	58
3.2 – O Lócus da Pesquisa.....	59
3.3 – A Pesquisa Qualitativa.....	62
3.3.1 – A Pesquisa Etnográfica.....	63
3.4 – Considerações sobre mudanças realizadas no decorrer da pesquisa a partir de dificuldades impostas pela pandemia do Covid -19.....	64
3.5 – As Fases Exploratórias da Pesquisa.....	68
3.5.1 – Pesquisa Bibliográfica.....	68
3.5.2 – Pesquisa Documental.....	70
3.5.3 – Observação Participante.....	72
3.5.4 – Organização e Análises de Dados.....	74

CAPÍTULO IV – UM ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO POPULAR E A EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE.....	75
4.1 – Dialogando com a Educação Popular.....	78
4.2 – Compreendendo as Práticas Populares em Saúde.....	88
 CAPÍTULO V – RESGATANDO O CONTEXTO DOS POVOS QUILOMBOLAS.....	93
5.1 – Os Povos Africanos e a Valorização dos Saberes Ancestrais.....	99
5.2 – Os Povos Quilombolas e as Práticas Populares em Saúde.....	104
5.3 – A Saúde dos Povos Quilombolas no Contexto Brasileiro.....	106
 CAPÍTULO VI – A COMUNIDADE DE CAIANA DOS CRIoulos.....	109
6.1 – As Práticas Populares no Cuidado com a Saúde do Povo Quilombola de Caiana dos Crioulos.....	118
6.2 – Vivenciando no Contexto da Comunidade.....	119
6.3- A Hereditariedade dos Saberes Africanos	125
6.4 – A Inserção da Pesquisadora na Comunidade.....	126
6.5 – O Protagonismo Negro no Contexto da Pesquisa.....	135
 CAPÍTULO VII – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	137
7.1 - Pesquisa Bibliográfica.....	137
7.2 – Pesquisa Documental.....	145
7.3 – Observação Participante.....	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS.....	164
 ANEXO	168

RESUMO

As práticas culturais e a sabedoria popular acompanham a humanidade desde os princípios das civilizações. Seus traços, suas raízes, seus hábitos, saberes e costumes acompanham o nosso povo por longos anos. Este estudo vinculado à Linha de Educação Popular do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba aborda as Práticas Populares em Saúde praticada pelos povos quilombolas, tendo como campo empírico o Quilombo Caiana dos Crioulos, localizado na zona rural do município de Alagoa Grande na Paraíba. O estudo está dividido em três etapas de construção teórico metodológico, no primeiro momento foi realizada uma revisão bibliográfica visando um melhor entendimento da temática. A revisão bibliográfica foi feita considerando dissertações e teses que encontramos em bancos de produção científica. Já no segundo momento fizemos uma pesquisa em vídeos, documentários e reportagens os quais mostraram para nós a origem e a realidade vivenciada pelos seus membros, trouxeram-nos subsídios da atualidade e de antigamente, e no terceiro momento visitamos o território, acompanhamos algumas moradoras e conversamos com elas a respeito das suas vivências e suas práticas, a nossa visita de campo contou com a observação participante e o registro do diário de campo para um maior aprofundamento do objeto de pesquisa. Em virtude do que foi exposto, a presente dissertação tem como questão de pesquisa: investigar “quais são os saberes e as práticas de saúde dos povos quilombolas e os processos educativos que por eles são desenvolvidos?”. A hipótese levantada é a de que a oralidade é o fator primordial para haver a propagação dos saberes. Como objetivo geral buscamos conhecer os processos educativos das práticas populares em saúde na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, identificar seus processos educativos tradicionais, analisar como os saberes populares em saúde são concebidos e valorizados pelos membros da comunidade, além de compreender como esses saberes são passados para as gerações mais novas. Metodologicamente o estudo segue uma abordagem Qualitativa Minayo (2016), (Flick 2009) de caráter Etnográfico (Peirano 2008), Mattos (2011), fundamentou-se em autores e autoras da área da Educação Popular a exemplo de Freire (1996), Calado (2014), Machado (2012), da área de Educação Popular em Saúde, como Vasconcelos (2001), Oliveira (2009), Lopes (2020), e sobre racismo e povos quilombolas, tais como Gomes (2019), Ribeiro (2020), entre outros. Como resultado da pesquisa apresentamos as narrativas da sua importante trajetória e experiência trazendo em pauta debates e reflexões a respeito da temática. Acredita-se que este estudo evidenciará a relevância e o significado das Práticas Populares em Saúde, a partir da sabedoria dos povos quilombolas e da necessidade de expandir seus feitos e conhecimentos populares.

PALAVRAS – CHAVE: Povo Quilombola, Educação Popular, Educação Popular em Saúde, Prática Popular em Saúde.

RESUMEN

Las prácticas culturales y la sabiduría popular han acompañado a la humanidad desde los albores de las civilizaciones. Sus huellas, sus raíces, sus hábitos, conocimientos y costumbres han acompañado a nuestro pueblo durante muchos años. Este estudio vinculado a la Línea de Educación Popular del Programa de Posgrado en Educación (PPGE) de la Universidad Federal de Paraíba aborda las Prácticas Populares en Salud practicadas por el pueblo quilombola, teniendo como campo empírico el Quilombo Caiana dos Crioulos, ubicado en el área rural del municipio de Alagoa Grande en Paraíba. El estudio se divide en tres etapas de construcción teórica y metodológica, en el primer momento se realizó una revisión bibliográfica para una mejor comprensión del tema. La revisión bibliográfica se realizó teniendo en cuenta las disertaciones y tesis encontradas en los bancos de producción científica. Ya en el segundo momento hicimos una investigación sobre videos, documentales y reportajes que nos mostraron el origen y la realidad vivida por sus integrantes, nos trajeron subsidios de hoy y de ayer, y en el tercer momento visitamos el territorio acompañando a algunos pobladores y conversando con ellos sobre sus experiencias y sus prácticas, nuestra visita de campo incluyó la observación participante y el registro del diario de campo para profundizar aún más el objeto de investigación. En vista de lo anterior, esta disertación tiene como pregunta de investigación: indagar "¿cuáles son los conocimientos y las prácticas de salud de los pueblos quilombolas y los procesos educativos que se desarrollan en ellos?" La hipótesis es que la oralidad es el principal factor de propagación del conocimiento. Como objetivo general buscamos conocer los procesos educativos de las prácticas populares de salud en la comunidad quilombola Caiana dos Crioulos, identificar sus procesos educativos tradicionales, analizar cómo se concibe y valora el conocimiento popular de la salud por parte de los miembros de la comunidad, además de comprender cómo se transmite este conocimiento a las generaciones más jóvenes. Metodológicamente, el estudio sigue un enfoque Cualitativo Minayo (2016), (Flick 2009) de carácter Etnográfico (Peirano 2008), Mattos (2011), basándose en autores del área de Educación Popular como Freire (1996), Calado (2014), Machado (2012) y del área de Educación Popular en Salud, como Vasconcelos (2001), Oliveira (2009), Lopes (2020), Racismo y Pueblos Quilombolas, Gomes (2019), Ribeiro (2020), entre otros. Como resultado de la investigación, presentamos los relatos de su importante trayectoria y experiencia, poniendo en discusión debates y reflexiones sobre el tema. Se cree que este estudio destacará la relevancia y el significado de las Prácticas Populares de Salud, a partir de la sabiduría del pueblo quilombola y la necesidad de ampliar sus hechos y conocimientos populares.

PALABRAS CLAVE: Pueblo Quilombola, Educación Popular, Educación Popular en Salud, Práctica Popular en Salud.

ABSTRACT

Cultural practices and popular wisdom have accompanied humanity since the beginning of civilizations. Their traces, their roots, their habits, knowledge, and customs have accompanied our people for many years. This study, linked to the Popular Education Line of the Post-Graduate Program in Education (PPGE) of the Federal University of Paraíba, approaches the Popular Health Practices practiced by the quilombola people, having as its empirical field the Caiana dos Crioulos Quilombo, located in the rural area of Alagoa Grande, Paraíba. The study is divided into three stages of theoretical and methodological construction. The bibliographic review was done considering dissertations and thesis found in scientific production databases. In the second moment we did a research on videos, documentaries and reports which showed us the origin and the reality experienced by its members, bringing us subsidies of today and of yesteryear, and in the third moment we visited the territory, accompanied some residents and talked to them about their experiences and their practices, our field visit included participant observation and field diary recording for further deepening of the research object. In view of the above, the present dissertation has as its research question: to investigate "what are the knowledge and health practices of the quilombola people and the educational processes that are developed by them?" The hypothesis is that orality is the main factor for the propagation of knowledge. As a general objective we seek to know the educational processes of popular health practices in the quilombola community Caiana dos Crioulos, identify their traditional educational processes, analyze how popular health knowledge is conceived and valued by community members, and understand how this knowledge is passed on to younger generations. Methodologically, the study follows a Qualitative approach Minayo (2016), (Flick 2009) of Ethnographic character (Peirano 2008), Mattos (2011), it was based on authors in the area of Popular Education such as Freire (1996 Cultural practices and popular wisdom have accompanied humanity since the beginning of civilizations. Their traces, their roots, their habits, knowledge, and customs have accompanied our people for many years. This study, linked to the Popular Education Line of the Post-Graduate Program in Education (PPGE) of the Federal University of Paraíba, approaches the Popular Health Practices practiced by the quilombola people, having as its empirical field the Caiana dos Crioulos Quilombo, located in the rural area of Alagoa Grande, Paraíba. The study is divided into three stages of theoretical and methodological construction. The bibliographic review was done considering dissertations and thesis found in scientific production databases. In the second moment we did a research on videos, documentaries and reports which showed us the origin and the reality experienced by its members, bringing us subsidies of today and of yesteryear, and in the third moment we visited the territory, accompanied some residents and talked to them about their experiences and their practices, our field visit included participant observation and field diary recording for further deepening of the research object. In view of the above, the present dissertation has as its research question: to investigate "what are the knowledge and health practices of the quilombola people and the educational processes that are developed by them?" The hypothesis is that orality is the main factor for the propagation of knowledge. As a general objective we seek to know the educational processes of popular health practices in the quilombola community Caiana dos Crioulos, identify their traditional educational processes, analyze how popular health knowledge is conceived and valued by community members, and understand how this

knowledge is passed on to younger generations. Methodologically, the study follows a Qualitative approach Minayo (2016), (Flick 2009) of Ethnographic character (Peirano 2008), Mattos (2011), it was based on authors in the area of Popular Education such as Freire (1996), Calado (2014), Machado (2012) and in the area of Popular Education in Health, such as Vasconcelos (2001), Oliveira (2009), Lopes (2020), Racism and Quilombola Peoples, Gomes (2019), Ribeiro (2020), among others. As a result of the research, we present the narratives of her important trajectory and experience, bringing debates and reflections about the theme. It is believed that this study will highlight the relevance and significance of the Popular Health Practices, based on the wisdom of the quilombola people and the need to expand their accomplishments and popular knowledge.

KEY WORDS: Quilombola People, Popular Education, Popular Health Education, Popular Health Practice.

LISTA DE SIGLAS

ACS - Agente Comunitário de Saúde
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID – 19 – Coronavírus Disease
EP – Educação Popular
EXTELAR – Grupo de Pesquisa em Extensão Popular
FACISA – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas
MDS – Ministério do Desenvolvimento Social
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PBA – Programa Brasil Alfabetizado
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PB – Paraíba (Unidade da Federação)
OIT – Organização Internacional do Trabalho
OMNC – Organização de Mulheres Negras de Caiana
ONU – Organização das Nações Unidas
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UBS – Unidade Básica de Saúde
UFCG – Universidade Federal de Campina Grande
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
UTI - Unidade de Tratamento Intensivo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO I – Localização do município de Alagoa Grande no mapa da Paraíba.

ILUSTRAÇÃO II – Localização do Quilombo de Caiana dos Crioulos na Paraíba

ILUSTRAÇÃO III – Imagem da minha família (eu, pai, mãe e irmão)

ILUSTRAÇÃO IV – Imagem da minha família (eu, mãe e pai)

ILUSTRAÇÃO V – Minha mãe repassando para meu filho os cuidados com as plantas medicinais

ILUSTRAÇÃO VI - Imagem da minha colação de grau do curso de Pedagogia

ILUSTRAÇÃO VII - Imagem da minha turma de alunos/alunas do Fundamental I

ILUSTRAÇÃO VIII – Imagem de uma das turmas de alunos/alunas do curso Normal

ILUSTRAÇÃO IX – Imagem do meu filho no meu colo

ILUSTRAÇÃO X – Estudantes do Programa Brasil Alfabetizado em momentos de aula, sendo auxiliado pelo alfabetizador da turma.

ILUSTRAÇÃO XI – Momento de reflexão com os alfabetizadores e alfabetizados na busca de conscientizá-los a respeito da realidade vivenciada.

ILUSTRAÇÃO XII – Momentos de descontração e comemoração entre os estudantes e os seus alfabetizadores.

ILUSTRAÇÃO XIII – Momento de celebração da cultura popular dentro da escola com estudantes e alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado.

ILUSTRAÇÃO XIV – Imagem do momento em que assistíamos uma aula inaugural.

ILUSTRAÇÃO XV – Imagem de um momento de cantos e danças.

ILUSTRAÇÃO XVI – Zona Urbana do município de Alagoa Grande na Paraíba.

ILUSTRAÇÃO XVII – Vista parcial da comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos.

ILUSTRAÇÃO XVIII – Imagem de um momento de discussão da realidade. Momento de Prática da Educação Popular

ILUSTRAÇÃO XIX – Imagem de um momento de conscientização da realidade. Tratando a respeito da reforma trabalhista.

ILUSTRAÇÃO XX – Escola Municipal Firmo Santino da Silva

ILUSTRAÇÃO XXI – Ginásio de Esportes

ILUSTRAÇÃO XXII – Unidade Básica de Saúde

ILUSTRAÇÃO XXIII – Museu Quilombola

ILUSTRAÇÃO XXIV – Borracharia

ILUSTRAÇÃO XXV – Passeio pelas ruas da comunidade

ILUSTRAÇÃO XXVI – Dona Luzia contando suas histórias

ILUSTRAÇÕES XXVII – Cultivo das ervas medicinais

ILUSTRAÇÕES XXVIII – Espaço dedicado as plantas medicinais

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Pesquisas Publicadas no Portal de Teses e Dissertações da CAPES.

QUADRO II – Pesquisas Publicadas no Portal de Periódicos da CAPES.

QUADRO III – Pesquisas Publicadas no Repositório Institucional da UFPB.

QUADRO IV – Documentários e reportagens que referenciam a Comunidade de Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande).

QUADRO V – Bancos de Dados: Portal de Teses e Dissertações da CAPES.

QUADRO VI - Bancos de Dados: Portal e Periódicos da CAPES.

QUADRO VII – Banco de Dados: Repositório Institucional da UFPB.

QUADRO VIII – Triangulação de Dados Obtidos.

QUADRO IX – Publicações que se Entrelaçam com as Nossas Pesquisas.

QUADRO X – Obras utilizadas na Pesquisa Documental.

I – INTRODUÇÃO

A discussão a respeito das tradições e dos costumes dos povos quilombolas embora sejam antigas, elas ainda são bastante atuais, pois englobam um conjunto de elementos que perpassam o tempo, as crenças, as raízes, a economia, a cultura e demais fatores que contribuem para a coletividade dos saberes. Compreender a ancestralidade e os costumes vivenciados pelos afrodescendentes são alguns dos fatores os quais irão direcionar essa pesquisa, alimentado pelo desejo de conhecermos as práticas populares em saúde e os processos educativos que regem os mesmos, investigamos o desenvolvimento dessas práticas.

Por se tratar de uma atividade bastante comum na sociedade, faz-se necessário realizarmos uma busca a esse respeito, com o intuito de encontrarmos uma abordagem educativa e que propicie concepção e benefícios para a sociedade e para a comunidade pesquisada. Partindo desta concepção, a melhor opção que encontramos foi a de investigar todos esses fatores que nos inquietava e descrever os resultados para aqueles/aquelas que são impulsionados com o desejo de investigar e compreender essa prática.

Ainda no período da escravidão e mesmo após a abolição, havia um crescente número do surgimento dos quilombos¹ em todas as partes do país. Esses espaços tinham sua formação na busca de abrigar pessoas fugaz, as quais fugiam das fazendas e dos seus “senhores” em busca de um local para se guardar. Nascimento (1980), descreve que os quilombos representavam,

Um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização socio-econômica política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural (NASCIMENTO, 1980, p. 32).

¹ Refere-se aos locais que serviam de abrigo e se constituía como local de refúgio para africanos e afrodescendentes.

Após a abolição da escravatura, aqueles escravos que foram libertados não tinham para onde ir e nem mesmo do que viver, a sociedade não os acolhia e não oferecia-lhes nenhuma condição de sobrevivência. Diante dessa realidade os negros se direcionavam a buscar refúgio nos quilombos e ali encontravam seus conterrâneos. A sociedade não acolhia e não oferecia nenhuma condição de sobrevivência para essas pessoas, diante dessa realidade, os africanos e afrodescendentes se direcionavam a buscar refúgio nos quilombos, e ao chegar lá encontravam, pois era um local que representava um espaço de abrigo e acolhida para quem precisava.

Os povos africanos que vinham para essas terras de forma arbitrária e contra suas vontades ergueram esse país com a força das suas mãos e do seu trabalho. Suas vindas eram exclusivamente para servirem de mão de obra escrava e produzir lucro para os grandes proprietários de terras. Os africanos eram tratados como objetos, que possuíam apenas valor comercial e nem uma importância como ser humano, algo que não tinha serventia, desprovidos de inteligência e que não era capaz de pensar ou de agir de maneira própria.

Muitos membros da sociedade da época não consideravam os africanos como pessoas que possuíam direitos e deveres iguais a quaisquer outras, desejavam apenas que eles/elas se dedicassem ao trabalho e ao cuidado dos bens dos seus senhores, tirando-lhes a possibilidade de vivenciar sua cultura e demonstrar suas potencialidades. De acordo com Gomes (2019), a escravidão perdurou por mais de 350 anos e trouxe para cá cerca de 5 milhões de negros e negras, e deixou marcas profundas na nossa história, além de causar muito mal àqueles que eram arrancados das suas terras e trazidos para cá, incentivou a prática do racismo e da exclusão social de pessoas que são tão humanas quanto quaisquer outras.

Desde os primórdios das civilizações até os dias atuais em diversas localidades e com diferentes povos, países e regiões é possível constatar ações preconceituosas contra aqueles que são tidos como mais fracos, como diferentes, como minorias. As opressões e inferiorização cometidas por uma parte da sociedade que se julga melhor que outra, privilegia alguns e oprimem outros. Diante deste cenário que infelizmente ainda se perpetua até os dias atuais, queremos destacar a importância dos nossos discursos enquanto pessoas que lutam em busca de minimizar situações de preconceitos e de inferiorização contra aqueles que são tidos como minoria, bem como das nossas práticas diante da sociedade a qual estamos inseridos.

Aprofundar nossos conhecimentos nas práticas populares em saúde é um meio de buscar minimizar as ações de humilhações e preconceitos sofridos pelos quilombolas, pois traremos em nossa pesquisa o valor e os saberes que advêm desses sujeitos e nos posicionarmos contrários a qualquer tipo de discriminação, abuso e intolerância, é algo fundamental nesse momento que vivemos, e para isso, nos debruçamos na busca de conhecer, entender e vivenciar momentos que poucos conhecem e a partir deles demonstrar um pouco mais das tradições e da cultura africana, na busca de demonstrar seus saberes e suas práticas, além de mostrar o seu valor, a sua cultura e os seus saberes.

Essas práticas de empoderamento² do ser humano, que ultimamente têm se tornado fundamentais diante dessa conjuntura a qual estamos inseridos/as, são em busca de combater os resquícios de uma sociedade escravocrata que foi erguida através da segregação e da humilhação de pessoas que são iguais (em direitos e deveres) aos que lhes humilharam. Ribeiro (2020) relata a origem do nosso país a partir do sangue derramado dos indígenas e consequentemente dos africanos. Gomes (2022), retrata que cerca de 5 milhões de homens, mulheres e crianças foram trazidos para o nosso país para serem escravizados e cerca dessa mesma quantidade também foram trazidos, mas não suportaram a viagem ou ao primeiro ano de escravidão. O nosso país tem em sua história momentos marcantes de dor e de vergonha, haja visto o que foi praticado com algumas etnias que vinham para cá. De acordo com Oliveira (1997) de todas as situações de preconceito racial no Brasil, a que mais marcou a história foi a escravidão do povo negro.

Os negros eram arrancados das suas terras e das suas famílias a força, vinham para cá trazidos em condições precárias e em porões de navios negreiros e tumbeiros³, sem higiene, sem as condições mínimas de permanência e sem a vontade própria de estarem naqueles ambientes. Ao chegarem aqui, eram vendidos como mercadorias, forçados a trabalhar sem ter direito a nenhum tipo de recompensa e quando faziam algo que desagradava ao “seu dono” eram amarrados e torturados, em algumas situações eram machucados ao ponto de irem a óbito.

² Refere-se a um movimento de emancipação individual, no qual o objetivo central é ter domínio sobre a própria vida, seus feitos e suas práticas. Não tem ligação com ser superior a outra pessoa, nem se torna poderoso, mas significa compreender que temos direitos iguais.

³ Era o nome dado a um tipo de navio de pequeno porte que fazia o tráfico de africanos para o Brasil na época da colonização.

A partir da luta dos abolicionistas em busca de minimizar ou até mesmo erradicar a escravidão, algumas leis (a exemplo da Lei do Ventre Livre e Lei dos Sexagenários) foram pensadas, embora seus idealizadores tivessem o intuito de diminuir a prática da escravidão no Brasil, o interesse maior dos seus criadores era de proporcionar aos grandes proprietários de terras uma recompensa financeira pela perda das suas “propriedades”, ou seja, com a libertação daqueles que promoviam um ganho financeiro aos “seus senhores”, haveria uma queda nos lucros daqueles que tinham nessas ações um bom negócio e obtinham através dessas transações bons lucros financeiros.

Muitos anos se passaram até haver a libertação dos povos escravizados, porém a prática do racismo e da indiferença praticada contra o povo negro continuam presente atualmente. Uma palavra, uma brincadeira, um gesto, um olhar são algumas das ações que demonstram essas práticas. Os negros não sofrem mais com a escravidão, como ocorria antigamente, porém determinadas situações do cotidiano levam-no a uma situação constrangedora e humilhante.

Visando o combate das práticas que inferiorizam uma pessoa devido a cor do seu tom de pele, leis foram criadas para assegurar-lhes alguns direitos, a exemplo da Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, a qual busca minimizar as exclusões sofridas pelos descendentes dos povos africanos no nosso país, pois em qualquer situação que envolva um negro é passível de uma abordagem discriminatória. De acordo com Gomes (2022), a política de cotas que foi criada no nosso país é de suma importância para assegurar aos afrodescendentes as mesmas oportunidades que os brancos têm, já que no passado foram tiradas dos seus ancestrais qualquer perspectiva de melhoria de vida.

Ainda segundo Gomes (2022), qualquer política pública que seja ou que foi criada para promover a igualdade de direitos dos afrodescendentes é importante para que seja reparado toda falta de oportunidade que lhes foram negadas e só assim lhes proporcionarem oportunidades de estarem em lugares de destaque como quaisquer outra pessoa e não apenas em cargos que exijam a força bruta ou em serviços insalubres.

. Por alguns momentos, vivenciamos na sociedade a falta de oportunidades e até mesmo reproduzimos ideias românticas relacionadas ao racismo. Ainda respaldada em Ribeiro (2020), precisamos defender as políticas públicas e a redemocratização do ensino, pois somente a partir desses pontos é que diminuiremos as diferenças existentes entre os brancos e aqueles tidos como minorias, a exemplo de quilombolas, indígenas, ciganos, entre outros.

Devido a esse passado triste e vergonhoso que acompanha a história do nosso país, entendemos que os negros merecem todo o respeito e admiração por parte da sociedade, pois, eles são tão humanos quanto todas as outras pessoas, não pelo simples fato de que existem leis garantindo seus direitos ou o estado efetivando, mas porque é um direito de cada ser humano. Rabenhorst (2008) coloca que:

O que se convencionou chamar “direitos humanos” são exatamente os direitos correspondentes à dignidade dos seres humanos. São direitos que possuímos não porque o Estado assim decidiu, através de suas leis, ou porque nós mesmos assim o fizemos, por intermédio dos nossos acordos. Direitos humanos, por mais pleonástico que isso possa parecer, são direitos que possuímos pelo simples fato de que somos humanos. RABENHORST (2008, p.16)

Infelizmente, muitos membros da sociedade não valorizam o conhecimento e os costumes advindos de outras realidades diferentes das que são tidas como “as normais”, porém é de total relevância conhecermos e compreendermos a sua origem e a sua atuação no nosso meio, como é o caso da cultura africana, a qual retrata toda a vivência daquelas/daqueles que são praticadas pelos povos que são oriundos dos negros que outrora foram escravizados e arrancados da sua pátria. Para Ribeiro (2020), aceitar e compreender que a nossa cultura nasce da mistura de outras é de total importância pois, a base desse país foi a escravidão, inicialmente dos indígenas e depois dos africanos, então, não temos como pensar as diferenças como forma de aniquilação, mas sim construir pontes ao invés de muros.

Os quilombolas, que são os descendentes dos povos que foram escravizados, buscam com suas ações, falas e práticas perpetuar a sua descendência, as suas raízes e os seus costumes. Muitas das suas práticas são vivenciadas nas nossas realidades e reproduzidas por nós, mesmo que seja com atos que, não sabemos ao certo de onde vinham. Retratar a cultura africana é trazer para as nossas discussões realidades as quais praticamos no nosso dia a dia, na culinária, no dicionário, na religiosidade e nas práticas de saúde.

Os costumes repassados pelas gerações mais antigas nos permitem um contato direto com essa tradição, com esses costumes e com essas práticas. Como exemplo, podemos citar as práticas populares em saúde, que é uma realidade vivenciada por diferentes pessoas da sociedade, a exemplo de quilombolas, indígenas, ciganos e adeptos dessa prática milenar, ações que são vivenciadas por muito tempo, que vêm

ultrapassando gerações e que com sua eficácia tem se tornado uma realidade no nosso meio.

Nem sempre conhecemos a origem da nossa ancestralidade, porém o nosso modo de agir e de viver traduz muito quem somos e de que maneira vivemos, as práticas que reproduzimos na nossa casa, certamente são originárias dos nossos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, da nossa cultura, das nossas raízes, do que vemos e ouvimos, além de tudo que vivenciamos. Diante dessa nossa produção, achamos pertinentes apresentar os nossos objetivos, a nossa problemática, bem como alguns momentos da nossa trajetória pessoal, transmitindo assim os nossos sentimentos diante da nossa pesquisa e da nossa vivência enquanto pesquisadora da Educação Popular.

1.1 – A elaboração da problemática da pesquisa e sua relevância

A escolha de um problema de pesquisa, sempre traz como ponto principal uma inquietação manifestada pelo pesquisador/pesquisadora, sendo assim, ela nunca é uma escolha aleatória, ela busca responder ao seu investigador bem como aos interessados por ela a respeito da realidade vivenciada, nos permitindo conhecer e propor mudanças caso seja necessário.

Desta maneira, propomos com os resultados dessa investigação colaborar com ações que promovam e beneficiem a vida de muitos usuários desta prática. Assim esperamos partilhas de contribuições que incentivem a realização de um novo conhecimento ou com aqueles já produzidos.

Nesses escritos, trazemos a trajetória da Educação Popular e da Educação Popular em Saúde, em especial com as práticas dos povos quilombolas e a sua sabedoria popular, bem como a demonstração de práticas e ensinamentos vivenciados pela comunidade de Caiana dos Crioulos, comunidade a qual está sendo o nosso ponto de apoio para as nossas pesquisas de campo, de vivência enquanto pesquisadora participante e que irá nos ofertar os diálogos, as imagens, os processos educativos e a transmissão da realidade da localidade para a produção desta obra.

Respaldaremos nossa pesquisa em autores renomados e atuais, os quais enfatizam a nossa abordagem e constroem um diálogo atual e sólido, a exemplo de Gomes, Ribeiro, Oliveira, Vasconcelos, Lopes, Freire dentre outros. Visando uma maior contribuição nessa área, buscamos nos aproximar bem mais da literatura e da realidade

para proporcionar aos nossos leitores e colaboradores uma discussão mais ampla e completa referente as Práticas Populares em Saúde a partir da sabedoria e das experiências do povo quilombola.

Como objetivos, a presente pesquisa visa:

Objetivo Geral:

*Analisar os processos educativos das práticas populares em saúde na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos.

Objetivos Específicos:

*Identificar as práticas populares em saúde na comunidade,

*Analisar como se desenvolvem os processos educativos no contexto de tais práticas populares.

*Evidenciar desafios e perspectivas para o campo da Educação Popular em Saúde a partir da análise emergente dos processos educativos e das práticas populares de saúde estudadas.

1.2 - O lócus da pesquisa

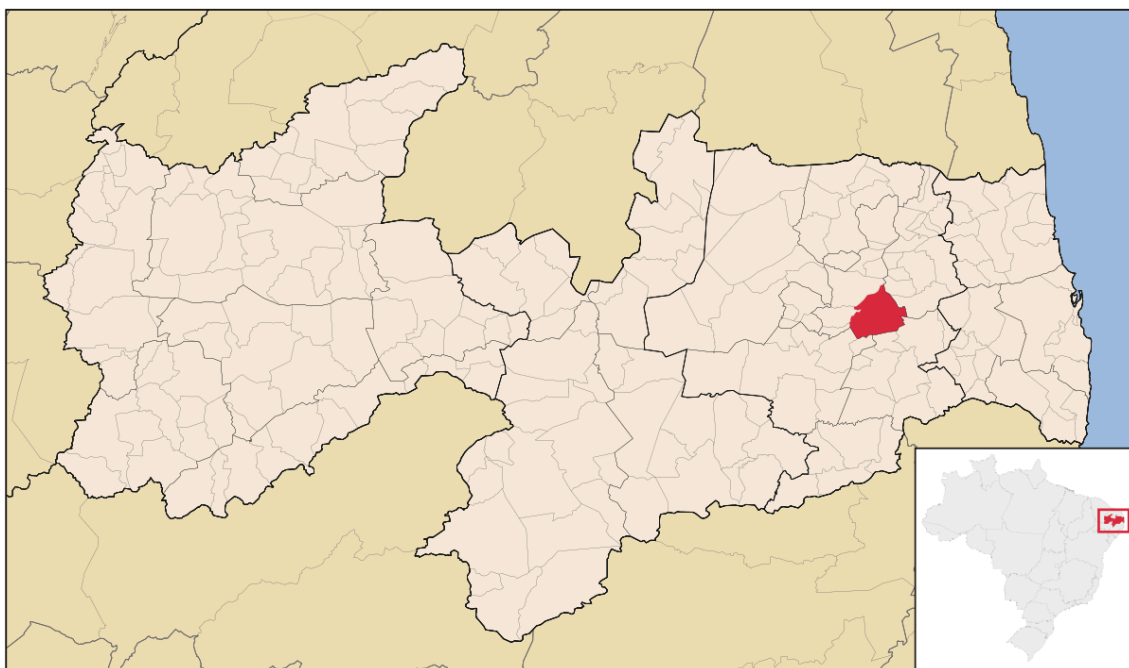
O nosso campo de pesquisa é uma comunidade quilombola, denominada de Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande, estado da Paraíba, fica situada há cerca de 12 km da sede do município, portanto, sediada na zona rural. Contando com cerca de 140 famílias, aproximadamente 600 pessoas ⁴, a comunidade resiste ao tempo, a escravidão e a opressão histórica há cerca de 300 anos. Caiana, é uma comunidade bastante conhecida pelos seus saberes, pelas suas riquezas e por sua ancestralidade compartilhada, pois serve de inspiração para outras comunidades e de campo de conhecimento para muitos pesquisadores que almejam contar a sua história de luta e de resistência.

Embora a comunidade exista há aproximadamente três séculos, apenas no ano de 2020 é que receberam o título de posse das terras onde residem, graças ao decreto nº

⁴ Informação concedida pela agente de saúde da comunidade, a senhora Elza Sulino.

4.887/2003 do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva que regulamentou o reconhecimento, demarcação, identificação e titulação das terras que eram ocupadas por povos remanescentes de quilombos. A posse da terra demorou chegar aos quilombolas devido uma pendência judicial que envolvia o Sítio Sapé, que é a localidade em que a comunidade está inserida.

Ilustração I - Localização do município de Alagoa Grande, no mapa da Paraíba



Fonte: Mapas Blog, disponível em <https://mapasblog.blogspot.com/> Acesso em 18 set. 2020.

Ilustração II - Localização do Quilombo de Caiana dos Crioulos na Paraíba



Fonte: Mapas Blog, disponível em <https://mapasblog.blogspot.com/> Acesso em 18 set. 2020.

1.3 - A organização da pesquisa

Referente a organização da pesquisa, a escrita segue a seguinte estrutura.

No primeiro capítulo damos início a introdução, ao que se refere a temática e a sua relevância para a comunidade, trouxemos um relato sucinto da familiaridade da pesquisadora com o tema pesquisado (as minhas memórias), o percurso teórico-metodológico, bem como um resumo do que se apresentará em cada capítulo a seguir.

No segundo capítulo temos um encontro com a Educação Popular, um diálogo do que se entende por Educação Popular, seguido do que é Educação Popular em Saúde e a compreensão sobre a mesma.

No terceiro capítulo, trouxemos um resgate do contexto popular, enfatizamos as práticas populares em saúde dos povos africanos e os saberes populares advindos desses povos tradicionais, além de retratarmos a saúde dos povos quilombolas no contexto brasileiro.

Já no quarto capítulo, temos a descrição dos povos quilombolas, os seus saberes e os conhecimentos que trazem consigo, trouxemos também a descrição da comunidade pesquisada e o cuidado que os moradores têm com a saúde.

E no quinto e último capítulo, temos os escritos a respeito da nossa vivência com os membros da comunidade, seguidos dos resultados das investigações, discussões e reflexões dos saberes alcançados.

Como passo inicial dessa pesquisa buscamos o conhecimento e a aproximação com o tema abordado, a reflexão crítica a respeito de cada conceito, a busca de referencial teórico e a discussão dos dados que foram discutidos através da mesma.

II - ENLACES DA VIDA DA PESQUISADORA COM A CULTURA QUILOMBOLA

*[...] sou negra, mulher,
de origem pobre,
e, se essas palavras
não são suficientes
para me definir,
afinal, que etiquetas
dão conta do que é
uma pessoa?*

(SANTANA, 2015, p.27)

Inicialmente, quero descrever quem sou, quem fui e o que me motivou para eu chegar aonde estou. Nunca fiz parte de movimentos sociais como membro participante, mas sempre me vi com desejo de lutar ao lado dos menos favorecidos e buscar igualdade social para todos. Buscarei expressar toda experiência que tive no passado para referenciar minhas ações do presente.

Eu fui a primeira filha de um casal de poucas posses financeiras e de tom de pele escura, meu pai policial militar reformado, oriundo do estado vizinho de Pernambuco, alto, forte e negro. Meu pai não tinha muitos estudos, pois para ser policial naquela

época, não precisava ter curso superior; minha mãe, mulher de poucos estudos, dona de casa, nascida na zona rural do interior paraibano. Meus pais se conheceram na cidade natal da minha mãe (Cuitegi - PB), devido ao trabalho que ele exercia, ele conheceu muitas pessoas, conviveu com muita gente e se deparou com diferentes culturas, pois trabalhou em diversos municípios paraibanos.

ILUSTRAÇÃO III – IMAGEM DA MINHA FAMÍLIA (EU, PAI, MÃE E IRMÃO)



Fonte: Arquivo Pessoal. Minha família na minha Primeira Eucaristia.
Pai, mãe e irmão, ano de 1995.

Eles passaram a residir neste município por alguns anos, enquanto meu pai trabalhava neste local. Tempos depois, foram morar em Alagoinha /PB, um município que fica vizinho ao anterior e tempos depois eu nasci. Sou cidadã guarabireNSE, pois Guarabira /PB é o município que polariza essa região de comunidades de pequeno

porte. Após meu nascimento, meu pai pediu para sair da polícia militar e foi dedicar-se à criação de gados em um pequeno sítio o qual ele tinha adquirido. Por um longo período, ele cuidou desses animais e dessa pequena propriedade de terras.

Embora meu pai tivesse características africanas, o seu vocabulário e a sua prática não condizia com a sua ancestralidade; as brincadeiras que ele direcionava para outras pessoas não lhe afetavam, o preconceito e o racismo que o mesmo praticava não os fazia entender que ele também era membro atingindo e estava incluso naquele grupo que ele falava tão mal.

Por oito anos eu fui a única filha, não conheci meus avós nem maternos, nem paternos, pois os mesmos já eram falecidos. Por morar no estado em que meus parentes maternos residiam, sempre tive mais contato com eles do que com a família paterna, pois depois que meu pai veio morar e trabalhar nesse estado ele perdeu o contato com seus parentes que residiam no estado de Pernambuco.

ILUSTRAÇÃO IV – IMAGEM DA MINHA FAMÍLIA (EU, MÃE E PAI)



Fonte: Arquivo Pessoal. Meu aniversário de cinco anos: eu e meus pais (Antônio e Mariza). Abril de 1989.

Minha infância foi marcada pela oralidade, pois o meu pai sempre tinha alguma história ou lenda para contar, uma canção popular para cantar, um cordel para recitar, enfim... como um bom nordestino e amante da cultura popular (não quero dizer que apenas os nordestinos vivenciam a cultura popular, mas é que no Nordeste ela é mais aguçada, mais real, mais presente) sempre trazia para dentro da nossa casa, mesmo que

ele não soubesse o que de fato significava as ações que reproduzia, pois naquela época não haviam muitas discussões referentes a essa temática.

Meu pai era um homem bastante inteligente, porém seus conhecimentos não eram considerados científicos, a sabedoria dele era através da prática, da vivência e da oralidade. E isso, fazia com que a transmissão dos seus conhecimentos para mim, tivesse um significado todo especial. Ainda hoje, lembro-me de músicas cantadas por ele, de ensinamentos referente a fé e a crenças, comidas e remédios originários em outras culturas e a força que a oralidade possui em relação aos ensinamentos e a reprodução de conhecimentos.

Nesse período, final dos anos 1980 e início dos anos 1990, já havia pelo Brasil uma efervescência da Educação Popular, porém meus pais não vivenciavam essa prática, não acompanhavam seus desenvolvimentos, não compartilhavam dessa realidade. Meu pai tinha um perfil bastante conservador e autoritário, na nossa casa a última palavra era a dele. Meu pai era um homem machista, homofóbico, misógino, ignorante. Na mesma intensidade que ele nos ensinava valores de boa conduta na sociedade, ele transmitia situações de desprezo e preconceito aos nossos semelhantes.

Minha mãe, uma mulher simples que tinha (e tem) o dom da culinária, uma mulher totalmente submissa ao marido e só fazia o que ele permitia, só ia a algum lugar se ele deixasse, só vestia determinada roupa se ele aprovasse, seus dons se dividiam entre muitas comidas gostosas, tradicionais, quitutes, doces e salgados, como também do uso das plantas medicinais, a exemplo de chá, lambedor e banhos. A regionalidade sempre esteve presente na nossa mesa; assim como os hábitos e costumes advindos de um povo tão alegre, sábio, forte e guerreiro.

As rendas, o crochê, o bordado, a louça de barro, as bonecas de pano, a rede, a colher de pau, a colcha de retalhos, eram alguns dos utensílios que faziam parte da ornamentação da minha casa. A horta no quintal, as plantações de ervas – medicinais, o chá adoçado com mel de abelha, o banho da folha de eucalipto, o lambedor de hortelã com cebola branca para amenizar a tosse, a folhinha de arruda amassada para dor de ouvido, as rezas com as benzedadeiras para tirar o mau olhar, são alguns dos processos populares que envolve a medicina e que marcaram a minha infância.

ILUSTRAÇÃO V – MINHA MÃE REPASSANDO PARA MEU FILHO OS
CUIDADOS COM AS PLANTAS MEDICINAIS.



Arquivo Pessoal. Minha mãe (69 anos) e meu filho (7 anos) regando algumas plantas medicinais, as quais ela cultivava no quintal de casa. Ano de 2022.

As práticas populares em saúde, sempre fizeram parte da nossa realidade, eram ações reproduzidas por todas as mulheres da família. Essa tradição era repassada pelos mais velhos e ultrapassaram gerações. Essa prática era bastante utilizada especialmente por sermos de uma realidade de poucos recursos financeiros, pois um dos motivos de buscarmos a cura nas plantas era devido à falta de dinheiro, em algumas situações não tínhamos condições de comprar remédios da farmácia e acabávamos depositando toda a nossa esperança de cura nas plantas medicinais.

Mas, apesar de todas essas características serem bastante marcantes na minha memória, não sabia eu que reproduzíamos a cultura do povo negro, aqueles que aqui no nosso país foram escravizados, maltratados e humilhados. Povo que ergueu esse país, logo depois que foram obrigados a deixar e viver longe da sua pátria. É bem verdade que de fato não conheço minhas raízes, não sei ao certo de qual etnia são os meus ancestrais, de que povos descendem, de que local se originou, só sei que me sinto negra,

me aceito como alguém que descendem daqueles que foram arrancados das suas terras, do seu povo e da sua cultura. O tempo foi passando e quanto mais eu conhecia a história da formação do povo brasileiro mais certeza eu tinha de que essa originalidade mexia com meus sentimentos, com meus desejos e com os meus anseios.

Apesar dos nossos traços serem bastante marcantes, em especial os do meu pai, eu sempre ouvia dele piadas racistas e preconceituosas com o nosso tom de pele. E não entendia como ele próprio não se aceitava do jeito que ele era e como ele nos menosprezavam devido nossos traços físicos. Não sei se as ações que ele praticava eram involuntárias e reproduzia simplesmente o que ouvia, ou se ele mesmo passava a acreditar no que outros diziam e sentia prazer em diminuir os seus semelhantes.

Mesmo eu sendo criança e em seguida adolescente não conseguia compreender as piadas contadas pelo meu pai, ao que se referia a ele mesmo, pois eu sempre tive em mente que todas as pessoas são iguais nos direitos e deveres, que ninguém é melhor ou pior por ser branco ou negro, por ser velho ou novo. Ainda eu sendo uma criança e vivendo em um ambiente preconceituoso, eu me inquietava com aquela situação, não sei ao certo o que me despertava para ter essa consciência de que algo deveria ser mudado, mas acredito que o diferencial era ver meu pai falar mal de outras pessoas e não fazer uma autoavaliação, não se aceitar como parte daquele povo o qual ele zombava.

Eu tive uma infância muito bem vivida, tomei banhos de chuva, de rios, joguei bola na rua, brinquei de bonecas, de casinha, subi em árvore, comi manga colhida direto do pé, bebi leite ainda dentro do curral, comi frutas fresca, brinquei com animais, ou seja, tive uma infância saudável e inesquecível, esses fatores contribuíram bastante para as memórias que tenho hoje. Televisão na minha casa não existia, apenas um radinho de pilhas, telefone só era usado quando um parente morria e tínhamos que ir ao posto telefônico da cidade para comunicar aos outros membros da família, o que nos restavam a fazer depois do jantar era ouvir as histórias do passado contadas pelas pessoas mais idosas.

Algumas das histórias que eu ouvia, quase sempre contadas pelo meu pai me faziam refletir bastante, pois sempre me disseram que eu era bastante curiosa e essa “curiosidade” me levavam a imaginar situações que eu entendia como ser boa mesmo quando era tida como ruim. — “Se negro fosse gente, urubu era doutor”, essa era uma frase muito reproduzida no meio em que eu vivia. E mesmo na minha inocência de criança, e sem compreender o sentido real do racismo, eu ficava buscando encontrar

algo de bom para amenizar a piada, enfim, eu não compreendia aquela metáfora e ficava incomodada com aquela situação.

Mas, eu cresci e essas dúvidas me corroeram até a minha chegada à Universidade, pois por mais que eu indagasse alguém a respeito dessas ações, ninguém me deu uma resposta convincente e eu também não achava uma explicação científica, pois não convivia com pessoas que estudassem ou pesquisassem essa temática.

Como eu venho de uma família de poucas condições financeiras, eu não tive a oportunidade de sair do ensino médio e adentrar na academia, pois nesse período eu já tinha alcançado a maior idade e não disponibilizava de recursos financeiros, meu pai já era falecido e eu precisava trabalhar para me manter, haja visto que minha mãe sozinha não conseguia manter dois filhos, pois nesse período erámos apenas três. Enquanto eu trabalhava no comércio, prestei dois vestibulares, porém não obtive êxito e tive que parar o sonho de cursar o ensino superior; por dois anos esse sonho ficou adormecido, visto que naquele momento trabalhar era mais necessário do que cursar uma universidade.

Enquanto não era estudante de um curso superior, fiz um curso técnico para professora da educação básica, o tão badalado Curso Normal, aquele curso nos preparava para lecionar nas séries iniciais, e tinha a duração de quatro anos e só após a sua conclusão foi que prestei o tão almejado vestibular, dessa vez fui aprovada, e cursei Pedagogia na UEPB (campus de Guarabira), que é um município vizinho ao meu.

No ano de 2008 eu adentrei a faculdade e por volta do terceiro período eu tive um professor negro, africano, ministrante do componente Educação e Multiculturalismo que me marcou demais. Esse professor, me despertou para situações que outrora me incomodava, que me deixava apreensiva e que eu não conseguia compreender. Talvez pela minha inexperiência de vida, pelo meu pouco conhecimento científico, enfim...

A primeira aula ministrada pelo professor Luiz Tomás Domingos⁵, fazia uma busca pela nossa descendência, a nossa origem, a árvore genealógica da nossa família; com esse professor conhecemos além das nossas raízes, fomos a fundo buscar a nossa ancestralidade e aprendemos bastante a respeito da cultura africana.

Ali eu me sentia contemplada e compartilhava com as demais colegas (haja visto que era uma turma formada apenas com mulheres) os mesmos desejos de igualdade para todos/todas. Entendíamos que os direitos não perpassam pela cor da pele, ou pelas

⁵ Atualmente o professor Luis Tomás Domingos atua como professor da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Ceará/Brasil.

características físicas. Os direitos devem ser e são de todos os cidadãos independentes de cor, raça, orientação sexual, religião ou modo de viver. Além das aulas do professor Luís Tomáz Domingos serem um bálsamo de conforto para esclarecer as situações sofridas pelas pessoas que fazem parte desta cultura, elas também me despertavam para buscar uma melhor valorização para esses seres humanos que possuem direitos iguais a quaisquer outros.

Enquanto graduanda do curso de Pedagogia, apenas o componente curricular ministrado pelo professor Luís Tomáz Domingos abordava essa temática, outros professores sequer tocavam neste assunto, no curso não havia um olhar especial para tal e no Campus universitário apenas o curso de História e alguns professores trabalhavam essa temática, em nenhum momento enquanto eu estava como cursista daquela instituição tivemos algum evento relacionado a temática negra, nem tampouco havia projetos de extensão; acredito que por ser um curso ainda em experimentação (pois minha turma era a segunda a adentrar no campus) alguns aspectos não foram abordados.

Naquela época como estudante da graduação eu não tinha a compreensão da necessidade de explorar essa temática, de buscar adentrar bem mais no conteúdo e na prática, hoje com um pouco mais de experiência, me pergunto como foi que um curso de graduação, que estava formando pedagogos e pedagogas não atentaram para essa necessidade de explorar a cultura afro, a Lei 10.639/2003⁶ e realizar uma abordagem bem mais significativa para atender aqueles futuros profissionais. Pois, trata-se de um tema bastante pertinente ao que se refere a nossa realidade social e cultural.

Como a minha realidade nunca foi fácil, e eu também não tinha quem custeasse minhas despesas, precisei trabalhar em um horário contrário ao do curso e minha estadia naquela universidade sempre foi marcada pela preocupação em dá conta de todo o conteúdo administrado pelos professores e o trabalho que eu desempenhava em uma escola particular a qual eu lecionava e estava localizada no mesmo município da universidade. Por se tratar de um curso novo em um campi do interior, com um espaço físico pequeno, com a maioria dos seus professores na função de substitutos e que provavelmente seus contratos só durariam 24 meses, não tínhamos incentivos para adentrar na pós-graduação, nem me recordei haver um grupo de pesquisa o qual adentrasse em uma determinada temática ou algum tipo de projeto de extensão.

⁶ A Lei 10.639 é uma lei brasileira que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que já faz parte da grade curricular do ensino fundamental e médio.

Enquanto graduanda, mal se ouvia falar em bolsas assistenciais, projetos de pesquisas ou eventos que envolvessem os estudantes e direcionassem para uma temática que poderiam envolver seus alunos e despertá-los para uma possível pós-graduação na área escolhida. Nessa trajetória, lembro – me ter participado apenas de dois eventos voltados para a área de Pedagogia com enfoques para a Educação Infantil, um ocorreu no pólo de Campina Grande, aonde fomos e participamos da programação e o outro no próprio Campi de Guarabira, nesta oportunidade, participamos com apresentação e exposição de trabalho assim como monitora de uma professora a qual ministrava um mini curso; ou seja, durante cinco anos de curso só me recordo de ter participado de um evento local, o qual teve a frente o curso de Pedagogia.

Cursei a graduação e mesmo vivenciando algumas dificuldades consegui concluir; não foi fácil, não foi da maneira que eu imaginava, mas foi da maneira que foi possível realizar. Sempre depois das aulas, no final de um semestre ou na conclusão do curso, ficava com a sensação de que poderia ter aprendido mais, que deveria ter me dedicado mais, ou que algumas situações deveriam ter sido diferente, mas concluí. Porém após a conclusão do meu curso é que foi possível me despertar para uma possível pós-graduação, publicações de artigos, participações em eventos e etc. Mas, preferi me dedicar ao trabalho e seguir carreira na profissão de educadora infantil.

Mesmo tendo que trabalhar e estudar, fiz o que estava ao meu alcance para conciliar as duas atividades. Eu sempre desejei ter um diploma de curso superior, eu sempre gostei de estudar, eu sempre ouvi do meu pai que através do estudo poderia conseguir uma vida melhor e assim busquei fazer, trabalhava no comércio o dia inteiro e a noite mesmo cansada, e às vezes com fome (pois não tinha tempo de comer) ia para a universidade. Foi trilhando por esse caminho durante cinco anos que consegui o meu diploma de Pedagoga.

ILUSTRAÇÃO VI – IMAGEM DA MINHA COLAÇÃO DE GRAU DO
CURSO DE PEDAGOGIA



Arquivo Pessoal: Recebimento do meu título de Pedagoga. Ano de 2012

O curso o qual eu tinha concluído sempre fazia menção ao Pedagogo como alguém que se preparava para atuar em sala de aula, minimizando as oportunidades que os mesmos têm em outras funções. E assim eu buscava dar continuidade ao que tinha aprendido, focando no lecionar, buscando públicos de idades diferentes, mas o foco principal era o “ser professora” e com essa realidade eu via o sonho de um mestrado como algo muito distante da minha realidade.

Eu me preparava bastante para as aulas, pesquisava, preparava atividades, planejava aulas lúdicas, fazia planejamento e realizava o que de melhor eu podia fazer

para os meus alunos compreenderem os conteúdos ministrados, mas em alguns componentes curriculares, eu sentia uma dificuldade imensa, pois os conteúdos ficavam com a impressão de que não estavam completos ou o que nos passavam não eram verdades, enfim, aquela situação de estar incompleto me inquietava muito e essa inquietação não me permitia compreender algumas situações vivenciadas na realidade da sala de aula.

Tempos depois, após adquirir experiências e acumular leituras compreendi que aquelas inquietações eram sentidas porque as reproduções de práticas milenares eram reproduzidas em pleno século XXI, que não falar da cultura afro, da invasão portuguesa as terras indígenas, que esconder alguns acontecimentos marcantes da nossa história ajudava a perpetuar o preconceito, a discriminação e a desvalorização da cultura do povo brasileiro. E essa lacuna só foi sendo preenchida após alguns anos de estudos e de experiências em sala de aula, na busca de compreender cada um dos nossos alunos.

Antes mesmo de concluir o curso de graduação, comecei a lecionar para crianças do segundo ano do ensino fundamental menor, a escola era da rede privada e não estava dentro dos padrões considerados como “escola da elite”, com aproximadamente 200 estudantes recebíamos crianças e pré-adolescentes de diferentes modos de viver, mas não havia nenhum planejamento que buscasse referenciar essa etnia, seus hábitos e seus costumes. Nos planejamentos de conteúdos se quer tocavam nesse tema e as atividades que faziam alguma referência a essa abordagem era apenas no dia 20 de novembro, que é a data que se comemora o Dia da Consciência Negra.

ILUSTRAÇÃO VII – IMAGEM DA MINHA PRIMEIRA TURMA DE ALUNOS/ALUNAS DO FUNDAMENTAL I.



Fonte: Arquivo Pessoal. Minha primeira turma como professora. Ano de 2009.

Essa situação era algo que me deixava bastante inquieta, pois eu não conseguia entender como era que uma escola que atendia uma diversidade de alunos não trabalhava suas culturas, suas práticas e seus costumes, mesmo sabendo que o Brasil é um país de tamanho continental com suas dimensões gigantescas e seu povo ser o resultado de uma miscigenação inigualável, não há condição nenhuma de não haver o respeito, a busca da identidade, a valorização da cultura e das suas raízes, diante da realidade do seu povo.

Essa realidade a qual eu vivenciei como educadora, não era uma particularidade apenas daquela unidade educacional, pois anos mais tarde ao trabalhar em outras escolas, pude comprovar que era uma prática comum, que a diminuição dos direitos das pessoas pela cor de pele, por gênero e por orientação sexual é algo que ocorre diariamente, que acompanha a humanidade por bastante tempo e que são ações reproduzidas que possuem uma grande força perante a sociedade. Para desconstruir essas situações é necessária uma mudança de pensamento e de ações, as nossas atitudes

têm que ser repensadas e compartilhadas para que haja uma conscientização da sociedade perante a nossa prática.

Enquanto educadora dessa escola e ainda bastante inexperiente na profissão não me considero como alguém que realizou bastantes feitos para aquelas crianças; seguíamos orientações dos coordenadores escolares e o nosso foco principal era apenas a transmissão de conteúdo. Com a experiência que tenho hoje, compreendo que não formávamos aquelas crianças para a vida, que não debatíamos conteúdos que fossem temas importantes para a vida em comunidade, preparávamos apenas para a recepção dos conteúdos programados pelos livros didáticos e para se sair bem nas provas.

Em nenhum momento realizávamos rodas de diálogos para tratar dos direitos e da vivência dos povos indígenas, quilombolas, sem-terra, enfim. A transmissão do conteúdo bastava, e “esses assuntos” eram deixados de lado, compreendidos como algo sem importância ou sem interesse, até porque nós não fazemos parte desse grupo, pois nenhum aluno era negro, o máximo que tínhamos na escola eram pessoas “morenas” e que não sabiam das suas origens, nem buscavam saber. Para que se preocupar se não nos diz respeito, se não vai influenciar em nada nas nossas vidas? E dessa maneira foi marcada a minha estreia como professora.

Ainda quando cursava a graduação, eu recebi uma oportunidade de emprego por um período de um ano em uma escola de um município vizinho de onde moro, no município de Alagoa Grande/PB nesta localidade havia uma comunidade quilombola da qual alguns adolescentes estudavam; apesar do trabalho de interação que havia por parte do corpo docente da escola, a segregação sofrida pelos alunos quilombolas eram visíveis e muitos deles acabavam se evadindo da unidade educacional, e eram situações como essas que me inquietavam e me fazia pensar em novas ações e novas diretrizes para tais condições.

ILUSTRAÇÃO VIII – IMAGEM DE UMA DAS TURMAS DE ALUNOS/ALUNAS DO CURSO NORMAL.



Fonte: Arquivo Pessoal. Turma do 4º ano do Curso Normal. Ano de 2011.

Quando havia trabalhos em grupos nem todos os estudantes queriam compartilhar suas atividades com um negro, quando as equipes eram formadas apenas por alunos afrodescendentes, alguns dos demais não davam ouvidos ou se quer prestavam atenção nos colegas; em alguns momentos e situações que eventualmente aconteciam os quilombolas eram desacatados apenas pelo seu tom de pele, eram tidos por alguns como incompetentes, incapazes, “burros”⁷... Ao ouvir de alguns estudantes a respeito dessas situações entendemos que muitos alunos não suportam as humilhações e desistem de estudar e de buscar uma vida melhor.

O corpo docente da escola a qual trabalhei, sempre fez o que estava ao seu alcance para que seus estudantes se sentissem e vivenciassem um ambiente acolhedor e harmônico para todos/todas, mas infelizmente o racismo é estrutural, é uma prática que transpassa gerações e que necessita ser combatida dia após dia, em qualquer lugar e com qualquer pessoa. Ribeiro (2020), diz que a prática do racismo deve ser combatida dia a

⁷ É um xingamento que se refere a pessoas que são consideradas como alguém que não possui inteligência.

dia, a partir das nossas ações, gestos e palavras, pois um ato involuntário ou impensado pode ser uma maneira de reproduzir o racismo e mesmo com uma política de boa convivência com os alunos, infelizmente ainda havia algumas situações que promoviam ou facilitavam a evasão escolar.

Quando eu fico a pensar naquela experiência que vivenciei, fico indagando a respeito da dificuldade que algumas pessoas têm em enxergar o próximo a partir das potencialidades que eles/elas disponibilizam, o saber cultural vivenciado pelos quilombolas é algo riquíssimo e que poderia ser usado para engrandecer momentos de debates e discussões pedagógicas, mas infelizmente não são valorizados por todos/todas.

Mas, há um ditado popular que diz que só entendemos a dor do outro quando sentimos na pele a própria dor, e assim ocorreu comigo, o tempo foi passando e eu fui contemplada com o dom da maternidade e como não poderia ser diferente meu filho nasceu negro, do cabelo crespo e dos lábios grossos, ou seja, com todas as características das pessoas negras. Meu orgulho é imenso pelo filho que tenho, porém eu me preocupo bastante com o mundo o qual recebeu meu filho e as demais pessoas que possui o nosso bio-tipo.

Embora na minha adolescência e enquanto estive na universidade eu tivesse me inquietado bastante com o racismo e a causa do povo negro, eu não fiz nada para poder minimizar essa prática, é claro que li a esse respeito, debatia, buscava compreender as situações e as dores dos quilombolas, mas mesmo assim ainda não havia uma ação concreta a esse respeito. Porém, quando meu filho nasceu nós recebemos a visita de um familiar e a primeira frase que ela expressou foi: __ “mas ele é escurinho né? ”, naquele momento eu senti o gosto amargo do racismo e daí pensei que não dava mais para ficar calada a esse respeito.

ILUSTRAÇÃO IX – IMAGEM DO MEU FILHO NO MEU COLO



Fonte: Arquivo Pessoal. João Davi com 2 meses de vida. Agosto de 2014.

O preconceito existe, ele é real, nós sofremos com olhares desconfiados, com piadas maldosas, com comentários sem graça e muitas das vezes com o desprezo e o descaso, são músicas que ofendem e menosprezam o negro/negra, são piadinhas racistas e preconceituosas com as mulheres negras, são as tentativas de menosprezar e de diminuir intelectualmente, mas, o que muitos não sabem e que precisamos propagar é a sabedoria popular que tem origem na cultura negra, na ancestralidade quilombola, nas práticas populares, na sabedoria que é repassada de geração a geração.

A contribuição da cultura afro para o nosso país é vista em diversos aspectos da nossa realidade, na culinária, no vocabulário, na religião, na dança, na música, no vestuário, na saúde, são alguns dos espaços que receberam influências africanas. Diante desses feitos, não podemos negar a sua importância para a nossa cultura e também para

a nossa vivência. Não podemos deixar de enfatizar a colaboração dos africanos para a formação da nossa sociedade e da nossa cultura.

Em um determinado momento, meados do ano de 2013 para 2014, já tendo concluído o curso de Pedagogia, me aventurei em alguns Cursos de Especializações os quais as temáticas me despertavam interesses. Primeiramente cursei Educação e Supervisão Escolar (FACISA), haja visto que já tinha interesse em possuir a minha própria escola e precisava me preparar para isso. Em seguida, cursei outra Especialização, a qual tinha como temática Gênero e Diversidade na Escola (UFPB/Virtual), neste período eu engravidei e concluí já com meu filho nos braços e a partir desse momento e desse contexto toda a minha vida mudou; como pessoa e como profissional, comecei a enxergar situações que anteriormente passavam despercebidas aos meus olhos.

Ao me tornar mãe, me senti mais responsável, mais preocupada com o mundo o qual estou deixando para meu filho e procurei uma causa para dedicar a minha vida. Eu sempre tive o desejo de me tornar Assistente Social e poder fazer da minha profissão um meio de ajudar as pessoas menos favorecidas (economicamente falando) e excluídas da sociedade; descobri que sendo Pedagoga também era possível realizar o meu desejo e assim eu fiz. Me dediquei a educação, estudei, batalhei e consegui alçar voos, trabalhei no meu município e em mais dois municípios vizinhos (Alagoa Grande e Guarabira) e conquistei meu espaço como educadora de séries iniciais.

Nesse mesmo período conheci o professor Assis Souza de Moura do Curso de Comunicação Social da UFCG, o mesmo era professor do meu irmão Edielson e juntos eles participavam de um grupo de estudo o qual promovia apoio aos estudantes que tinham interesses de publicar artigos em livros e revistas, o professor Assis coordenava esse projeto e auxiliava a quem tinha interesse em prosseguir seus estudos em pesquisas e publicações. Ao saber dessas ações pedi auxílio a esse referido professor para que me abrisse as portas de um futuro o qual eu desejava, mas até então não tinha oportunidade.

Foi então, que a partir daí comecei a pesquisar e escrever a respeito da cultura negra e dos quilombolas, trouxe essa temática para diferentes aspectos da realidade e da sociedade a qual estamos inseridos (as), nessa jornada de publicações sempre fui auxiliada pelo meu irmão Edielson, o qual na oportunidade era mestrando e o maior idealizador de que eu continuasse a escrever, a publicar e a estudar. A partir do nascimento do meu filho, me vi no dever de me aceitar e me compreender como alguém que precisa se aceitar e lutar por dias melhores, por oportunidades dignas e igualitárias

para todos e todas. Nesse processo de pesquisa e escrita, me lembrava bastante das alunas quilombolas que tive há algum tempo atrás enquanto lecionava no vizinho município de Alagoa Grande, recordava-me da dificuldade daquelas moças (não tínhamos rapazes da comunidade estudando naquela escola) que andavam quilômetros e quilômetros em busca de um aprendizado científico enquanto muitas vezes eram discriminadas por possuírem tantos conhecimentos populares e milenares que acompanhavam seu povo.

Quando meu filho tinha apenas 6 meses de vida, eu montei uma escolinha particular aqui na cidade onde moro, essa escolinha tinha o intuito de atender crianças da educação infantil e crianças do fundamental I para aulas particulares de reforço escolar, sendo essas modalidades nos turnos manhã e tarde, no turno da noite, recebíamos alunos do Programa Brasil Alfabetizado⁸, que era um programa dos governos federal e estaduais que ofertavam uma bolsa de R\$ 400,00 para o alfabetizador que tivesse uma sala de aula destinada a alunos adultos que tinham o interesse de serem alfabetizados e de R\$ 600,00 para os coordenadores de turmas.

Enquanto educadora das séries iniciais e com uma vivência bem mais atual da realidade pude fazer bem mais do que antes no que se refere a conscientização e o diálogo entre as diferenças. Na escola a qual estive e ainda estou a frente, temos dito todos os dias o quanto é importante respeitar as diferenças, aceitar que não somos iguais, mas que temos direitos e deveres iguais. Enquanto gestora dessa referida escola, buscamos cumprir o que diz a Lei 10.639/2003, enfatizamos o respeito mútuo, a solidariedade, a empatia e a busca por dias melhores para todos e todas.

Diferentemente das escolas privadas, essa busca atender aos anseios da comunidade a qual ela está inserida e ao analisar e compreender quem eram os sujeitos que habitavam aos seus arredores, dos quais alguns eram pais/mães dos nossos estudantes, a partir dessas observações entendemos que essa ação do governo beneficiaria bastante a comunidade e assim abrimos as portas do nosso espaço de aula para recebermos esses jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de serem alfabetizados na idade certa.

Esse programa atendia na sua maioria era composta pelo povo de classe econômica menos favorecida e que não possuíam um poder financeiro abastado, muitas

⁸ É um programa realizado desde o ano de 2003 pelo MEC, voltado para a promoção da alfabetização de jovens e adultos e busca promover a superação do analfabetismo e contribuir para a universalização do Ensino Fundamental no Brasil.

das suas salas de aulas funcionavam em lugares improvisados, mas que ficasse próximo da população, a exemplo de igrejas, associação de moradores, escolas, casas de farinha e etc. A minha inserção nesse programa, me permitiu adentrar na Educação Popular pois as nossas atividades eram desenvolvidas com membros de comunidades, movimentos sociais, pessoas que vivenciam situação de vulnerabilidade social e assim por diante, porém mesmo agindo como uma educadora popular eu não me via nessa posição, eu não compreendia minha prática como tal, pois quando estamos distante da academia nem sempre temos ciência das nossas ações, pois para compreendermos essa realidade é necessário nos apoderarmos do que nos fala Freire (2001) a respeito da ação – reflexão – ação.

Eu atuava como coordenadora de turmas, ganhava uma bolsa de R\$ 600,00 e era responsável por 6 (seis) alfabetizadores, dentre essas turmas as 2 (duas) que estavam funcionando na minha escolinha, eu acompanhava o desenvolvimento das aulas todas as noites. Nesse momento, eu me aproximei bastante das ideias do educador Paulo Freire, comecei a pesquisar o seu engajamento e a buscar conhecer autores que evidenciaram essa prática; nas atividades que participavam com os alunos, trabalhávamos com eles o Método Paulo Freire⁹ e assim, fazíamos bem mais do que alfabetizar aquelas pessoas que não tiveram oportunidades de estudar enquanto eram crianças.

ILUSTRAÇÃO X – ESTUDANTES DO PBA EM MOMENTOS DE AULA, SENDO AUXILIADO PELO ALFABETIZADOR DA TURMA.

⁹ É um método de ensino desenvolvido pelo educador brasileiro Paulo Freire, que visa alfabetizar adultos com palavras geradoras a partir da sua realidade de vida.



Fonte: Arquivo Pessoal (2017)

A imagem acima retrata um momento de aula, na qual estudantes e alfabetizador buscam aprender a ler e a escrever, para que dessa maneira possam se sentir um cidadão que teve oportunidade de ser alfabetizado. Ao analisarmos a imagem em questão podemos identificar que a turma é composta na sua maioria por idosos/idosas e negros/negras, essa afirmação nos faz compreender que a população negra é a que mais sofreu e ainda sofre com o analfabetismo e com qualquer outro tipo de preconceito ou segregação racial e social que venha acometer a sociedade brasileira.

Essa imagem demonstra que mesmo após muitos anos da libertação dos cativos, a população negra ainda sofre com as desigualdades pelas quais se perpetuou na sociedade, seja no que se refere a educação, saúde, trabalho e moradia. Quando indagamos um/uma estudante do programa por qual motivos ele/ela não estudou na idade prevista para o processo de alfabetização, a resposta é quase unânime, que a necessidade de trabalhar na lavoura, de exercer a função de empregada doméstica, de babá, de cozinheira, que a jornada de trabalho exaustiva, que a distância da sua moradia para as escolas impossibilitavam de continuar os estudos e dessa maneira ocorria a evasão escolar e conseqüentemente o aumento do índice de analfabetismo no país, em especial nas regiões mais pobres, a exemplo da região Norte e Nordeste.

ILUSTRAÇÃO XI – MOMENTO DE REFLEXÃO COM OS ALFABETIZADORES E ALFABETIZANDOS NA BUSCA DE CONSCIENTIZA – LOS A RESPEITO DA REALIDADE VIVENCIADA.



Fonte: Arquivo Pessoal (2016)

ILUSTRAÇÃO XII – MOMENTOS DE DESCONTRAÇÃO E COMEMORAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES E OS SEUS ALFABETIZADORES.



Fonte: Arquivo Pessoal (2017)

As imagens II e III, nos mostram momentos de reflexões entre alfabetizadores e estudantes do programa, pois além de promover a alfabetização, fazíamos também reflexões a respeito do momento em que estávamos vivenciando, Freire (1996, pág. 65) diz que “a responsabilidade do professor é grande e que às vezes não nos damos conta, e que a sua prática é profundamente formadora”... diante desses ensinamentos víamos nesses momentos a oportunidade de refletir a respeito da nossa prática, da nossa vivência, do momento político, e assim empoderar os sujeitos a partir da valorização dos seus saberes, os quais não foram conquistados nas academias, mas sim na sua estadia dos campos populares.

Na nossa escola, funcionavam duas turmas, uma tinha como alfabetizador o meu irmão Edielson, o qual duas vezes por semana ele precisava se ausentar da turma para concluir o curso o qual ele estava fazendo na UFCG, mas quando meu irmão precisava se ausentar eu assumia a sala de aula dele como alfabetizadora, e confesso que foi uma experiência inigualável. Conviver com aquelas pessoas que tinham idade para ser meu pai, minha mãe, era uma partilha de saberes que me fascinava. Aqueles/ aquelas estudantes, traziam nas suas histórias de vida conhecimentos que as academias jamais iriam lhes proporcionar.

Daquele momento em diante eu enxerguei que a sabedoria popular é tão importante quanto o conhecimento científico, que todos os saberes são valiosos e que

aprendemos com uma pessoa do campo tanto quanto aprendemos com um doutor da academia. Diante dessa realidade, Cruz (2017, p.56-57) enfatiza o nosso sentimento ao expressar que “o conhecimento científico era só mais um. Aprendi imensidões de sabedoria e conhecimento com as pessoas mais simples. Reconheci que o trabalho social é educativo”.

Eu pude observar na prática que quando a gente tem amor por uma causa, qualquer profissão que tenhamos é possível fazer a diferença na vida de alguém. Naqueles momentos de aula e pós aulas (pois quando nós somos educadores, somos conhecidos dessa maneira em qualquer lugar), eu compreendi que sendo educadora, pedagoga, assistente social ou qualquer outra profissão eu tinha e tenho a possibilidade de fazer a diferença na vida das pessoas, a minha prática pode mudar a vida de muita gente, os meus conhecimentos podem complementar ou podem ser complementados pelos conhecimentos de outras pessoas.

Ainda à frente desse programa, vivenciei uma experiência muito marcante, em um determinado momento, situação que me despertou bastante para adentrar no caminho de pesquisadora que vivencio na atualidade e militar na Educação Popular. Em uma das atividades propostas pela turma, fizemos um encontro das tradições populares e reunimos outros/outras coordenadores, alfabetizadores e estudantes. Na oportunidade trouxemos demonstrações da culinária, da dança, das raízes, dos antepassados, a vivência de cada pessoa, as práticas populares em saúde, revisitamos as nossas raízes, nossa história e a nossa ancestralidade.

ILUSTRAÇÃO XIII – MOMENTO DE CELEBRAÇÃO DA CULTURA POPULAR DENTRO DA ESCOLA COM ESTUDANTES E ALFABETIZADORES DO PBA



Fonte: Arquivo Pessoal (2017)

A cultura popular brasileira sempre estavam presentes em comunidades que eram atendidas pelo PBA, devido ao público que recebíamos em sala de aula ser composto na sua maioria de pessoas residentes em comunidades, outros serem participantes de movimentos e na sua maioria era composta pelo povo de classe econômica mais baixa, a sua cultura e a sua vivência estavam sempre presente nas nossas aulas, mesmo porque não se pode separar o indivíduo da cultura que habita nele, e por muitas das vezes utilizávamos esses momentos para demonstrar nossas raízes, nossa ancestralidade e nossa cultura. Essas ações ocorriam bastante enquanto estávamos a frente dessas ações, pois entendemos como algo de grande relevância para compreendermos quem somos e de onde viemos para que dessa maneira tenhamos consciência do nosso papel na sociedade.

Estar à frente desse programa foi uma experiência inigualável com aprendizados que ficarão para sempre nas nossas memórias, pois são situações corriqueiras, mas que não damos o devido valor que elas possuem. Mas, de todas as demonstrações populares realizadas naquele evento, as práticas populares em saúde foi a que mais me chamou a atenção, por se tratar de uma prática que é mais comum do que imaginamos, principalmente por ser algo que nos é dado pela natureza, que adquirimos de maneira natural e sem custo nenhum, que acreditamos que trará um bem maior para cada um/uma que faz uso dela.

Naquele instante, eu vi que as práticas populares em saúde não eram algo vivenciado apenas pelos meus parentes, era algo bastante comum entre outras famílias; é bem verdade que reproduzimos uma prática que não sabemos de onde vem, mas que é de total serventia para quem faz uso delas. Daí por diante, me propus a buscar entender um pouco mais a respeito das práticas populares em saúde e descobri um universo riquíssimo de saberes e experimentos.

2.1 – Se reconhecendo dentro da Educação Popular

Enquanto coordenadora das turmas do programa o qual tínhamos como base as teorias escritas e defendidas por Freire, compreendi que era preciso seguir uma linha de pensamento que provocasse uma mudança considerável na vida dos meus alunos e na sociedade, e a partir daquela experiência busquei compreender um pouco mais das ideias do educador brasileiro o qual fez a diferença positiva na vida de tantas pessoas desacreditadas pela elite brasileira, e foi aí que procurei conhecer um pouco mais da Educação Popular, pois já tinha conhecimento que Freire era um educador popular. Vasconcelos (2015, pág. 91) descreve Educação Popular como uma “concepção teórica das ciências da educação que se estruturou inicialmente na América Latina, na segunda metade do século XX e que hoje está presente em todos os continentes, tendo como pioneiro o educador brasileiro Paulo Freire”.

A experiência que vivenciei foi algo inspirador e que me fez entender que a Educação Popular era uma concepção que me fascinava, que me despertava ir além do que estava indo. Fiquei a frente desse programa por três etapas consecutivas, infelizmente no município o qual resido e no estado não existe mais, o programa acabou no ano de 2017, porém foi algo que me ensinou e que me marcou bastante, despertou em mim um universo de ideias que busco compreender, que manifesto o anseio em pesquisar e que pretendo seguir.

Mesmo não fazendo parte de grupos que atuam na Educação Popular, me debrucei em alguns textos no intuito de descobrir minhas raízes, minha força e a direcionalidade que ela me propõe. Ao buscar compreender e diferenciar o Programa Brasil Alfabetizado da Educação Popular, foi possível entender que as suas dinâmicas se entrelaçam. A Educação Popular é algo independente do Programa de Educação, porém essa modalidade de ensino não se distancia da Educação Popular.

A Educação Popular é feita a partir da realidade do nosso povo e com a participação do povo, da nossa gente, dos nossos costumes e tradições, e enquanto educadora naquele sistema de ensino foi possível conhecer as histórias de vida e a realidade das pessoas que estavam tão próximos/próximas de mim e que não tinha ideia a respeito de cada um/uma. A essência do Programa era trabalhar os conteúdos programados de acordo com a realidade de cada estudante e ao final das aulas compararmos as situações que tínhamos em comum, buscar solucionar os problemas e refletir a respeito da nossa prática enquanto cidadão.

Dia após dia, foi possível compreender a importância da Educação Popular e dos seus ideais na formação escolar daquelas pessoas, pois o que fazíamos em sala de aula era algo a mais do que ensinar a ler e escrever. Características como a conscientização, a colaboração, o diálogo, a amorosidade, o despertar para agir em prol de si mesmo e da sua comunidade, foram alguns dos subsídios que nos levou a se engajar na Educação Popular, com a busca de adquirir saberes e compartilhar com a comunidade a qual estamos inseridos/as.

Em um certo dia no ano de 2018, juntamente com dois colegas (Leonardo e Cilene) que por coincidência residem no município de Alagoa Grande/PB, fomos assistir a uma aula inaugural de uma turma de Especialização em Relações Étnicas Raciais na UEPB (Campus de Guarabira), na oportunidade estavam palestrando naquele ambiente duas líderes comunitárias (dona Edite e Luciene) e uma agente de saúde (dona Elza), todas moradoras da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos. Aquele momento foi maravilhoso, o que foi falado e ouvido naquele espaço me deixou deslumbrada e me fez sentir o desejo de adentrar um pouco mais nessa temática.

ILUSTRAÇÃO XIV – IMAGEM DO MOMENTO EM QUE ASSISTÍAMOS
UMA AULA INAUGURAL.



Fonte: Arquivo Pessoal. Cilene, Leonardo e Edileuza. 2018.

Pelas convidadas foram expostas a realidade da comunidade, seus saberes, sua cultura, dança, ensino, aprendizagem, perpetuação dos saberes e práticas populares em saúde. Dona Edite e dona Elza, por terem um pouco mais de idade possuem um saber extraordinário, Luciene, é mais jovem (aliás foi uma das alunas que tive quando lecionei na escola que recebia alunos quilombolas), mas seus saberes também não deixam a desejar, ela foi uma das poucas garotas que lutaram em busca dos seus sonhos e que conseguiu dar continuidade aos seus estudos, atualmente ela é Mestra em Formação de Professores, cursou na Universidade Estadual da Paraíba (Campus I), concluiu no ano de 2021.

O momento de diálogo e troca de experiência foi bastante instigador, serviu de reflexão das nossas ações e práticas, nos fez conhecer um pouco mais da cultura e da sabedoria dos quilombolas e da comunidade Caiana dos Crioulos. Ao final da palestra tivemos um coco de roda, o qual é símbolo dos festejos da comunidade e foi puxado por Luciene, dona Edite e dona Elza. Esse evento rico em cultura e saberes foi idealizado pelo professor Doutor Waldecí Ferreira Chagas.

ILUSTRAÇÃO XV – IMAGEM DE UM MOMENTO DE CANTOS E DANÇAS.



Fonte: Arquivo Pessoal. O coco de roda cantado e dançado pelas mulheres quilombolas. (2018)

Eu já conhecia a comunidade de outras oportunidades, conhecia alguns dos seus moradores, conhecia a sua história de vida e de luta, porém nunca tinha olhado para ela com o olhar de pesquisadora, de alguém que quer se aprofundar em uma determinada prática da realidade. E foi naquela aula inaugural, que me despertei em busca de me aprofundar na temática das práticas populares em saúde, foi a partir da fala daquelas mulheres que eu relembrei do que vivenciava na minha casa, na minha família e do que aprendi com aqueles estudantes do Programa Brasil Alfabetizado.

Certa do que queria seguir, continuei nossa prática como educadora, agora apenas com o ensino voltado para o público infantil. Dei continuidade aos estudos e quando me deparei com o edital da seleção do Mestrado não tive dúvida a qual linha seguir. Sempre quis a Educação Popular, por ser algo que me encanta, que me cativa, que me desperta a ser uma pessoa melhor e a buscar a fazer o bem em prol dos meus semelhantes. Enxerguei nesta oportunidade a chance de compreender e mudar a minha realidade a partir do diálogo, da partilha de saberes e da valorização da minha cultura e da minha ancestralidade.

Dentre as práticas da Educação Popular fazia – se necessário escolher uma área que me instigasse e que me fizesse se encantar pelo que iria pesquisar, pois quando se faz algo com paixão, tudo se torna mais prazeroso; foi então, que me lembrei das

práticas populares em saúde as quais eram praticadas pelas mulheres da minha família, lembrei também que já havia ouvido a respeito dessa prática nas comunidades quilombolas e daí compreendi que pesquisar essa temática no território de Caiana dos Crioulos era algo que iria preencher meu coração de alegria e aprendizado, além de me fazer enxergar algumas situações cotidianas as quais sempre tive interesses em compreender.

A experiência que vivenciei enquanto coordenadora e alfabetizadora naquele programa destinado aos adultos, me fez ter um envolvimento com a Educação Popular que antes não tinha (mesmo sabendo que a EP e o Programa são coisas distintas) a partir daquelas ações me enxerguei como sendo uma educadora popular, pois a minha presença naquele espaço não era apenas para a transmissão de conteúdos, as minhas ações iam além das aulas, a minha realidade vivenciada enquanto membro da sociedade eram refletidas, ensinadas, conversadas.

O maior desafio da incrementação da Educação Popular em diferentes aspectos da realidade é conscientizar a sociedade que está sendo assistida naquele momento do seu papel enquanto integrante da mesma, minha busca deve ser em prol da humanização, da partilha de saberes, da construção do conhecimento de forma compartilhada, da escuta humanizada, do olhar fraterno, do diálogo conscientizador e da sua participação enquanto ser social. Diante dessas palavras é necessário salientar que a busca por novas realizações e novas metodologias pretendem alcançar melhorias para a vivência da população enquanto comunidade e seres humanos que buscam uma melhor realidade de vida.

Após a minha participação nas etapas do processo seletivo, para a minha surpresa fui aprovada e confesso que não imaginava tamanha felicidade, pois já achava que tinha chegado a um nível alto no que se refere a educação, pois sou oriunda de uma origem socioeconômica desfavorecida, meus pais semianalfabetos, sempre estudei em escola pública e a minha graduação foi dividida entre dois turnos de trabalho e um de estudo; a minha inserção no mercado de trabalho se deu precocemente, ainda muito jovem já dividia meu tempo entre estudar e trabalhar e quando pensava em estudar sabia que tinha que me desdobrar entre ambos, pois minha mãe não tinham condições de me sustentar, tendo em vista que meu já era falecido..

Porém, esse resultado me fez compreender o quanto sou resistência e o quão alto podemos chegar quando desejamos algo verdadeiramente. Ao adentrar na

pós-graduação de uma universidade pública, em um programa que é referência no estado, com professores (as) altamente qualificados, compreendo que assim como o nível de aprendizado vai aumentando, as dificuldades para estudar também nos acompanham. Não basta apenas querer ou gostar de estudar, muitas situações nos tendem a desanimar, a nos pensar em parar. Mas, minha vida sempre foi assim, sempre tive que trabalhar e estudar simultaneamente, em todas as minhas conclusões de cursos, seja a graduação ou os cursos de especializações tive que me desdobrar para alcançar os objetivos necessários e acredito que agora não será diferente.

Esta minha aprovação no mestrado se deu em um momento atípico da sociedade, faço parte da Turma 40 do Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, popularmente conhecida como a “Turma da Pandemia”, pois esse apelido se deu devido a Pandemia do Covid-19¹⁰, que assolou todo o mundo no final do ano de 2019 e se estende até os dias atuais, a contaminação por meio desse vírus infectou muitas pessoas em pouco tempo e levou a óbito cerca de 676.280 pessoas somente no Brasil¹¹.

Presencialmente só tivemos três aulas, muitos dos nossos professores só vimos através das aulas virtuais, alguns dos nossos colegas de turma nem sabemos quem são ou onde moram, orientandos e orientadores nunca se viram, ou se encontraram apenas uma vez; e a partir deste cenário estamos caminhando em busca de um objetivo em comum, ser mestre/mestra, pesquisador/pesquisadora de alguma área ou temática.

E já não sendo pouco essa situação me deparei em lugares bem mais complicados do que apenas mestranda da “turma da pandemia”, me vi como dona de uma escola privada, na qual perdi alunos, dispensei professores, fechei as portas da escola e sobrevivi financeiramente com auxílio do governo federal por aproximadamente oito meses, estive numa situação a qual a minha tia que considero ser uma segunda mãe, passou dezoito dias internada com a Covid-19 em uma UTI de um hospital, enquanto as outras pessoas da família em pânico sem saber como reagir a tanta dor, sofrimento e incertezas.

Em meio a essas tribulações ainda precisei assistir as aulas remotas (em muitas das vezes com o sinal da internet ruim ou até mesmo sem dá sinal algum), ler textos,

¹⁰ Covid – 19. *Coronavírus Disease*. Refere-se a uma pandemia que assolou a população desde o ano de 2019 até os dias atuais

¹¹ Dados retirados da página on - line do G1. O conteúdo pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico.
<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/07/20/brasil-registra-351-novas-mortes-por-covid-total-passa-de-676-mil.ghtml>. Acesso em 21/07/2022 às 13h37.

produzir artigos, sínteses, participar de grupo de estudos, assistir diversas laives¹² que eram produzidas, cuidar dos afazeres domésticos e de uma criança de 7 anos de idade, que não compreendia toda aquela situação de isolamento e dor, e tudo isso sem saber se estaria viva no dia seguinte, pois na situação em que estava vivenciando, sem saber ao certo o que fazer e contra o que, ou com quem lutar, não tinha garantia nenhuma de vida, pois a cada minuto perdia alguém conhecido ou próximo da minha família, e assim foram e têm sido os dias de estudante de pós – graduação, vivenciar uma realidade nua e crua e ainda lidar com os prazos exigidos pelo programa o qual estamos vinculados como se nada tivesse acontecendo ou como se fôssemos simplesmente um robô.

Os dias foram se passando, a descoberta de uma vacina que visasse o combate ao vírus foi reconhecida e gradativamente as coisas foram se encaixando, aos poucos a nossa vida vai voltando ao que chamamos de normal, porém os compromissos continuam e a minha busca por uma conclusão desse processo está cada dia mais elevado, não busco apenas obter o certificado, mas desejo concluir a minha pesquisa e de alguma maneira contribuir para a melhoria de vida dos quilombolas e dos descendentes dos africanos.

Apesar de tanto sofrimento, fica para mim o aprendizado de que a universidade pública e a pós – graduação não ficou para pessoas com pouco poder financeiro, desde a minha graduação a qual eu tive que estudar e trabalhar simultaneamente, eu tinha a compreensão de que a ideia de cursar uma universidade foi algo pensado para privilegiar a elite, para que aqueles/aquelas que se submetem a esse processo não precise dividir seu tempo entre estudo, trabalho e afazeres domésticos e aqueles/aquelas que desafiasse o sistema elitista e excludente teria grande chance de não concluir o curso, tornando-se apenas um número estatístico no que evidencia a evasão.

Silva (2021, p. 21), endossa nossas palavras quando diz que;

A exclusão social é fato que tem aumentado e refletido em todos os setores da sociedade, na escola e na universidade o cenário não seria diferente, haja visto que esse processo recai em nosso povo desde os primórdios da civilização, quando houve a invasão portuguesa nas terras as quais na atualidade são denominadas de Brasil. (SILVA, 2021, p. 21)

¹² São transmissões via internet a qual pode se fazer shows artísticos, de danças, aulas escolares ou universitárias e qualquer outra transmissão que tenha o objetivo de levar um determinado conteúdo para a população.

E é claro que não está sendo nada fácil cursar um mestrado em uma universidade pública sem ser bolsista, ser mãe solo, dona de casa, trabalhar dois horários (sendo um em sala de aula de educação infantil como professora e o outro horário coordenar uma escolinha particular com aproximadamente 100 alunos e 5 professoras), mas o desejo de ser pesquisadora, de conhecer e compartilhar a sabedoria do povo quilombola a partir das suas práticas populares em saúde nos faz superar nossos próprios limites e buscar a conclusão dessa pesquisa.

Pesquisar as Práticas Populares em Saúde a partir da sabedoria do povo quilombola é algo extremamente necessário e útil, pois essa atuação perpassa o simples ato de trabalhar com plantas medicinais, é uma ação que vai além disso, que busca minimizar o problema da doença quando não se tem o dinheiro para comprar na farmácia, é uma maneira de empoderar o indivíduo que está usando a sua sabedoria para ajudar outras pessoas e ao mesmo tempo divulgar uma cultura que ultrapassa gerações e que se mantém viva até a atualidade.

As práticas populares de saúde são conhecimentos que atravessam gerações, que se perpetuam diante das comunidades, dos movimentos sociais e das classes populares, e por ser uma prática bastante utilizada no meu meio de convivência me instigou a pesquisar e a compreender um pouco mais dessa prática, além de trazer subsídios a respeito da cultura negra e da sua ancestralidade. A escolha de pesquisar essa comunidade deve-se ao fato de já conhecê-la, de saber do seu potencial, de saber a respeito da busca da preservação da sua ancestralidade, de conhecer alguns dos seus membros e de comungar com suas práticas, suas falas e seus interesses.

A comunidade quilombola a qual serve de campo para a nossa pesquisa é uma comunidade que tem na sua essência as práticas da Educação Popular e da Educação Popular em Saúde. Assim sendo, é nesse contexto que se dá às práticas da Educação Popular como uma educação que busca emancipar o outro, compreendendo seus saberes e suas realidades. Oliveira (2007, p.75), diz que: “Uma educação que procure o diálogo pressupõe a visão do outro como sujeito, e que as compreensões dos saberes da população são elaboradas sobre experiência concreta, sobre vivências distintas daquelas do profissional”.

Mesmo diante de tantas dificuldades em conciliar estudo, trabalho, vida pessoal e vida de pesquisadora, meu desejo maior era de estar dentro da comunidade aprendendo e compartilhando conhecimentos com os moradores daquela localidade. Mas,

infelizmente estamos vivenciando um momento muito difícil na área da saúde, que é a pandemia do Covid-19 e devido a este fato, por um longo período fiquei impossibilitada de frequentar a comunidade da maneira que tinha planejado e o qual era o mais propício para esta pesquisa.

Viver a Educação Popular é compreender o seu semelhante, é não se sentir melhor nem mais sábio que ele, é considerar os seus conhecimentos, independentes se é um conhecimento acadêmico ou popular. É acreditar no potencial dessas pessoas, é considerar e respeitar suas crenças, suas culturas, seus ensinamentos. É engajá-los em situações que lhes permitam vivenciar seus costumes e valorizá-los de acordo com a sua realidade. É dar-lhes incentivos em busca das transformações de vidas através dos processos populares.

Mas é claro que na realidade não é tão simples quanto nas minhas palavras, nem todos que se dizem educadores populares são envolvidos com a causa ou vivem em comunhão com seu semelhante. Em algumas situações as ações acontecem de acordo com os interesses de cada um ou do meio os quais estão envolvidos. Calado (2014, p.357) diz que;

... pode se entender a Educação Popular como o processo formativo concernente às camadas populares, que envolve diferentes protagonistas, parceiros, aliados e supostos aliados, animados por diferentes – e, às vezes, antagônicas – motivações, perspectivas, procedimentos e posturas ético políticos e pedagógicos, ainda que comporte elementos de sintonia no plano estritamente epistemológico. (CALADO, 2014, p. 357)

De todo modo, compreendo a Educação Popular como um movimento composto por pessoas que buscam uma igualdade de vida para os membros da sociedade, independente da classe social as quais elas ocupam, são compostas por pessoas que busca promover a compreensão dos fatos que ocorrem na sociedade por meio do diálogo, da amorosidade, da igualdade de direitos e da promoção de uma vida mais justa, tendo como fundamentos a liberdade de expressão e a busca pelos seus direitos de cidadãos, o fundamental da Educação Popular é referenciar as suas práticas na busca de favorecer a melhoria de vida para a população invisibilizada, lutar por inclusão social, pela valorização da vida e da cultura dos menos favorecidos, e empoderar o sujeito diante da construção da sociedade.

A minha vivência na Educação Popular se deu a partir da minha inserção no Programa Brasil Alfabetizado (mesmo sendo ações distintas, elas se entrelaçam em alguns aspectos) antes a essa prática, eu não tinha contato com a Educação Popular, foi após essa vivência com aqueles estudantes que me descobri educadora popular, pois enquanto graduanda de Pedagogia ainda não tinha consciência do real sentido da Educação Popular. Quanto às pesquisas se voltarem às Práticas Populares em Saúde, se deu devido a nossa familiaridade com o tema, com o uso das plantas medicinais no nosso dia a dia, por ser uma prática comum na nossa realidade, na nossa família e na nossa comunidade.

Referindo-se a escolha de pesquisar as Práticas Populares em Saúde de uma comunidade quilombola, deu-se devido ao acúmulo de saberes existente com aqueles povos, não apenas na área da saúde, mas da cultura, da história, das tradições, da gastronomia entre outros; além de ter o interesse de difundir essa prática para outras realidades, são pessoas que merecem e precisam de uma oportunidade para demonstrar seus saberes e suas culturas. A comunidade citada já foi referência para outras pesquisas em diferentes temáticas e esses resultados foram de grande valia para difundir suas práticas.

Como exemplo dessas pesquisas que trouxeram resultados positivos para demonstrar a realidade da comunidade, podemos citar a Dissertação de Mestrado de Luciene Tavares¹³, que é quilombola, residente no território, líder comunitária e que fez da sua pesquisa um meio de elevar o nome da sua comunidade. Ainda temos pesquisas de Wallace Ferreira de Souza¹⁴, Janailson Macêdo Luíz¹⁵, dentre outros pesquisadores e pesquisadoras que produziram materiais bastante relevante para mostrar os saberes, costumes e vivência da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos.

Freire (2008) em suas palavras diz que toda ação é um ato político e a escolha do objeto de pesquisa não é diferente, haja visto que o intuito da problemática é sanar uma inquietação e para isso buscamos as melhores condições para viabilizar situações que nos permitissem elaborar essas possibilidades. Como problemática, temos a seguinte pergunta que norteou essa pesquisa: Quais são os saberes e as práticas de saúde dos povos quilombolas e os processos educativos que por eles/elas são desenvolvidos? A

¹³ Interessados na produção, acessar o link; <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4305>

¹⁴ Interessados na produção, acessar o link;
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1327>

¹⁵ Interessados na produção, acessar link:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2523>

minha trajetória de vida como também as experiências enquanto estudante, mãe, filha e integrante de uma sociedade composta por muitas pessoas negras me fez compreender e enxergar o quanto sofrem determinados grupos de pessoas que vivem em constante exclusão por parte da sociedade.

É bem verdade que ação unitária não irá modificar a realidade a qual estamos inseridos, mas acreditamos que a partir delas muitas coisas poderão se modificar, políticas públicas que beneficiem a nossa população mais carente de recursos financeiros, poderão ser efetivadas e aos poucos poderemos enxergar alterações e valorizações que venham contemplar a nossa população. Quando se trata de educação sabemos que as mudanças virão a passos lentos, principalmente quando temos no poder governantes que não têm interesse em beneficiar as classes que possuem um menor poder aquisitivo (economicamente falando).

E é esse o meu desejo, mergulhar na Educação Popular todos os dias da minha vida, transmiti-la para meus semelhantes e propagá-la. Demonstrar que temos a chance de viver dias melhores, que é possível lutar por melhorias de vida para a sociedade a qual vivemos. É possível também transmitir a sabedoria popular de um povo rico em cultura, em saberes e em práticas. Mostrar à sociedade as práticas populares em saúde que são desenvolvidas pelos povos quilombolas, bem como relatar suas vivências, suas práticas e suas ações realizadas no nosso dia a dia.

E a partir do meu desejo de expandir essa cultura que é rica em práticas populares, busquei uma comunidade muito acolhedora e praticante dessas ações, a fim de encontrar espaços e subsídios para as minhas pesquisas; contei com alguns membros da comunidade que me auxiliou e enriqueceu muito mais os meus escritos e me serviu de base de conhecimento para a transmissão dos mesmos.

Enquanto as pesquisas eram realizadas e o texto começou a ser escrito fui me dando conta da necessidade de compreender a importância da Educação Popular em Saúde para uma comunidade tradicional, e comecei a me interrogar o quanto se faz necessário colocar em prática essa tradição e esses ensinamentos em especial nas comunidades mais carentes e distantes de políticas públicas que não atendem a população com dignidade.

III – O PERCURSO TEÓRICO – METODOLÓGICO

3.1 – Caracterização geral e etapas da pesquisa

De acordo com Minayo (2016), a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a atualidade. Ainda segundo a autora, o método é a alma da teoria, partindo dessa observação a presente pesquisa é um estudo na perspectiva qualitativa, com caráter etnográfico. É uma escolha que se justifica por esta ser a abordagem mais apropriada para a busca de subsídios, bem como para o alcance dos nossos objetivos.

Estas pesquisas e escritos ocorreram no período de março de 2020 até julho de 2022, a qual buscou-se investigar a comunidade para poder se obter do resultado almejado; com três visitas na comunidade e um diário de campo na mão para anotar tudo o que fosse falado, visto e vivido, iniciamos uma investigação empírica, buscamos compreender a vivência e as tradições de uma comunidade quilombola existente há mais de 300 anos, localizada na zona rural do município de Alagoa Grande na Paraíba, denominada de Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, andamos pelas ruas do território, conversamos livremente com os moradores daquela localidade e observamos o máximo de detalhes naquele espaço.

Em relação as nossas conversas elas não tinham um roteiro a ser seguido, mas partíamos sempre das memórias referentes a infância daquelas que conversavam conosco, perguntávamos dos seus saberes em relação a saúde, suas vidas no passado e na atualidade, suas famílias e a respeito do que é ser quilombola. Deixamos bem claro, que aquelas conversas não prejudicariam nenhuma delas, mas que seria de grande valia para as nossas pesquisas, enfatizamos também que nenhum/nenhuma dos moradores seriam obrigados a nos receber e nos dá informações a respeito das suas vivências.

Para ficarmos um pouco mais assegurada do que estamos relatando e descrevendo, anexamos¹⁶ o termo de aceite assinado por dona Severina Luzia da Silva, popularmente conhecida como dona Cida, que é uma das representantes da comunidade

¹⁶ Documento nos anexos.

e presidenta da Associação dos Quilombolas de Caiana. Diante dessa apresentação prévia e do consentimento dos quilombolas para a nossa pesquisa, o elo entre nós e a comunidade se intensificou e todas as informações que precisávamos obter ou confirmar tivemos o apoio de moradores da comunidade, marcamos também nossas visitas e dessa maneira conseguimos com que a nossa pesquisa fosse desenvolvida e posteriormente concluída. Não realizamos entrevistas, nem aplicamos questionários, mas obtivemos as melhores e mais confiáveis informações a respeito da comunidade.

3.2 – O lócus da pesquisa

*Alagoa Grande,
Terra de Jackson e Margarida,
Abriga a comunidade Quilombola,
Lugar de pessoas aguerridas,*

*Relevo de serras e clima quente,
Terra ilustre, das cachaças e canaviais,
Caiana dos Crioulos de
antepassados presentes,
Comunidade de tradições essenciais,*

*Vamos conhecer suas histórias,
Detalhar os seus critérios,
Mergulhar nos seus saberes,
Desvendar os seus mistérios.
(Edileuza Ricardo – 2021)*

ILUSTRAÇÃO XVI - ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE -
PB



Disponível em:

<<https://www.google.com/search?q=fotos+de+alagoa+grande+paraiba&oq=fotos+de+alagoa+grande+paraiba+&aqs>. Acesso: 12 jul. de 2021.

Alagoa Grande, município do interior da Paraíba, localizada a cerca de 103 km de distância da capital paraibana, cidade importante na cultura e na zona canavieira, por muito tempo foi palco dos engenhos de cana de açúcar, fazendas, casas de farinha e plantios de milho, feijão, dentre outros cereais, até meados do século XIX foi pertencente ao município vizinho de Areia. Sua origem descreve que suas terras serviam como ponto de apoio para descanso de tropeiros que se destinavam às feiras de Campina Grande a Mamanguape e que passavam por ali. Alagoa Grande tem sua história marcada pelo coco de roda cantado por Jackson do Pandeiro¹⁷, que é um dos seus filhos ilustre que encantou o país entre as décadas de 1950 a 1970, dono de um estilo musical próprio, o cantor elevou o nome do seu município a todas as regiões do país.

¹⁷ José Gomes Filho, conhecido como Jackson do Pandeiro, intitulado como o Rei do Ritmo, foi um importante instrumentista, compositor e cantor que gravou uma série de forrós, sambas e coco de roda. Filho natural de Alagoa Grande PB, ajudou a popularizar a cultura nordestina.

Alagoa Grande também é marcada pelo latifúndio canavieiro, pelo sangue derramado de Margarida Maria Alves¹⁸ uma líder sindical que foi assassinada na janela da sua residência por matadores de aluguel a mando dos usineiros da região da várzea¹⁹, Margarida inspirou muita gente com a frase que dizia “__ É melhor morrer na luta do que morrer de fome” e essa frase até os dias atuais serve de inspiração para muita gente. O município também tem sua história referenciada pela Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos. Comunidade que retrata o passado escravista vivenciado pela sociedade que compunha os arredores do local.

Por se tratar de uma região com um relevo íngreme de serras, montanhas e estradas de barros e uma zona rural muito extensa e com diferentes vegetações, o município facilitou a existência de um quilombo naquela localidade, especialmente no Sítio Sapé que é a localidade que deu origem ao Quilombo de Caiana dos Crioulos. A comunidade está localizada em um espaço que visivelmente era a melhor localização geográfica, em especial por possuir todas as características (a exemplo de distância, mata fechada, serras, planta rasteira e árvores altas) necessárias para promover a acolhida e o esconderijo daquelas pessoas escravizadas que fugiam dos “seus senhores” na busca de uma vida melhor.

Atualmente o município conta com cerca de 28 mil habitantes, têm 156 anos de emancipação política (2021), na religião católica é protegida por Nossa Senhora da Boa Viagem e abriga pontos históricos na sede do município a exemplo do Teatro Santa Ignez, o Memorial de Jackson do Pandeiro, o Museu Casa de Margarida, a Lagoa do Paó e a Igreja Matriz, na zona rural encontramos o Engenho Lagoa Verde (fabricante da cachaça Volúpia) e a Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos.

ILUSTRAÇÃO XVII - VISTA PARCIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos

¹⁸ Margarida Maria Alves, foi uma sindicalista e defensora dos direitos humanos. Uma das fundadoras do Movimento Mulheres do Brejo, articuladora das lutas das mulheres do campo, primeira mulher a exercer um cargo de direção sindical do país. Foi morta na janela da sua casa por um matador de aluguel a mando dos usineiros que compunham a região da várzea.

¹⁹ À área da Várzea paraibana, refere-se há alguns municípios banhados pelo Rio Paraíba que tinha sua economia baseada no plantio da cana de açúcar e era dominado pelos usineiros e grandes proprietários de terras da região.



Disponível em :

<<https://www.google.com/search?q=comunidade+quilombola+de+caiana+dos+crioulos&sxsrf=ALiCzsaSNt-JEY23ryC08M0Uj0wwj788HQ:1660442511547&source=lnms&tbm=isch>>.

Acesso em 25 jul. de 2022.

3.3 - A pesquisa qualitativa

Minayo (2016) enfatiza que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares e que ela se ocupa com o universo dos significados. Flick (2009) diz que a subjetividade do pesquisador quanto a dos demais participantes tornam-se integrantes do processo de pesquisa. Ainda a respeito de pesquisas, Minayo (2016) escreve que faz-se necessário considerar que a pesquisa qualitativa tem o seu processo de trabalho científico dividido em três etapas: a fase exploratória, a fase de campo e a fase de análise do material.

Seguindo as etapas destacadas por Minayo (2016) iniciamos a fase exploratória preparando o projeto de pesquisa, a delimitação do problema que foi investigado, o referencial teórico que nos deu subsídio para sustentar a nossa pesquisa, o cronograma o qual foi seguido e a entrada em campo na busca de amostras para nos dá sustentabilidade dentro dessa temática. Os resultados obtidos com essa busca estão especificados na nossa dissertação com o intuito de colaborar com os nossos resultados.

Já na fase de campo, refere-se ao momento o qual fomos dialogar com a comunidade escolhida, considerar o seu desenvolvimento, acompanhar a forma de ser e de viver de cada um/uma, entender as concepções que cada pessoa tem da sua realidade, dialogar com os moradores, compreender os processos desencadeados e colher dados que nos deu subsídios para produzir os resultados da nossa pesquisa.

Na etapa da análise, nos preparamos para a interpretação dos dados colhidos no trabalho de campo, fizemos a transcrição do que foi observado, vivenciado e acompanhado na comunidade, fizemos uso também dos escritos que estavam no nosso diário de campo, pois foi nele que realizamos algumas anotações do que foi relatado, vivido e observado, após essas considerações fez-se necessário dialogar com autores e autoras que nos deu consistência para essas realizações, a sistematização das mesmas se deu de maneira que descreveu cada ponto que foi relatado e ouvido através das falas dos nossos anfitriões enquanto realizávamos as conversas. Diante desses procedimentos podemos compreender que o ciclo da pesquisa está em constante movimento, produzindo novos conhecimentos e buscando novos rumos a serem seguidos.

3.3.1 - A Pesquisa Etnográfica

Essa pesquisa, ainda segue um caráter Etnográfico, sendo descrito por Malinowski (1976) como o estudo descritivo da cultura de um povo, dos seus costumes, tradições, raça, religião, hábitos e manifestações das suas atividades. Já para Peirano (2008), a etnografia não é apenas uma metodologia mais a vivência da sua teoria. Ou seja, entendemos etnografia como o estudo de descrever diversas etnias e suas características antropológicas.

A escolha por essa modalidade de pesquisa se deu devido o desenvolvimento da sua condução e dos fatos que se desenvolverem em acordo com os métodos de análises utilizados pelo pesquisador e pelos envolvidos, deste modo, compreendemos que a melhor perspectiva de ancorar a nossa pesquisa seria nesse método. (MATTOS, 2011, p. 51) diz que:

Etnografia compreende o estudo pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos. (MATTOS, 2011, p. 51).

Sendo assim, após compreendermos o caminho que a nossa pesquisa iria trilhar, nos indagamos quais seriam as melhores maneiras de atendermos aos nossos objetivos e compreendemos que para a realização desta pesquisa era preciso nos dirigirmos há algumas fontes a exemplo de fontes orais, por meio das conversas e diálogos estabelecidos com a população da comunidade, por meio da observação participante, quando fomos ao território e visitamos alguns dos seus moradores, bem como alguns pontos de referências da comunidade.

Trabalhamos também as fontes escritas a exemplos de teses e dissertações que referenciam a comunidade citada e também foi de total relevância para o nosso estudo, assistirmos vídeos e documentários que retrata a história e a vivência dos moradores de Caiana. Considerando, que os nossos objetivos só seriam alcançados se as nossas conversas com alguns moradores fluíssem a respeito dos processos educativos e das práticas populares em saúde, apelamos para as memórias e sabedorias que acompanham a comunidade há bastante tempo.

3.4 – Considerações sobre mudanças realizadas no decorrer da pesquisa a partir de dificuldades impostas pela pandemia do Covid-19.

Inicialmente queremos enfatizar que o nosso percurso teórico - metodológico foi modificado duas vezes no que se refere a ideia principal da pesquisa, haja visto o momento crucial o qual estamos vivenciando do Covid-19. Tínhamos esquematizado uma ideia, um caminho específico a ser trilhado, inicialmente a proposta da mesma seria de uma pesquisa participante, com visitas periódicas na comunidade, roda de diálogos, registros nos diários de campo, entrevistando e ouvindo cada membro que faz uso das práticas populares em saúde, vivenciando os momentos das produções dos remédios, acompanhando as conversas nas quais os mais idosos transmitem suas práticas para os mais jovens, registrando com fotografias os momentos e as falas dos envolvidos pelas pesquisas.

Além de acompanhar os processos educativos das práticas de saúde, tínhamos o objetivo de acompanhar também a conscientização dos moradores, a discussão a respeito da realidade e da vivência de cada pessoa enquanto membro da comunidade. O contato físico que teríamos, a oportunidade de acompanhar os momentos, foram ações que não puderam se concretizar por um longo período de tempo, e a partir desses fatos

buscamos uma fonte de material que possibilitasse demonstrar a vivência das pessoas na comunidade enquanto estávamos impossibilitada de adentrar na mesma.

Com as mudanças no nosso roteiro de pesquisa, bem como no projeto que serve de aporte para a realização desses escritos, realizamos a substituição de metodologias para poder alcançar os nossos objetivos e dessa maneira concluir a nossa pesquisa com êxito e logrando bons resultados para podermos apresentar o resultado final da pesquisa.

Daí então, pensamos na possibilidade de realizarmos as entrevistas através dos meios de comunicação, utilizando as redes sociais e acreditamos que daria certo, após essa mudança de ideias nos deparamos com algumas dificuldades que nos impossibilitou de proceder com essa prática, pois com essa mudança fazia-se necessário termos bastante cautela com a execução das entrevistas, pois o nosso público de entrevistados é constituído na sua maioria de pessoas idosas que possuem um ritmo próprio, algumas dificuldades de locomoção, que sentem a necessidade de conversar bastante, porém se cansam com rapidez e na maioria das vezes não se sentem confortáveis diante dos aparelhos tecnológicos.

Após a mudança que pensamos realizar e quanto ao caminho que iríamos percorrer para conseguir essas entrevistas, percebemos que algumas dificuldades em realizar as mesmas nos trariam preocupações, devido alguns pontos que se tornariam negativos para nós, o primeiro é que a comunidade está localizada na zona rural e a dificuldade com a internet e com redes telefônicas são imensas, outro ponto é que estamos falando de uma comunidade que não possui muitos recursos financeiros, portanto, nem todos os seus moradores possuem aparelhos eletrônicos (a exemplo de computadores ou celulares conectados com as redes sociais) e a outra situação que nos angustiou bastante é que devido a maioria dos nossos entrevistados serem de pessoas idosas, elas não têm agilidade com os meios digitais.

Diante dessas dificuldades apresentadas nos momentos das realizações das entrevistas imaginamos que seriam necessário envolver outras pessoas mais jovens (filhos/filhas ou netos/netas dos entrevistados) e que tivessem uma maior facilidade com as redes sociais e digitais para poder articular nossos encontros e momentos de trocas de experiências, porém as pessoas mais jovens que poderiam nos auxiliar nesses momentos não estariam tão disponíveis para nos ajudar, pois cada um/uma têm seus compromissos a realizar; e mais uma vez sentíamos dificuldades em trilhar um caminho que fosse possível nos levar a conseguir subsídios para embasar e concluir a nossa pesquisa.

Após sentirmos todas essas dificuldades, foi necessário um longo período de reflexão, choro e diálogo entre orientanda, orientador, colegas de grupo de estudo e pesquisas, para podermos encontrar um caminho que fosse possível prosseguir. Foi então que a partir de um encontro com o grupo de orientação que é composto pelos orientandos/orientandas do professor Pedro Cruz, chegamos a conhecer uma nova probabilidade de coleta de dados e que provavelmente se encaixaria positivamente na nossa pesquisa. Após essa concepção, buscamos conhecer um pouco mais desse caminho e concluímos que seria a maneira mais viável no momento para prosseguirmos com os nossos escritos.

A partir de uma busca nas redes sociais encontramos um bom número de material que nos descrevia a comunidade pesquisada em detalhes, trazia vários aspectos da realidade daquelas pessoas e nos permitiam ter uma familiaridade com o tema o qual nós pesquisamos. Essas referidas publicações de textos, artigos e dissertações que descrevem a comunidade ou que se aprofundam em um determinado tema o qual serviu de ponto de apoio para as mesmas, também nos orientou para descrever a vivência da comunidade, nestas fontes encontramos também, documentários, vídeos, entrevistas, reportagens e fotografias. A possibilidade de usar esses recursos foram considerados a partir de mais uma modificação que realizamos na nossa coleta de dados devido a impossibilidade de estarmos no território realizando as nossas pesquisas, e assim se procedeu, assistimos aos documentários, relatamos o seu conteúdo, comparamos com o que sabemos da comunidade e prosseguimos com os nossos escritos, na busca de concluirmos essa dissertação.

Essas modificações que foram necessárias realizar fizeram uma grande diferença na escrita do texto, pois o processo de inserção no território era algo indispensável para a nossa pesquisa, na construção dos saberes e nos relatos das ações desenvolvidas, porém não estavam sendo possíveis realiza-las, no entanto, o contato visual com a comunidade era algo necessário para que não comprometesse os seus resultados, e a partir desse material procedemos com o processo de pesquisa, sempre com bastante cautela ao descrever os fatos, pois analisar e relatar o que se vive é diferente de uma descrição a partir da narração de outras pessoas, pois quando se vivencia alguma experiência é mais fácil detalhar esse acontecimento a partir do que vemos, ouvimos e sentimos.

E foi a partir de textos, relatos, documentários e vídeos que demos início ao processo de escrita. Analisávamos o que víamos e ouvíamos e comparávamos com o

que já sabíamos, conversávamos com alguns moradores quando precisávamos esclarecer algumas dúvidas e assim os nossos escritos tomavam formas e o texto ia se moldando a partir de cada fonte que ouvíamos ou de algum texto que líamos e faziam menção a comunidade em destaque.

Com o passar do tempo, ocorreu a vacinação da população e a diminuição dos casos da Covid-19, dessa forma foi possível retornarmos a campo e voltamos a visitar o território na busca de colocar em prática o que tínhamos planejado anteriormente. E ao chegar na comunidade a nossa receptividade foi a melhor possível, o que vemos, ouvimos e observamos está sendo de muita utilidade para os nossos escritos, pois complementa o que já havíamos relatado a partir das fontes que estávamos utilizando. Inicialmente é preciso considerar a hospitalidade das pessoas da comunidade, a maneira a qual nos acolhe é extraordinário. Nos levam a conhecer os locais os quais têm uma história a ser contada, relatam as suas experiências vivenciadas de maneira a nos fazer compreender as situações e até a imaginar o sentimento que envolveu – se naqueles momentos que estão sendo narrados.

Estar imerso na comunidade, compreendendo as ações das lideranças, acompanhando algumas decisões que deverão ser tomadas, conversar com as pessoas de mais idades é um aprendizado inigualável para nós pesquisadores. A oralidade dessas pessoas é surpreendente, pois todos os seus saberes são relatados dessa maneira. A tradição que acompanha os quilombolas, é algo muito forte, muito real. Ver as suas práticas se perpetuarem é algo que permite com que as suas raízes não se percam, acompanhar os processos educativos que são compartilhados com as gerações mais novas é um fenômeno que nos desperta para a compreensão do quanto importante é preservar as nossas raízes, os nossos saberes e a nossa ancestralidade.

Mas, mesmo diante dessa situação pandêmica e de ter que alterar o roteiro da pesquisa, está sendo uma experiência bastante importante para a nossa construção de educadora popular, enquanto pesquisadora e também como ser humano. A construção desses escritos, as pesquisas previamente realizadas, a convivência com esta comunidade (mesmo que de longe) faz parte de um processo que nos fez crescer como pessoa, como sujeito que busca uma identidade para poder se compreender como membro participante da sociedade e como alguém que tem uma causa a dedicar – se.

Castells (2000) diz que:

A construção da identidade se efetiva nas relações sociais, nos processos dialéticos de contradição, na relação com outros grupos, nas questões culturais, num determinado período histórico. Identidade é a fonte de significados e experiências de um povo. (CASTELLS, 2000, p. 22 e 23)

Diante desse relato, dessa pesquisa e desse processo posso afirmar que somos pessoas bem mais envolvidas pela Educação Popular, pelas coisas simples da vida, pela cultura e sabedoria popular, pelo conhecimento e tradição dos povos tradicionais brasileiros, pelo empoderamento das classes populares, pela busca de uma sociedade mais digna e mais comprometida com as melhorias desejadas. Dessa forma, toda a nossa vivência enquanto pesquisadora e estudante contribuiu para a construção da nossa identidade.

3.5 – As fases exploratórias da pesquisa

3.5.1 - Pesquisa bibliográfica

Iniciando as nossas fases de pesquisas, fizemos as buscas pelo material impresso o qual contribuíssem para a nossa pesquisa, tratando-se de uma investigação que se configura como uma pesquisa bibliográfica do tipo “estado da arte”, tivemos como fontes de pesquisas, o Portal de Periódicos da CAPES, Portal de Teses e Dissertações da CAPES e o Repositório Institucional da UFPB, na oportunidade consideramos e analisamos dissertações e teses a respeito do povo quilombola, em seguida teses e dissertações a respeito das práticas populares em saúde, seguido das produções que relatavam as práticas populares em saúde do povo quilombola e por fim as produções que referenciam a comunidade de Caiana dos Crioulos, de modo geral apareceram as publicações que estão referenciadas nos quadros abaixo, em continuação as buscas fizemos um refinamento e usamos alguns critérios de inclusão a exemplo do marco temporal, palavras chaves no resumo e o nome do lócus da pesquisa no título.

Como critérios de inclusões usamos os anos de 2015 a 2022, consideramos que as pesquisas referenciassem no resumo algumas palavras chaves que usamos na nossa pesquisa, a exemplo de práticas populares em saúde, educação popular em saúde, povo quilombola de Caiana dos Crioulos. A partir desse refinamento usamos como critérios de exclusão as seguintes informações, ser anterior ao ano de 2015, não ter sido uma

pesquisa feita na comunidade a qual serve de base para a nossa pesquisa, ou não conter no seu resumo palavras chaves que usamos na nossa obra.

Após haver uma busca utilizando esses meios de inclusão e exclusão chegamos a um resultado o qual foi descrito no nosso capítulo de análises e discussões. Seguindo os resultados obtidos, as produções que encontramos foram analisadas através da leitura do seu resumo e trazida para os nossos escritos por meio de uma análise textual referenciando o nosso campo de pesquisa, as quais serão melhor detalhadas em itens a seguir.

QUADRO I - PORTAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

(Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>)

PALAVRAS CHAVES	QUANTIDADES DE PRODUÇÕES
Prática Popular em Saúde	1.054.537
Povos Quilombolas	6.429
Práticas Populares em Saúde do Povo Quilombola	1.323.665
Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos	743.654

Fonte: Produzido pela autora – Março (2022)

QUADRO II – PORTAL PERIÓDICOS CAPES

(Disponível em:

<<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>>)

PALAVRAS CHAVES	QUANTIDADES DE PRODUÇÕES
Prática Popular em Saúde	1.221
Povos Quilombolas	243
Práticas Populares em Saúde do Povo Quilombola	2
Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos	13

Fonte: Produzido pela pesquisadora – Março (2022)

QUADRO III – REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFPB

(Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/?locale=pt_BR>)

PALAVRAS CHAVES	QUANTIDADES DE PRODUÇÕES
Prática Popular em Saúde	6.496
Povos Quilombolas	877
Práticas Populares em Saúde do Povo Quilombola	731
Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos	40

Fonte: Produzido pela pesquisadora – Março (2022)

Após selecionarmos essas produções, consideramos alguns critérios de eliminação.

O primeiro critério foi relacionado ao tempo, ou seja, consideramos produções do ano de 2015 até os dias atuais, o segundo foi o critério de que o tema tivesse familiaridade com os nossos estudos, ou seja, que envolvessem as palavras “práticas populares em saúde do povo quilombola” e após essa seleção, encontramos publicações que referenciam Caiana em vários aspectos, porém não encontramos nenhuma produção que referencie as práticas populares de saúde daquela comunidade.

3.5.2 – Pesquisa documental

Após selecionar quais tipos de fontes de pesquisas serviriam para nos dar embasamentos, concluímos que a pesquisa documental seria de grande valia para a nossa escrita e a partir daí, analisamos vídeos que retratam o cotidiano da comunidade pesquisada; seus conteúdos foram analisados a partir da observação/visualização, da transcrição do seu conteúdo e da análise dos mesmos pela autora. Ao pesquisarmos por documentários, vídeos ou reportagens que referenciasse a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, encontramos os seguintes:

Quadro IV : Documentários e reportagens que referenciam a comunidade de Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande)

Título da Obra	Data da publicação	Espaço de exibição	Disponível	Duração
Reportagem “Retratando a riqueza histórica e cultural de Alagoa Grande”.	Em 13 de dezembro de 2016.	Telejornal. Jornal da Paraíba (1ª edição)	https://globoplay.globo.com/v/5511347/	05 minutos e 05 segundos.
Caiana dos Crioulos é fonte de pesquisa para o escritor Laurentino Gomes.	Em 30 de novembro de 2018.	Telejornal. Jornal da Paraíba (2ª edição).	https://globoplay.globo.com/v/7200966/	04 minutos e 12 segundos.
Aqui tem coco – Um dia em Caiana dos Crioulos	Em 04 de agosto de 2014	Plataforma Digital (You Tube)	https://www.youtube.com/watch?v=3uLiDgoWnkk	19 minutos e 20 segundos
Quilombo de Caiana dos Crioulos	Em 20 de novembro de 2016	Plataforma Digital (You Tube)	https://www.youtube.com/watch?v=3uLiDgoWnkk	13 minutos

abre as portas				
Mestres da Parahyba: Caiana dos Crioulos	Em dezembro de 2018	Plataformas Digitais	https://www.youtube.com/watch?v=a5nYG6TWoQo	15 minutos e 25 segundos

*Quadro feito pela pesquisadora. Pesquisas realizadas em Março de 2022.

Ao realizar as pesquisas, observamos o que foi descrito no quadro III e tivemos uma maior compreensão da realidade da comunidade, identificamos a sua origem difícil, os preconceitos sofridos, as dificuldades de acesso há alguns lugares (a exemplo de escolas, comércios e feiras livres), de sobrevivência, de aceitação e da sua imersão na localidade a qual o território está inserido.

Mesmo estando em pleno século XXI, as realidades de vida dos quilombolas não têm sido fáceis, os desafios de viver em uma sociedade que todos nós somos iguais e que somos capazes de realizar as mesmas atividades e mesmo assim ainda há aqueles/aquelas que corriqueiramente nos machucam com desconfianças, ações e palavras. É bem verdade que no passado tudo era mais difícil, porém na atualidade pouca coisa mudou, ou seja, ainda vivenciamos situações de racismos e de desconfianças.

3.5.3 A Observação Participante

Na busca de compreender a questão de pesquisa e no anseio de traçar um caminho o qual foi necessário trilharmos para poder chegar nas respostas dos nossos objetivos, seguimos em contato com a comunidade, a busca pela participação nas ações desenvolvidas pelas mesmas, o diálogo com as agentes comunitárias de saúde, com as parteiras, rezadeiras, líderes comunitárias e também com aqueles/aquelas moradores que fazem uso dessa prática milenar.

Após uma conversa prévia e a primeira visita à comunidade²⁰, identificamos as pessoas que possivelmente seriam os nossos colaboradores, como critérios de escolha

²⁰ Esta visita citada, refere-se a data de março de 2020, período anterior a pandemia do covid-19, mesmo assim tomamos todos os cuidados necessários para que fosse possível um contato físico.

usamos os seguintes argumentos: Ser morador da comunidade, ser descendentes de africanos, que façam uso das práticas populares em saúde e que seja praticante ou usuário.

Na oportunidade desta visita entramos em contato com a líder da comunidade Luciene Tavares e demonstramos o nosso desejo de realizar uma visita à comunidade para darmos início as nossas observações. Como já era do conhecimento da mesma que o nosso campo de investigação seria nessa referida localidade, prontamente ela se dispôs a nos receber e nos fornecer as informações necessárias. Fomos recebidos pela Luciene Tavares (Líder Comunitária), Lucélia e Elza (Agentes Comunitários de Saúde)

Naquela ocasião, descrevemos para elas os nossos objetivos descritos na pesquisa, o interesse por aquela comunidade, o nosso respeito e consideração pelo trabalho desenvolvido pelas mesmas; a partir da nossa fala e da nossa exposição, conversamos a respeito de como estava planejando as visitas, as observações e os diálogos. Prontamente ouvi das anfitriãs que eramos bem-vindos, que a nossa pesquisa seria desenvolvida e que cada uma delas teriam enorme satisfação em dar a sua contribuição. Apenas um pedido foi realizado por parte das líderes comunitárias, que após a análise fossem disponibilizados os resultados para que toda a comunidade estivesse ciente desse conhecimento.

Nesse mesmo período, fizemos uma visita em alguns pontos da comunidade, a exemplo da escola, da unidade básica de saúde, do ginásio poliesportivo, nas principais ruas da comunidade e nos locais tidos como de maior movimento de pessoas, a exemplo da frente da igreja católica. Conversamos com alguns transeuntes que encontramos pelo caminho, falamos da nossa proposta, explicamos nossa presença naquele espaço e fomos bem recebidos por todos e todas.

Mas infelizmente devido ao contexto da pandemia, e à proporção que esse mal causou e causa até os dias atuais outras visitas demorou para acontecer, pois temíamos pelas nossas vidas e pela saúde para não colocarmos em risco as pessoas da comunidade, diante destes fatos foi necessário haver uma espera para poder voltarmos à comunidade, e somente após a vacinação de uma grande quantidade da população é que foi possível retornarmos ao nosso território de pesquisa.

No total foram realizadas três visitas, a primeira ocorreu no mês de março de 2020, na oportunidade nos encontramos com dona Elza, Luciene e Lucélia. A segunda visita ocorreu no mês de fevereiro de 2022, na ocasião nos encontramos com Lucélia, dona Cida e Marinês e mais algumas pessoas que faziam parte da reunião da Associação

de moradores que estavam prestes a acontecer. E na terceira visita ocorreu no mês de abril de 2022, nesta oportunidade nos encontramos com dona Elza e dona Luzia. Quando nos dirigíamos ao território não tínhamos pressa em sair de lá, ficávamos por horas conversando e ouvindo as mulheres fazerem seus relatos, enquanto isso fazíamos nossas anotações.

3.5.4 – Organização e análises dos dados

Após as três fases de pesquisas (bibliográfica, documental e observação participante), fizemos a organização dos dados e cruzamos as informações que tinham sido adquiridas nas Teses e Dissertações com as que tinham sido relatadas nos vídeos e documentários e por fim com as que foram narradas pelas mulheres da comunidade. Após essa triangulação de dados, foi possível compreender que as informações se complementam e que são verdadeiras, percebemos também que as maiores dificuldades encontrada pelos negros não é apenas o racismo e a falta de oportunidades, mas a exploração do seu trabalho e a negação dos seus direitos.

Diante dessas realizações entendemos que a nossa pesquisa é de total relevância para a população em geral, pois retrata a cultura e os saberes milenares que são compartilhados e vivenciados pelos afrodescendentes, assim como também referencia suas maiores dificuldades apresentadas na atualidade, a exemplo das desqualificações dos seus feitos e das discriminações das suas vivências.

IV - UM ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO POPULAR E COM A EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

*Trago em versos e poemas
A história do nosso povo
Relembrar os fatos vividos
Para não sofrermos de novo*

*Não foi fácil contar
A história desse chão
Imagem o sofrimento
Que assolou nossos irmãos*

*Aos mestres e educadores
Peço com humildade e atenção
Precisamos nos unir com amor no coração
Repensar a nossa história e promover transformação*

*É necessário despertar fatos da nossa história
Buscar uma memória consciente e libertadora
Promover outros caminhos, alcançar outras vitórias
Descartar o que machucou sem esquecer a trajetória*

*Nesse espaço vamos ter
Muitas histórias para contar
Diferentes experiências
Da Educação Popular*

*Por aqui vivia um povo
Indígenas, livres e independentes
De repente chegou um outro
Com hábitos e costumes diferentes*

*Invadindo comunidade, destruindo parentelas
Impondo seus valores e pontos de vistas
Modificando a nossa história, explorando novas terras
Esquecendo que já tínhamos alcançados muitas conquistas*

*Por aqui a vida se modificou
A escravidão de muitos indígenas aconteceu
O europeu nessa terra se instalou
E muitos acontecimentos por aqui se sucedeu*

*A educação e religiosidade
Não se podia nem pensar
Pois o objetivo dos portugueses
Era somente escravizar*

*Assim como os indígenas
Os negros também sofreram
Era uma sociedade elitista
Para sobreviver tinha que ser guerreiro*

*A cada década que passava
Aumentava a dor e a agonia
De mulheres, indígenas, pobres e negros
Eram esses quem mais sofriam*

*Os anos foram passando
E as ações acontecendo
As coisas só iam piorando
E o povo continuava sofrendo*

*Governo vai, governo vem
Os políticos nada de bom fazia*

*Não se pensava e nem se desejava o bem
A população apenas sofria*

*Muito se passou
Até pensar em Educação
Tendência e conceito se experimentou
Para atender a população*

*Mas acontece que os governantes não desejava
Atender a sociedade, nem vê-los se graduar
Havia pouca educação, trabalho era o que bastava
Não tinham o interesse dessa situação mudar*

*Antes de sessenta e quatro
O Brasil foi palco de povos a libertar
Com um sistema ineficaz e falido
Precisava-se começar a sonhar*

*Em uma corrente de união
Buscavam as vidas mudar
Por um sistema de alfabetização
A auto estima e os valores resgatar*

*Surge então no nosso país
Um educador brasileiro
Trazendo amor e esperança
Revolucionando, sendo pioneiro*

*Nos mostrou novas práticas
Revolucionou saúde e educação
Trouxe esperança e melhorias
Promoveu a libertação*

Focando na transformação

*Do povo brasileiro
Este homem tornou-se ação
Foi destemido e guerreiro*

*Paulo Freire era seu nome
Nasceu para revolucionar
Escreveu a sua história
E elevou a Educação Popular.*

(Edileuza Ricardo - 2021)

4.1 – Dialogando com a Educação Popular

[...] é preciso que desde o começo dos processos, vá ficando cada vez mais claro que embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar, quem é formado forma-se e forma o outro ao ser formado [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.23)

Calado (2014, p. 335), nos descreve a Educação Popular como “processo de humanização, conjunto de práticas e reflexões características de uma sociabilidade ao sistema dominante, protagonizada por sujeitos visando o desenvolvimento das mais distintas potencialidades do ser humano”. Após analisar a fala desse renomado autor, nos instigamos a descrever a Educação Popular como o meio mais adequado de conscientizar o ser humano do seu papel na sociedade e de fazer dele cidadão crítico e consciente, além de instigá-lo a protagonizar a sua realidade a partir dos seus saberes, visando uma melhor situação de vida.

De acordo com Silva (2020, p.42) entendemos que “a Educação Popular teve a sua origem na América Latina e que surgiu como uma forma de trabalho educativo para o povo, com o objetivo de usufruir de sua força produtiva”. Ainda de acordo com a autora, essa concepção educativa vem se fazendo presente em diferentes contextos educativos, comunitários, movimentos sociais e formação de grupos nas práticas populares, tendo isso na busca de se inserir no processo histórico como sujeitos.

Aqui no Brasil, a Educação Popular teve origem por volta dos anos de 1950 e se consolidou nas décadas seguintes, sempre com o intuito de promover a melhoria de vida da população menos favorecida. Lovisolo (1990, pág. 18) destaca que,

...a educação popular não foi uma criação dos populares, mas de intelectuais que se declaravam a seu serviço, comprometidos com suas causas, solidários com seus destinos e, principalmente, com a construção da autonomia dos longos segmentos da população, representados como subordinados, dominados, etc. (LOVISOLO, 1990, p. 18)

Partindo deste pensamento, compreendemos que a expansão da Educação Popular partiu de pessoas que visavam solidificar um movimento educativo e que buscava a libertação dos sujeitos envolvidos nesses processos. As ações desenvolvidas pelos educadores populares tinham o intuito de politizar e libertar aqueles que viviam em situações de exclusão social.

Para compreender a Educação Popular, é necessário entender seu ponto de partida, e o grande movimento social e popular que envolve diferentes segmentos da sociedade os quais participavam intensamente desta causa e buscavam uma transformação da sociedade de forma cultural e social através da conscientização popular em relação aos seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

A Educação Popular que emergiu na América Latina, teve como ponto de partida o modelo de sociedade capaz de construir e expor interesses de diferentes grupos sociais. Interesses os quais visavam transformar a sociedade e a vida dos menos favorecidos da época, buscavam criar propostas culturais e educacionais em um contexto político o qual era marcado pela pobreza e pelas grandes desigualdades sociais. No final da década de 1950 e início da de 1960, vivenciamos um momento de renovação política e educacional na sociedade brasileira.

Aqui no Brasil a Educação Popular nasceu fora das escolas, nasceu e se intensificou nas camadas populares e no meio dos grupos que lutavam por melhores condições de vida, através da luta dos seus apoiadores e daqueles que buscava mudar a situação e tomou outro rumo a partir das concepções do educador Paulo Freire, pois de acordo com seus discursos e escritos a Educação Popular seguiu um viés libertador e conscientizador da realidade vivida pela população. O auge destes ensinamentos ganhou

bastante proporção em especial pelos movimentos de alfabetização de adultos, os quais eram instigados por Paulo Freire e pelas suas ideias.

Para Machado (2012, p.152),

A Educação Popular constitui-se um paradigma educativo sistematizado por Paulo Freire que visa contribuir com o processo de conscientização e mobilização das classes subalternas, a partir de uma teoria referenciada na realidade, na valorização dos saberes populares e de uma base ética e política voltada para a transformação social. Ela aposta em metodologias dialógicas que estimulam a luta coletiva pela emancipação humana. (MACHADO, 2012, p. 152).

Melo Neto (2011, p. 32) descreve a Educação Popular “como um movimento prático e teórico em educação, presente em processos de organização das classes trabalhadoras, sobretudo nos que apresentam profunda crítica à educação dominante”. Já segundo Calado (2014, p.177) a Educação Popular é descrita como “o processo formativo permanente, protagonizado pela classe trabalhadora e seus aliados, continuamente alimentada pela utopia em permanente construção de uma sociedade economicamente justa, socialmente solidária e politicamente igualitária”. Para Vasconcelos (2013, p. 111) “a Educação Popular é um modo de orientar as ações educativas que se baseiam em uma teoria pedagógica e em uma utopia política”.

Fazendo uma análise da Educação Popular a partir dos escritos desses/dessa renomados/renomada autores/autora, compreendemos que a mesma se constitui um processo de educação que visa direcionar as classes populares, almejando a libertação dos oprimidos, o fortalecimento das atividades coletivas e a transformação da realidade na busca de proporcionar-lhes direitos básicos fundamentais, diferenciando assim, seus princípios da educação tradicional. A luta e a união da população socioeconomicamente desfavorecida, dos intelectuais, da igreja e dos educadores constitui um efervescente processo de luta em busca da efetivação da Educação Popular.

Nesse período, não apenas os intelectuais, mas as igrejas representadas pelos seus membros, educadores e trabalhadores do campo e da cidade se doaram em prol desse movimento que visava a libertação e a mudança de vida daqueles que eram marginalizados na sociedade. O momento histórico e político da época era algo que influenciava bastante as ações do movimento, pois as decisões políticas respingavam na população e consequentemente na realidade dos cidadãos.

Nossos escritos traz essas diferentes concepções para nos embasar no que tange ao nosso objetivo de evidenciar as Práticas Populares em Saúde vivenciadas nas comunidades quilombolas a luz da Educação Popular, pois a partir dessa concepção de ensino era possível promover a reflexão da nossa realidade e buscar uma mudança de vida, através dessas práticas nos indagávamos a respeito da ausência dos nossos direitos, dos nossos saberes e das nossas ações para minimizar essas desqualificações das nossas vivências.

Na Apresentação do Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (2014) encontramos escritos que dizem:

A Educação Popular tem um longo percurso no Brasil, a partir de um conjunto de práticas e experiências que se forjaram junto às classes populares, no chão das fábricas, em sindicatos, nas comunidades de base e igrejas, nas universidades, no campo, na cidade e na floresta, com os mais diferentes grupos, os trabalhadores, especialmente os em situação de pobreza, excluídos de seus direitos básicos como também em experiência que se realizam no âmbito da educação formal e da institucionalidade de governos municipais, estaduais e federal. (BRASIL, 2014)

Este documento citado anteriormente descreve a origem da Educação Popular no nosso país e consolida seus feitos como um movimento libertador e favorável àqueles que vivenciavam um momento de abandono social, mas que esperançavam um ato transformador e libertador.

Nessa perspectiva a Educação Popular se interliga às questões educacionais, sociais e por direitos, as decisões políticas que são importantes para gerar condições de transformação social a partir das suas ações de renovação, inovação social e o diálogo entre grupos e segmentos da sociedade capazes de transformar a realidade social por meio da educação popular e das suas manifestações.

Falar de Educação Popular é nos remeter a uma realidade a qual muitos da nossa sociedade está imerso à ela, compreendemos como fatores primordiais para o desenvolvimento da Educação Popular, a amorosidade, a partilha, a valorização do ser humano tal qual ele ou ela é, os diferentes saberes, o protagonismo daquele/daquela que está desenvolvendo ação, a participação nas ações desenvolvidas e a comunhão dos interesses em comum.

A Educação Popular é feita para o povo e com o povo, suas raízes são advindas das classes minoritárias da população, embora o seu surgimento e consequente expansão

tenha tido o apoio de muitos intelectuais que lutavam em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, foi das classes mais populares que se rompeu o desejo da conscientização e valorização das classes menos favorecidas.

Na Educação Popular há ações que elevam os conhecimentos diferenciados dos seus envolvidos de modo a valorizar os saberes prévios de cada pessoa que está inserido com o processo de ensino e aprendizagem. Independente dos saberes trazidos pelos participantes desse processo serem científicos ou populares, ele é de total relevância para o sistema educacional e para a sociedade.

A ancestralidade, a oralidade, as ações realizadas em meio a realidade, faz da Educação Popular um caminho diferenciado dos demais, pois seu foco principal é o ponto de partida da realidade dos sujeitos, promovendo assim um protagonismo entre os envolvidos no processo e os demais participantes.

As concepções de ensino utilizadas na Educação Popular são orientações que instiga a população a pensar suas condições de vida, a refletir a respeito dos seus pensamentos e a imaginar como seria a vida das pessoas na atualidade se porventura a mesma não existisse, pois ela busca nos evidenciar a uma prática diferenciada, a uma libertação dos nossos medos e a construção da nossa própria história. Saviani (2013, p. 317) corrobora conosco quando diz que,

A mobilização que toma vulto na primeira metade dos anos de 1960 assume outra significação. Em seu centro emerge a preocupação com a participação política das massas a partir da tomada de consciência da realidade brasileira, e a educação passa a ser vista como instrumento de conscientização. A expressão educação popular assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo à ordem existente (SAVIANI, 2013, p. 317).

Considerando essa afirmação, compreendemos que é possível praticar a Educação Popular em qualquer lugar e contexto, porém suas evidências são bastante desenvolvidas em assentamentos rurais, comunidades quilombolas, acampamentos ciganos, aldeias indígenas, populações ribeirinhas, no ensino de jovens e adultos e em processos educativos semelhantes. Essa mesma concepção de ensino é resultante de ações que facilitam e promovem a educação, a amorosidade, a troca de conhecimento, o diálogo e a partilha dos saberes.

Compreender os sujeitos a partir da sua realidade de vida é o que efetiva a Educação Popular, possibilitando uma proposta simples e eficaz promovendo uma troca de experiências e saberes capazes de modificar a vida de uma pessoa. Esse processo, tem como ponto inicial a realidade social e econômica dos seus envolvidos, levando em consideração também o seu processo de ensino e de aprendizagem, além de se tratar de um processo inconcluso e inacabado.

Diante de tudo que já foi exposto, identificamos alguns passos da nossa realidade vivenciada como práticas da Educação Popular, como ações que podem ser utilizadas em diferentes áreas do nosso processo de vivência, a exemplo da saúde, da educação, do social, entre outros. Diante destas ações compreendemos que;

A evolução humana só tem sido possível devido, inicialmente, ao acúmulo de saberes intuitivo ou conhecimentos práticos desenvolvidos pelos próprios humanos, o que torna possível sua existência até os dias de hoje, nessa caminhada da humanidade foi ocorrendo um processo seletivo de saberes desde o começo da relação entre o homem e a natureza... (FELIPE e MELO NETO, 2017, p. 227).

A Educação Popular no nosso país se consolida com ênfase na união de diferentes pessoas e com a busca de dias melhores para a população, em especial aqueles/aquelas membros da sociedade que busca uma igualdade de deveres e direitos entre todos os membros da sociedade, sem distinção de cor, de religião ou de saberes. A busca por igualdade de direitos e de justiça é um dos pilares que movimenta a Educação Popular.

Conhecendo a Educação Popular e fazendo uso dos seus ensinamentos, faz-se possível conhecermos o educador Paulo Freire, o qual por volta dos anos de 1960 ficou conhecido pelo seu método de alfabetização de jovens e adultos que revolucionou o nosso país possibilitando-o (na época) integrar a equipe do Ministério da Educação, bem como lhes permitiu desfrutar o título de uma das maiores personalidades educacional que existiu no século XX. Enfatizando as nossas palavras, De Souza Batista (2011) corrobora;

A Educação Popular apresentou notoriedade no Brasil, principalmente a partir da década de 1960, tendo como seu principal representante Paulo Freire, que sistematizou o método de Educação Popular, direcionado para a Educação de Jovens e Adultos. Ele propunha uma educação dialógica e problematizadora, voltada à conscientização e à emancipação das camadas empobrecidas da população. (DE SOUZA BATISTA, 2011, p. 225).

Com a exposição do seu método e a sua experiência vivenciada em Angicos município do estado do Rio Grande do Norte, Paulo Freire difundiu para todo o país, assim como para o mundo que era possível alfabetizar adultos que não tiveram oportunidades de frequentar as escolas enquanto eram crianças; bem como, usar da sua própria realidade para conscientizá-los das suas práticas diárias e das suas faltas de oportunidades.

Partindo desse pressuposto, é necessário salientar que a Educação Popular além de empoderar o indivíduo quanto os seus feitos, suas raças e suas origens ela permite uma vivência de libertação, de encorajamento e de conscientização de classe, permitindo uma motivação particular e melhor qualidade de vida. Freire (2005, p. 60) salienta que:

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ação cultural para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor [...] Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação (ninguém se liberta sozinho) também não é libertação de uns feita por outros. (FREIRE, 2005, p.60).

A Educação Popular é de extrema necessidade e valia dentro de uma sociedade, através da mesma podemos repassar e compartilhar conhecimentos necessários para toda uma comunidade; a prática popular permite ao cidadão uma maior e melhor conscientização do seu papel social, viabilizando suas ações e conhecimentos referentes ao seu posicionamento quanto ser em constante transformação, e por meios dos ensinamentos que são praticados nessa modalidade de ensino. Brandão (1981, p. 10-11) contribui dizendo que:

Um dos pressupostos do método é a ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário — um ato de amor, dá para pensar sem susto —, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a autoeducação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. “Não há educadores puros”, pensou Paulo Freire. “Nem educandos.” De um lado e do outro do trabalho em que se ensina e aprende, há sempre educadores - educandos e educandos educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende (BRANDÃO, 1981, p.10-11).

Seguindo nesse raciocínio, compreendemos a Educação Popular como fundamental para uma mudança de vida bem como conscientizar-se da real situação social. Reconhecemos-lhes como meio de viabilizar uma sociedade mais justa, mais amorosa, mais igualitária e menos preconceituosa, dando reais condições de sobrevivência aos seres humanos, bem como igualdade de oportunidades.

Outro fator primordial na Educação Popular é o diálogo, ferramenta pela qual é possível a troca de ideias e pensamentos diferenciados de cada passo desenvolvido. Paulo Freire, que é citado até a atualidade como um grande educador popular era defensor do diálogo; o mesmo acreditava que por fazer uso dessa ferramenta, temos a possibilidade de modificar as vidas das pessoas e as realidades, considerando a educação como o principal meio de mudanças de vida.

Através desse caminho é possível promover transformações sociais que busquem de maneira pacífica e harmônica oscilação nos dados que são indicadores de uma nova realidade e que viabiliza uma mudança de segmentos em busca de uma verdadeira ação libertadora. Brutscher (2017, p. 46) colabora com nosso pensamento usando as seguintes palavras:

A educação tem grande potencialidade de transformar a realidade e, junto com ela, os indicadores sociais, [...] não se pode ignorar a incidência dos demais condicionantes sociais como é o caso da economia, da cultura, da arte e da política [...] a educação tem capacidade de potencializar ou não os demais condicionantes, por isso ela é fundamental para qualquer transformação social. (BRUTSCHER, 2017, p. 46)

Decorrente desses fatos, compartilhar com a sociedade o real significado da Educação Popular, é contribuir para uma postura social crítica, promover-lhes motivação de modo a corroborar com caminhos que construam meios de sobrevivência pautado no ato de tomar consciência de uma realidade sem distinguir a mesma, deixando-a valorizada e esperançosa por dias melhores e mais justos.

Desta maneira, compreendemos que a sua ênfase seja vivenciada e difundida por todos os educadores que pleiteiam melhorias de vida para aquela parcela da sociedade que não tem oportunidades igualitárias, bem como aqueles que simplesmente não acreditam mais no futuro, exatamente pelo fato de não terem tido oportunidades de usufruir das benevolências causadas pela Educação Popular, pelos seus métodos de

acreditar na potencialidade do ser humano, independente da sua origem, raça, sexualidade, classe social ou opção política.

Trazendo como exemplo de modelos de práticas e ações concretas da Educação Popular, nos voltamos para as experiências vivenciadas no Programa Brasil Alfabetizado, o qual serviu como base para a nossa imersão na Educação Popular, na oportunidade tratávamos com os nossos estudantes temas e ações desenvolvidas na sociedade e que envolviam as nossas realidades. Além desses momentos de partilha de conhecimentos havia também uma necessidade de promover no indivíduo momentos de autoavaliação das suas ações e práticas, bem como de provocar uma conscientização do seu valor como ser humano.

ILUSTRAÇÃO XVIII - IMAGEM DE UM MOMENTO DE DISCUSSÃO DA REALIDADE. MOMENTO DE PRÁTICA DA EDUCAÇÃO POPULAR.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2017.

Trazemos também experiências a partir da nossa realidade enquanto educadora popular, na busca de conscientizar a nossa população (que se encontrava em praça pública) a respeito desse processo político que vivenciamos e que está acabando com o nosso país e com as conquistas do povo. Essas realizações são importantes devido à falta de conscientização do povo a respeito de diversos aspectos da sociedade, a exemplo dos direitos do cidadão, saúde, moradia, educação, dos desmontes das políticas públicas que beneficiavam as comunidades e aquelas pessoas que vivem em vulnerabilidade social, em situação de rua e etc.

IUSTRAÇÃO XIX – IMAGEM DE UM MOMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO DA REALIDADE. TRATANDO A RESPEITO DA REFORMA TRABALHISTA.



FONTE: Arquivo Pessoal. 2017.

A partir dessas situações de conscientização da população evidenciamos ações reais da Educação Popular, momentos de troca de experiências, partilha de saberes e engajamento nas lutas pelo direito das classes menos favorecidas. Lopes (2020, p.113) diz que “a Educação Popular se faz quando se vive organizado, em grupo, em comunidades”. Diante do que foi exposto, compreendemos que é necessário nos organizarmos para colocar em prática a luta pelos nossos direitos. Pois, nem tudo que é garantido por lei chega até a população, muitas das vezes é necessário organização e luta para poder alcançar o que é nosso por direito.

Ainda compreendendo a Educação Popular, consideramos o que diz Fleuri (2020, p. 117) quando nos referencia que a “Educação Popular é exatamente a busca de inserção dos movimentos sociais, principalmente nos movimentos populares, na tentativa de estarem juntos em lutas e práticas nos interesses e objetivos das classes populares”. Diante do exposto, entendemos que a nossa construção e partilha de saberes nos faz comungar com a ideia de sermos educadora popular e que estamos lutando por um bem coletivo que beneficiará a população.

4.2 – Compreendendo as práticas popular em saúde

*Falar de Educação Popular em Saúde,
É algo muito além do comum,
Requer autonomia e atitude,
E não há problema nenhum.*

*Seus processos educativos,
Envolve diferentes profissionais,
Cada um com seu jeitinho,
E todos eles satisfaz.*

*São práticas naturais e transmitidas,
Através da educação,
De cuidados individuais e coletivos,
No diálogo e conhecimento do povo.*

*O estímulo à prevenção,
E o engajamento pessoal,
Promove a qualidade de vida,
Melhorando a trajetória social.*

*É bem verdade que nela, nem todos acreditam,
No bem que a natureza faz,
Mas a sua aceitação só aumenta,
Promovendo cuidados coletivos e individuais.*

*Alguns autores já evidenciam,
A serventia das plantas naturais,
Coisas que os povos originários já diziam,
É o que agora a realidade nos traz.*

*Maria Waldenez, Palmira Lopes,
Eymard Mourão Vasconcelos,
São autores que evidenciam os enfoques,
Da naturalidade e seus mistérios.*

*Ao se envolver com essa prática,
Ficamos todos maravilhados,
Com toda essa diversidade,
Não podemos ficar calados.*

*Desenvolver essas práticas,
Aprofundar nessa lição,
Usufruir da natureza,
E expandir essa tradição.*

*Vou parando por aqui,
Agradeço por me escutar;
As práticas populares em saúde,
São advindas da Educação Popular.
(Edileuza Ricardo – 2021)*

As Práticas Populares em Saúde, faz parte da vida das pessoas desde a antiguidade, o manejo do cultivo das plantas e das ervas medicinais acompanham diferentes nações e gerações. São ações que redescobre e repassa para os mais jovens tradições e práticas milenares. Ao se conectar com as práticas populares em saúde, nos deparamos com saberes que atravessam gerações e que se perpetuam através dos seus descendentes. Lopes (2020, p. 90) diz que:

Um dos maiores patrimônios culturais de um povo consiste nas práticas populares de saúde. O uso de plantas medicinais na arte de curar é uma forma de tratamento de origens muito antigas, relacionada aos primórdios da medicina e fundamentada no acúmulo de informações por sucessivas gerações. (LOPES, 2020, p. 90)

Mesmo com o avanço da medicina e da tecnologia, e com toda a facilidade que a sociedade dispõe, além da possibilidade de adquirir remédios de farmácia, as práticas populares ainda estão bem presentes no nosso meio, principalmente em comunidades que perpassam seus saberes por diversas gerações. O uso dessas ações não se remete a falta de dinheiro ou de condições financeiras, mas sim a continuidade de saberes milenares que atravessam gerações e contribuem para o processo de cura e de melhoria

da saúde, não apenas a saúde física, mas a saúde mental e o bem-estar diário que todo ser humano necessita.

As Práticas Populares em Saúde que são heranças vinculadas a diferentes povos que herdaram dos seus ancestrais saberes milenares, desponta na sociedade como precursor para compor um elo de diálogo, de cuidado, de indignação, de amorosidade e de troca de conhecimentos entre aqueles/aquelas que mantêm a sua cultura ativa, com os acadêmicos, com profissionais da saúde e membros da população que necessitavam (e ainda necessita) dessas práticas. Oliveira (2009, p. 301), “aponta para importantes processos e espaços de produção de conhecimentos e práticas nesta área, vinculados a um compromisso histórico com a justiça social e a melhoria da saúde e da população brasileira”.

Na atual sociedade que vivemos, ainda há em bastante evidência a prática da cura pelas plantas, pois são ações que perpassaram por muitas gerações até chegar aos nossos dias e que compartilhamos desses saberes através das nossas ações vivenciadas. A crença popular nas plantas, nas ervas e nas rezas, permitem ao nosso povo vivenciar experiências que os nossos ancestrais viveram, essas ações vão além das posses financeiras, pois não são utilizadas apenas por quem não tem dinheiro, mas por quem tem fé, por quem acredita que através daquelas práticas possam compartilhar saúde e conhecimentos.

As práticas populares em saúde podem ser desenvolvidas em diferentes lugares, o mais comum de encontrá-la são nas comunidades de povos tradicionais, a exemplo dos quilombolas, ciganos, indígenas, dentre outros(a), pois são eles/elas quem perpetuam esses saberes ancestrais, porém não significa dizer que apenas nesses territórios são transmitidos ou vivenciados essas práticas, pois a sociedade em geral também fazem uso dessas práticas e promovem a perpetuação desses saberes mesmo sem saber da sua origem.

A crença na cura por meio das plantas e das rezas, e nas ações daqueles que executam essas práticas a exemplo das rezadeiras, dos erveiros e dos curandeiros promovem no ser humano momento de bem-estar e de cura e assim as práticas populares em saúde continua resistindo e se tornando cada dia mais eficiente e mais procurada dentre a sociedade. Diante disso, esses saberes continuam sendo compartilhados e vivenciados com as gerações mais novas.

Desde a antiguidade os seres humanos (homens e mulheres) aprenderam a retirar da natureza o que precisava para a sua sobrevivência e bem-estar, assim, na área da

saúde não seria diferente; foi a partir das plantas que surgiu uma forma de cura e de cuidados entre os seres humanos. Lopes (2019, p. 14) diz que, “as plantas vivem à toa, no mato sem serventia, mas quando a gente a conhece, ela tem força e valia”. A partir dessas palavras compreendemos que o que nós precisamos está bem mais perto da gente do que imaginávamos, na natureza, algo que nasce e cresce de forma natural.

Ao nos voltarmos para os benefícios que recebemos das plantas, entendemos que há uma grande importância das mesmas na vida dos seres humanos e que ao observarmos a sua serventia para a humanidade, há a necessidade de cuidar e preservar a natureza, para que desta maneira tenhamos saúde, bem-estar e uma vida mais tranquila e menos estressante. As práticas populares em saúde, faz parte da nossa cultura desde sempre e seu uso jamais deixou de ser efetivado, o cuidado com o ser humano a partir dos saberes ancestrais e populares precedem os saberes científicos e desmistifica muitas ideias de que nessa prática não haja evolução.

Queremos chamar a atenção para a diversidade de raças que há no nosso país, cada um com sua crença, com sua fé e com suas ações na busca de um bem maior que é a realização do bem-estar e a busca pela saúde da população, através daí compreendemos que as práticas populares em saúde têm origem em diferentes culturas e nacionalidades, sendo assim seus saberes se entrelaçam e a partir delas formamos as diversidades que há no costume das práticas de saúde no nosso país. Redirecionando nossas pesquisas para os povos quilombolas, entendemos como uma prática bastante comum em nosso meio, desde o cultivo das plantas até a produção e o uso dos remédios caseiros e das rezas.

Na comunidade a qual pesquisamos são práticas corriqueiras e que está sempre presente no nosso meio, o plantio e cultivo das ervas medicinais é visualizada em muitos quintais de casas e usufruído por todos da população; desde a reza para tirar mal olhado ao chá para dor de barriga, são ações que predominam na comunidade de caiana e nas demais comunidades que se localizam nas imediações do território.

Por volta dos anos de 1980, surgiu os movimentos de bases no Brasil, os quais estavam com toda a efervescência de luta na busca por dias melhores para a população, esses movimentos que partiam da necessidade da população a exemplo da luta por educação, saúde, moradia e políticas públicas eu atendessem a população, buscavam conscientizar a sociedade da necessidade de lutar em prol dos seus direitos de cidadãos, esses movimentos fizeram despontar no nosso país organizações que tinham o interesse de despertar o sentimento de luta da população em busca de dias melhores e neste

período já surgia movimentos, grupos e militantes que além de enfatizar os saberes populares tornavam-se líderes que lutavam pelo seu povo e pela sua comunidade por dias melhores.

CAPÍTULO V - RESGATANDO O CONTEXTO DOS POVOS QUILOMBOLAS

*Queria ver você negro
Negro queria te ver
Se Palmares ainda vivesse
Em Palmares queria viver*

*Negro correndo livre
Colhendo, correndo por lá
Se Palmares ainda vivesse
Em Palmares queria ficar
(...)*

“Quilombos” (José Carlos Limeiro)

Consideramos como povos tradicionais brasileiros aquelas comunidades ou grupos de pessoas que são culturalmente diferenciados²¹ e se reconhecem como tais, que residem em qualquer parte do nosso país e faz do seu território os espaços de luta, de moradia e de convívio com os demais, como exemplo temos os povos quilombolas que vinheram para o nosso país forçados e trouxeram consigo seus costumes, suas raízes e seus conhecimentos, embora tenham sido proibidos a professarem sua fé, seus costumes e tradições. Resgatar a ancestralidade desses povos é ir além de simplesmente contar sua história ou narrar os fatos vivenciados por eles, para conhecer e aprofundar na sabedoria de alguns dos povos considerados tradicionais é necessário pesquisas e aprofundamento nas suas realidades.

Dos diversos povos tradicionais que habitam no nosso país, os que trataremos aqui serão os africanos; povos que foram arrancados da sua terra natal, que foram escravizados, que sofreram e que muitos dos seus descendentes conseguiram perpetuar

²¹ Entende-se dos grupos que possuem formas de organização social própria que ocupa e usa seus territórios e seus recursos naturais para reprodução da sua cultura, da economia, religião e demais aspectos.

suas tradições. Escolhemos retratar a origem dos africanos, por encontrarmos com essa temática uma familiaridade em relação às suas práticas e a sua vivência, por se sentir parte deles e por comungar das suas demonstrações e pensamentos; dentre as diferentes ações realizadas pelas pessoas que compõem esse grupo, escolhemos as práticas populares em saúde que são utilizadas pelos quilombolas.

Reverendo a história dos povos africanos, nos respaldamos em Gusmão (1996) para demonstrar a invisibilidade social que sofreram quando por aqui chegaram, ao serem transportados de maneira cruel e sub-humana, quando foram arrancados de forma arbitrária das suas terras, e ao chegar neste país serviram aos grandes proprietários de terra como escravos. A visão a qual a sociedade se tinha em relação as pessoas negras e a escravização dos mesmos, quando foram trazidas forçadamente para o nosso país com o intuito de servir aos ricos fazendeiros era de que se tratavam de uma classe inferior e que não possuíam valor nenhum, nem tampouco sentimentos. A sociedade da época buscava a qualquer custo formar mão de obra barata, ou melhor, sem nenhum custo, para que dessa maneira fosse possível erguer esse país e promover a vida de luxos e regalias de senhores/senhoras que encontraram nos africanos a oportunidade que buscavam para consolidar seus objetivos.

De acordo com Nascimento (1994, pág.275), “os europeus descobriram ainda no século XV que a maior fonte de riquezas era o tráfico escravista e o Brasil passou a ser o mais importante receptor desta “mercadoria” ...” e por aproximadamente três séculos e meio o comércio de seres humanos rendeu bastante lucro para a elite brasileira, da mesma maneira que proporcionou aos africanos escravizados um longo período de dor, sofrimento, torturas, separações, segregação, acusações infundadas e mortes. E em meio a tantos maus tratos, os africanos buscavam uma vida melhor, lutavam pela sua liberdade e sobreviviam em meio a muita dor e desrespeito.

Na busca de sobreviver, de perpetuar as suas raízes, sua crença e seus costumes, muitos escravizados fugiam dos seus “senhores” e se aventuravam pelo meio do mato na busca de encontrar um abrigo onde pudessem viver livres e buscar o seu sustento, e a partir daí surgiu os quilombos. De acordo com Schmitt et al. (2002, pág. 2), por muito tempo quilombo foi definido como “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se ache pilões nele”. Por toda a extensão do país, ergueram-se quilombos na busca de provocar um enfraquecimento no comércio escravista, mas de pouco adiantou, pois os lucros eram positivos e não se cogitava por parte dos senhores feudais interromper o comércio.

Os quilombos eram espaços que não serviam apenas de abrigo pós fuga, mas era um local o qual os escravizados podiam se recuperar dos seus ferimentos físicos e das suas dores emocionais causadas por castigos físicos e psicológicos, serviam também como local para se organizarem enquanto comunidade, planejar suas lutas, discutir os acontecimentos, pensar em meios de libertação dos seus semelhantes e se organizarem de maneira social, política, religiosa e culturalmente. Esses espaços que para muitas pessoas da sociedade servia apenas de abrigo e acolhida para os escravizados fugidos, para os seus moradores ultrapassava essa posição. No Brasil, houveram muitos quilombos que se destacou em suas lutas, seu tamanho e sua organização, a maioria localizado na atual região Nordeste do Brasil.

Dos muitos quilombos existentes no nosso país, o que mais se destacou foi o Quilombo de Palmares, localizado na Serra da Barriga no então território da Capitania de Pernambuco (atualmente estado de Alagoas). Os primeiros registros de Palmares datam – se de 1597, o referido quilombo serviu de inspiração para muitos escravizados resistirem e fugirem na busca de uma vida melhor e mais digna. O território recebeu esse nome devido estar localizado em um espaço composto por muitas palmeiras. Palmares chegou a possuir até 20 mil habitantes e foi considerado como um grande símbolo de resistência negra no país, dentre seus vários líderes, destacou – se Zumbi que foi morto em uma emboscada no ano de 1695, um ano após a destruição de Palmares.

Zumbi, ou Zumbi dos Palmares (como é mais conhecido), foi o último líder do maior e mais longo quilombo que já se tem histórico, que é o Quilombo de Palmares. Zumbi, foi assassinado em 20 de novembro de 1695, quando teve o seu esconderijo descoberto pelos seus algozes. De acordo com relatos da sua biografia, Zumbi nasceu no quilombo o qual tempos depois se tornaria o maior líder; ele era casado com Dandara, filho de Sabina e pai de três filhos, forte e valente Zumbi vivenciou muitas lutas e conquistas do Quilombo dos Palmares. Até os dias atuais ele é lembrado nos livros de histórias e nos registros que refencia o povo negro e o período de escravidão no país.

A escravidão tornou-se um fator muito negativo para o nosso país, era algo cruel e real, seres humanos eram forçados a deixar sua pátria para serem escravizados em uma terra desconhecida e diferente da sua, a luta dos africanos pela liberdade do seu povo custou a vida de muitas pessoas, foram muitos anos de dores e sofrimento, seres humanos sendo tratado de forma desumana, sem qualquer oportunidade de livramento

dos castigos e do trabalho ou de uma vida digna. Muitos anos se passaram para que os africanos e seus descendentes que nasceram em terras brasileiras conseguissem ter algumas melhorias que lhes beneficiassem.

Embora o fim da escravidão e do tráfico negreiro fosse uma luta incansável do povo negro, alguns cidadãos conscientes e sensibilizados com a luta dos mesmos pela busca da liberdade, dedicaram suas vidas em prol da libertação daquelas pessoas, e com essas mobilizações surgiram algumas leis que buscaram minimizar o sofrimento dos escravizados, a exemplo das Leis:

Lei nº 581 de 4 de setembro de 1850, conhecida como a Lei Eusébio de Queirós que foi a primeira a buscar favorecer as pessoas escravizadas, essa Lei buscava reprimir o tráfico de africanos com destino ao Brasil, pois era uma situação que já se tornava insustentável, haja visto que o Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão.

Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871, foi assinada pela princesa Isabel e tinha o objetivo de considerar livre todos os filhos de mulheres que eram escravizadas, nascidos a partir daquela data. Mas, a situação ainda estava longe de ser solucionada pois mesmo essa lei tendo o anseio de minimizar a escravidão do Brasil, era necessário pensar também naqueles que já eram considerados escravos e buscar uma lei que favorecesse essas pessoas.

A Lei 3.270 de 28 de setembro de 1885 conhecida como a Lei dos Sexagenários ou Lei Saraiva-Cotegipe, concedia liberdade aos escravos com mais de sessenta anos de idade e uma indenização por seus trabalhos prestados, porém o difícil era alguém chegar a essa idade, pois os castigos físicos que eram submetidos diariamente faziam com que muitos morressem antes de completar essa idade. Outros fatores que também dificultavam essa condição, a exemplo dos registros dos escravizados, pois seus “senhores” os registravam mais novos do que verdadeiramente eles/elas eram, na busca de que a “mercadoria” não perdesse o valor, pois quanto mais velho a pessoa era menor valor tinha para o comércio, outro fator que também não favorecia essa lei era a de que aqueles/aquelas que conseguiam ser beneficiado por ela, não tinham para onde ir e dessa maneira continuavam na propriedade por ser o local já conhecido por ele/ela.

Somente em 13 de maio de 1888 é que ocorreu a abolição da escravidão no Brasil. A Lei 3.353 conhecida como Lei Áurea deu fim à escravidão de pessoas negras no nosso país. Assinada pela princesa regente Isabel, filha de Dom Pedro II deu liberdade a cerca de 700 mil pessoas escravizadas. Esse feito que marcou a nossa história não ocorreu por ser a princesa boazinha ou militante da causa, deu-se devido ser uma

situação insustentável para uma nação. As divergências entre partidos políticos, as manifestações na busca da abolição, as fugas, as diversas formações dos quilombos foram situações que pressionavam para que esses fatos acontecessem.

As organizações dos quilombos, as suas ações de luta e a busca da liberdade também foram fatores primordiais para a abolição da escravatura, haja visto que o poder de organização era algo muito real nos ambientes africanos. Eles se dividiam em comunidades e tinham como base de sobrevivência o cultivo da agricultura, politicamente tinham um líder que liderava as ações que deveriam ocorrer para lutar pelo seu povo, proteger seu território e organizar ações que envolvesse ataques ou resgates de outras pessoas escravizadas.

Após a abolição, muitos daqueles que foram alforriados não tinham para onde ir e alguns buscavam abrigos nos quilombos, promovendo as origens de comunidades rurais dos povos remanescentes, com o anseio de ter uma moradia e condições de reconstruir suas vidas. Outros, partiram para os grandes centros na busca de oportunidades e de um futuro melhor e para isso se acomodaram em locais que deram origem as favelas e as construções desordenadas nas grandes cidades.

Muito tempo se passou do período da abolição para os dias atuais, mas as vidas das pessoas negras ainda permanecem em sofrimento. O preconceito racial ainda é vivenciado na atualidade, de maneira camuflada nos faz imaginar que em uma menor intensidade do que no passado, porém ainda há, tão vivo e real na sociedade preconceituosa que mesmo em pleno século XXI ainda tendem a menosprezar o ser humano por conta da cor da pele, do tipo de cabelo e etc. Wood op cit Almeida (2019) retrata o racismo moderno como:

O racismo moderno é diferente, uma concepção mais viciosamente sistemática de inferioridade intrínseca e natural, que surgiu no final do século XVII ou início do século XVIII, e culminou no século XIX, quando adquiriu o reforço pseudocientífico de teorias biológicas de raça, e continuou a servir como apoio ideológico para opressão colonial mesmo depois da abolição da escravidão. (Wood op cit Almeida, 2019, pág. 21).

Mesmo após tantos anos, com tanta expansão de ideias e conhecimentos a população negra ainda é submetida a situações preconceituosas, machistas e desumanas, a cada dia que passa é necessário que haja uma busca por direitos, por respeito e por justiça. Evidenciar o machismo nesses escritos é de total relevância tendo em vista que

o machismo e o racismo andam juntos, ou seja, se é difícil ser homem negro nesta sociedade, ser mulher negra é bem mais, pois a figura da mulher negra remete a prostituição, “a mulher fácil” ou seja, a prática do assédio as mulheres era (e ainda é) muito comum nesse meio o qual estamos inseridos. E para que esses acontecimentos acabem é necessário conscientizar aqueles/aquelas que provocam o sofrimento de outras pessoas, do valor que cada um tem na sociedade, que não há diferença de direitos e deveres do povo da sociedade, que precisamos reparar o erro do passado e reconstruir o presente e o futuro de maneira digna e justa, e para isso precisamos de políticas públicas que beneficiem a população negra e incentivem na busca de uma vida mais digna e menos excluída, a esse respeito, referenciamos as políticas afirmativas²² que luta contra o avanço do racismo busca promover a inclusão sócio econômica daquelas populações que historicamente foram privadas de oportunidades. De acordo com Moehleck (2002, pág. 198) o termo refere-se a:

...uma expressão que chega ao Brasil carregado de diversidade de sentidos, o que em grande parte reflete os debates e experiências históricas dos países em que foram desenvolvidas, [...] a bandeira central era a extensão da igualdade de oportunidades a todos. (MOEHLECKE, 2002, pág. 198)

Ao buscar evidenciar um pouco mais os fatos, entendemos que essa política as ações afirmativas buscam promover a inserção das classes invisibilizadas no seio da sociedade, com o objetivo de reparar o erro de tantos anos causados pela ignorância, pelo machismo e pelo preconceito enraizado por muitos membros da sociedade. Bergmann (1996, pág. 7) descreve as ações afirmativas como “ação de planejar e atuar no sentido de promover a representação de certos tipos de pessoas, aquelas pertencentes a grupos que têm sido subordinados ou excluídos em determinados empregos ou escolas”.

Dentre as principais políticas afirmativas, algumas delas são para contemplar o povo negro, como exemplo citamos a implementação da política das cotas no ensino superior, que surgiu a partir do ano de 2000, ou seja, é a política pública que propicia uma determinada porcentagem de vagas para promover ao povo negro de adentrar em

²²Refere-se a ações, recursos ou medidas destinadas as pessoas, comunidades ou grupos excluídos ou que vivem em situações de vulnerabilidade e que são destinadas pelo estado. O objetivo principal dessas ações é eliminar as desigualdades sociais vivenciadas ao longo do tempo.

uma universidade pública em uma maior proporção, essa política afirmativa ela foi pensada e criada para minimizar os acontecimentos de quase 4 séculos de escravidão vivenciados pelos africanos e pelos seus descendentes, bem como a falta de oportunidades destinadas a essa população.

Diante do exposto, vemos essa política como uma prática que propõe reparar as faltas de oportunidades causadas para tantas pessoas e inibir que ocorram outras práticas referentes ao passado, causando dor, sofrimento, maus tratos e falta de oportunidade. Embora se tenham leis e políticas públicas que busquem reparar ou inibir o preconceito, o trabalho escravo e a discriminação racial, não podemos negar que aqui no Brasil ainda existem a prática do racismo, da discriminação e de pessoas submetidas ao trabalho escravo ou análogo a ele, mesmo estando em pleno século XXI. Considerando o que traz nas suas publicações a OIT²³/ONU²⁴, na sua página oficial da internet o trabalho forçado tem diversas originalidades, a exemplo do pagamento de dívidas, tráfico de pessoas, segregação, dentre outros fatores. Ainda segundo a OIT a maneira possível de acabar com essa prática busca um engajamento de políticos, empresários, trabalhadores e a sociedade em geral, pois trata-se de ações que perduram por muitos anos.

Como o nosso país é imenso e sofre com uma desigualdade social muito marcante, infelizmente é possível nos depararmos com algumas situações que não deveria haver mais no nosso meio, diante desses fatos buscamos percorrer um caminho que nos proporcione uma melhor condição de vida, igualdade de direitos e a possibilidade de conviver em uma sociedade justa, menos preconceituosa e mais tolerante.

5.1 – Os povos africanos e a valorização dos seus saberes ancestrais

Falar dos povos tradicionais brasileiros é voltar as nossas atenções para diferentes povos que habitam no nosso país e que fazem a riqueza da nossa diversidade, bem como a mistura de raças dessa terra. É bem verdade que o Brasil é imenso em extensão

²³ Organização Internacional do Trabalho. Fundada em 1919, busca promover a justiça social de organizações empregadoras e trabalhadores de 187 Estados-membros. Promove para homens e mulheres a oportunidade de ter um trabalho digno, em condições de segurança e igualdade.

²⁴ Organização das Nações Unidas é uma organização não governamental que foi criada para promover a cooperação internacional. Criada em 1945, atualmente conta com a participação de 193 Estados- Membros.

territorial, têm dimensões continentais e uma vasta diversidade e essa característica enriquece ainda mais a nossa cultura e tradição. Entre os povos e comunidades tradicionais, podemos citar alguns, a exemplos de: quilombolas, indígenas, ciganos, seringueiros, pescadores, caiçaras, sertanejos, jangadeiros, entre outros. Considerando essa diversidade de povos, é possível considerar que o nosso país é rico de costumes, de danças, de arte, de cultura e mesmo sendo moradores do mesmo espaço físico, fazemos uso das nossas diferentes formas de viver.

Juntamente com essa diversidade de raças que vinham para o nosso país, cada um/uma traziam consigo seus costumes, suas crenças, suas tradições e as suas maneiras de compreensão em relação a vida. Os diferentes povos, têm suas características, seus hábitos de cura, suas danças e suas especificidades, pois cada etnia leva consigo à sua maneira de ser, de viver e de compreender as ações da vida que são desenvolvidas no dia a dia.

Os povos quilombolas da nossa terra, são povos advindos de outras culturas e de outras partes do mundo, sua ancestralidade é mantida em evidência graças a luta e a partilha de saberes dos mais antigos para as gerações mais novas, suas tradições, seus saberes são repassados de pais/mães para filhos/filhas, de avó/avô para netos/netas e assim por diante, de modo que sua cultura e costumes resistam ao tempo, as inovações, as tecnologias e sobressaiam diante de muitas novidades que surgem na atualidade. Os povos e as comunidades tradicionais possuem uma cultura ancestral e traz consigo conhecimentos populares que são perpetuados através de diferentes gerações.

Os povos de comunidades quilombolas trazem na sua história um modo de ser único e típico das suas ações, muitas dessas pessoas têm um modo de ser diferenciado dos demais e carregam sobre si uma peculiaridade no seu modo de ser, de agir e de viver a vida. Partindo para a área da saúde, não é diferente, cada pessoa carrega consigo características que descrevem a sua realidade, a sua vivência e as tradições dos seus antepassados. Muitos dos saberes que temos na atualidade herdamos dos nossos parentes e são conhecimentos relevantes para nós seres humanos e para a sociedade a qual habitamos.

Os saberes que as comunidades carregam consigo, são sabedorias ancestrais repassados pelos seus antepassados e que servem para demonstrar a importância das diferentes culturas; é bem verdade que cada raça/etnia têm os seus hábitos e costumes, mas compreendemos que cada um/uma tem a sua importância, a riqueza de

conhecimentos, a participação da população, a valorização do seu povo e das suas práticas.

O Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) criou por meio de um Decreto em 27 de dezembro de 2004 e reformulou por meio de um outro Decreto em 13 de julho de 2006 a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, a partir de então surgiu em 07 de fevereiro de 2017 por meio do Decreto 6.040 a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Essa comissão criada tem o objetivo de preservar a cultura, o modo de vida, os bens, a sua maneira de organização e de transmissão de saberes daqueles que são considerados povos tradicionais.

Poderíamos citar diversos saberes que são advindos de algumas dessas etnias, no entanto vamos nos ater aos cuidados com a saúde, em especial aquelas práticas que referenciam o popular o que vêm do povo e é destinada ao povo, que são praticadas de maneira natural, através do uso de plantas, de xaropes, de rezas, de crenças e de práticas naturais. As práticas populares em saúde dos povos tradicionais, são saberes ricos em cultura, em sabedoria e em naturalidade, todos eles são perpassados para as gerações futuras.

Referenciar os povos quilombolas é algo extremamente necessário, pois os africanos foram um dos povos que compôs o tripé que deu origem a formação do povo brasileiro e essa ancestralidade é algo extremamente importante para a valorização dos mesmos, assim como os seus descendentes e os seus saberes. Trazer a ancestralidade negra para pautar nossa pesquisa é enfatizar o que esse povo tem de melhor, de mais precioso, de mais enriquecedor; os saberes que são transmitidos por gerações nos possibilitam momentos de riqueza, de sabedoria e de conhecimentos. Evidenciar a ancestralidade do povo negro, não é apenas recontar fatos da história que nos envergonham, que nos deixam tristes e revoltados ou que não nos despertam desejos de conhecer algo melhor.

Conhecer os saberes quilombolas é adentrar em um mundo rico de cultura, de saberes, de conhecimento e de práticas. É vivenciar uma nova realidade dentro da nossa vivência, é compreender o que eles têm de melhor, de mais íntegro e compreender que cada um de nós temos nossas tradições, nossos costumes e que são atos e ações que deverão ser preservados para podermos evidenciar nossas raízes.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares²⁵, atualmente há no Brasil cerca de 3.447 comunidades quilombolas distribuídas em todas as regiões do país. Consideramos quilombolas todas as pessoas remanescentes de grupos étnicos que viviam em quilombos e que descendem de ex-escravos fugitivos durante o período da escravização brasileira, ou que passaram a residir nesses espaços após a abolição da escravatura.

Quilombo é a denominação dada para aquelas comunidades compostas por pessoas que descendem daqueles que foram escravizados e que resistiram ao poder de domínio da elite brasileira por aproximadamente 350 anos, período que ficou conhecido e foi denominado de Regime Escravocrata e que só foi abolido no ano de 1888 através da princesa Isabel que na ocasião substituíu o seu pai o imperador Dom Pedro II e ocupava a função de princesa regente, na oportunidade promulgou a Lei Áurea (Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888), pois as lutas dos abolicionistas, de alguns partidos políticos e dos negros já deixavam a situação insustentável e após muita luta houve a promulgação da lei.

Embora, não tenham a sua devida valorização, as comunidades quilombolas se destacam pelas suas formas de organização e de empoderamento social, principalmente ao que se refere aos seus saberes e conhecimentos referentes a arte, a dança, a culinária, as ervas medicinais e a outros meios de difundir a sua ancestralidade. Os quilombolas, trazem consigo um histórico de luta, de dor e de sofrimento; mas eles/elas também trazem consigo uma sabedoria milenar.

Por muito tempo, os afrodescendentes eram vistos como incapazes ou como pessoas que não tinham serventia para ocupar alguns cargos na sociedade, atualmente algumas dessas comunidades já são reconhecidas, já possuem a posse dos seus territórios e a garantia das suas terras. Embora esse direito seja de todos os quilombolas, ainda há algumas comunidades que lutam por esse direito e buscam serem reconhecidos diferentemente do que eram antigamente, quando eram vistos apenas como lugares de esconder negros fugitivos. Estimam-se que centenas de pessoas viveram em quilombos e o mais famoso que já existiu foi o Quilombo de Palmares que ficava localizado no estado de Alagoas.

Com a abolição da escravatura em 1888, os negros tiveram a sua liberdade garantida por lei, porém as discriminações por parte da sociedade com os descendentes do seu povo não tiveram fim e as desqualificações por parte da sociedade referente a essas pessoas continuam até os dias de hoje; mesmo sendo considerado crime perante a

²⁵ É uma instituição pública voltada para a promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira.

lei, o racismo ainda é cometido por muitas pessoas que se acham superiores aos outros e os descendentes daqueles que foram escravizados continuam sofrendo agressões físicas, verbais e emocionais devido a essa prática.

A Lei 12.288 de 20 de julho de 2010, institui o Estatuto da Igualdade Racial, esta Lei é destinada a garantia e efetivação dos direitos e da igualdade de oportunidade da população negra; pois a partir dela faz-se necessário o cumprimento da mesma e as penas previstas caso haja o descumprimento da lei. Essa lei ainda tem o intuito de fazer vigorar o direito do cidadão brasileiro quando diz que todos somos iguais em direitos e deveres.

A verdade, é que a sociedade brasileira não se preocupou em resolver o problema dos africanos libertos após a abolição, o que de fato aconteceu é que eles foram abandonados à própria sorte e que por sua conta e risco buscassem uma maneira de sobreviver e (re)construir sua vida, situações que não foram fáceis de serem resolvida, visto que o racismo no Brasil é muito forte até nos dias de hoje, a falta de oportunidades por parte dessa classe da sociedade ainda é algo corriqueiro e mesmo já tendo passado 133 anos da abolição da escravatura, continuamos com esse problema até os dias atuais.

Na atualidade, os quilombos são comunidades que se diferenciam da sociedade na sua identidade ética, na sua cultura, forma de organização, tradições, danças, práticas de saúde e na autoafirmação de ser negro. O orgulho demonstrado pela comunidade das suas raízes e saberes culturais possibilitam o empoderamento da raça e desmistificam aquela ideia errônea que por muito tempo foi difundida de que o povo negro só servia/serve para o trabalho escravo.

De acordo com pesquisas publicadas na Revistas Eletrônica Equidade²⁶ que aborda o tema em questão, no Brasil há 3.445 comunidades quilombolas espalhadas pelo território brasileiro, lutando pelo direito de propriedade de suas terras consagrado pela Constituição Federal desde 1988. Ainda de acordo com dados dessa consulta, estima-se que no Brasil há pelo menos 24 estados que abrigam comunidades quilombolas. São eles: Amazonas, Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

²⁶ Revista Eletrônica Equidade. (Consultar referências para encontrar o endereço eletrônico).

5.2 – Os povos quilombolas e as práticas populares em saúde

De acordo com Gomes (2019, p. 20), “o Brasil foi o maior território escravista do hemisfério Ocidental, por quase três séculos e meio, e recebeu, quase 5 milhões de africanos cativos [...] com isso, ele é o segundo país de maior população negra ou de origem africana do mundo”. Seus habitantes são oriundos das misturas das diferentes raças que residiam nessas terras. A escravização do povo indígena e consequentemente africana, são marcas que envergonham profundamente a nossa história e que até a atualidade nos causa dor e revolta.

A vida dessas pessoas aqui no nosso país não foram fáceis, o excesso de trabalho e a falta de dinheiro e de oportunidades fizeram com que muitos deles passassem por situações extremamente difícil e dolorosa, seus corpos eram constantemente chicoteados, suas peles feridas e as doenças lhes alcançavam periodicamente e diante desse cenário era necessário desenvolver algumas técnicas que ajudassem a curar essas dores sentidas e o caminho encontrado foi o da sabedoria popular que tinha origem na ancestralidade desses povos, o uso das plantas e dos remédios caseiros e naturais foi e ainda é uma ação bastante utilizada nos dias atuais, pois além de ser algo com um valor baixo ou nenhum custo financeiro, possui uma grande possibilidade de cura, pois são usadas e repassadas pelos ancestrais por muito tempo.

Os povos africanos trazem da sua cultura um saber e uma familiaridade excepcional quando se refere ao uso das plantas, das rezas, dos chás e das técnicas da medicina popular. Muitos desses saberes são recebidos de um parente que lhes antecedeu e que também fazia uso dessas mesmas práticas de cura; esse conhecimento é colocado em prática e o uso da mesma se dá no seu meio de convivência. Larrossa-Bondia (2002, p.27) define que “o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”. Diante dessa afirmação, podemos compreender que a experiência vivenciada pelos povos africanos ao longo da história, deu-lhes condições de relacionar a vivência e a realidade com os seus saberes ancestrais.

A prática da medicina popular não sarava apenas o corpo e as dores físicas, a tristeza, a saudade e a melancolia também eram amenizadas através dessas práticas, pois esses eram alguns dos males que assolavam a população e as práticas das rezas, dos chás, dos banhos, das orações também eram elementos usados para amenizar as mesmas; a vida dos africanos nas terras brasileiras não foram marcadas de momentos e

situações, positivas, quando eles foram arrancados das suas terras para serem escravizados nesse país, o que de fato lhes esperavam eram dor e sofrimento.

As práticas da educação popular em saúde ultrapassa as dimensões da cultura, dos saberes e das práticas, ela perpassa pelos direitos humanos, pelo diálogo e pelo amor, ela resiste ao longo do tempo e se evidencia em outras questões que constituem os saberes da vida, sua caminhada pelo ensino conduz a construção coletiva e solidária em busca de superar outros contextos e mesmo sendo uma prática bastante comum em povos tradicionais, segundo Santos (2019, p. 8), “a maioria desses agentes de cura são constituídos por mulheres, as quais possuem algumas peculiaridades de promover a cura”, seja por meio das ervas medicinais, das rezas e orações ou dos chás, pois essas são algumas das ações mais comuns das práticas populares em saúde.

A partir dessa afirmação, compreendemos que as mulheres das comunidades constituem um protagonismo fundamental ao que se refere a essas práticas, suas ações, seus saberes, seus rituais são tidos como algo sagrado, ou seja, como um dom recebido e que deve ser usado para curar e espalhar o bem e a cura, e diante desse pensamento é compreensível que raramente alguém consegue êxito financeiro fazendo uso dessa prática, pois há uma ideia de que deve ser um saber compartilhado e não comercializado.

Evidenciando o trabalho das rezadeiras/benzedeiras diante desses fatos, Santos (2019, p. 8) evidencia que “a rezadeira ou benzedeira é uma figura que fala e atua em nome de uma religião popular, voltada para solucionar os problemas da vida cotidiana”. Partindo desse pressuposto, compreendemos que as práticas populares em saúde não promovem um retorno financeiro entre suas ações e seus praticantes, mas evidencia um bem-estar comum, uma partilha de saberes, a amorosidade a construção compartilhada de um conhecimento popular e ancestral, um elo de carinho e cuidado com aqueles que acreditam e buscam seus feitos, haja visto que o uso das práticas populares em saúde constitui um vínculo de afeto que ultrapassa o cuidar por obrigação da profissão e por meio dessas práticas é possível vermos o ato do cuidar como um verdadeiro sentido das práticas populares em saúde. Pedrosa (2007) nos demonstra que,

... é visível no trabalho das parteiras tradicionais, nas práticas de saúde que ocorrem nos terreiros de candomblés, no acolhimento e na escuta que os erveiros e raizeiros dispensam a quem os procuram, nos benzedores, na religiosidade, enfim, o cuidar do outro é um constante exercício de solidariedade que afirma cotidianamente a possibilidade de afirmação da vida. (PEDROSA, 2007, p. 97)

Aquelas práticas que antigamente eram tidas como uma esperança de cura e de sobrevivência na atualidade consideramos como realizações fitoterápicas e que temos como uma outra opção de cuidados com a saúde ou de cura, através de um tratamento natural. Mesmo com o avanço da medicina e a facilidade de adquirir remédios laboratoriais, existem algumas comunidades que se utilizam da medicina popular para alcançar melhorias e resultados para suas enfermidades, bem como dá continuidade às suas práticas ancestrais. Badke (2012) nos faz refletir que,

No início das civilizações, o cuidado em saúde era desenvolvido por mulheres, cujo conhecimento era adquirido no seio familiar, sendo isento de prestígio e poder social. Assim, passou-se a perceber uma estreita relação entre as mulheres e as plantas, pois seu uso era o principal recurso terapêutico utilizado para tratar a saúde das pessoas e de suas famílias. [...] Entre tantas práticas difundidas pela cultura popular, as plantas sempre tiveram fundamental importância por inúmeras razões, sendo salientadas as suas potencialidades terapêuticas aplicadas ao longo das gerações (Badke et al, 2012, p. 364).

Partindo desse cenário, compreendemos que essa realidade mesmo se tratando de uma prática milenar, é algo muito comum na nossa atualidade e que nos remete a uma tradição que conseguiu sobreviver no nosso país, apesar de ter sofrido todo tipo de discriminação por parte da sociedade elitista e excludente que governa(va) o nosso país.

5.3 – A Saúde dos Povos Quilombolas no Contexto Brasileiro

A saúde do povo brasileiro é um tema que nos inquieta e nos intriga há muito tempo, na atualidade vivenciamos um dos períodos mais difíceis enfrentado pela população brasileira, pois diante da Pandemia do Covid-19, escancarou-se todas as nossas necessidades referentes à saúde do povo, em especial as comunidades que possui poucas condições financeiras e aqueles/aquelas pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade social. Em algumas regiões do país, há uma maior dificuldade em se desenvolver práticas de saúde, principalmente quando atravessamos momentos difíceis como é o caso do ano de 2020 e 2021 no contexto pandêmico o qual vivenciamos.

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças. Aquilo que é considerado doença varia muito. (FREITAS, 2011, p. 939)

Algumas populações sofrem um pouco mais comparadas a outras, a população negra por exemplo, são comunidades bastante afetadas, pois vivenciam uma situação de vulnerabilidade histórica e esse elemento é um fator que desencadeia dores, tristezas e doenças até os dias atuais. É bem verdade que muito já se fez pela saúde do povo brasileiro, comunidades que residem em territórios longínquos já tiveram e têm acesso aos serviços de saúde brasileiro, graças ao Sistema Único de Saúde e a humanização praticada por diversos profissionais de saúde.

Em algumas comunidades quilombolas há uma grande dificuldade em conseguir acesso aos serviços de saúde, devido à distância, ao deslocamento até as comunidades ou qualquer outro fator que favoreça a ausência de políticas públicas à essa parte da população, permitindo assim que as áreas da saúde e educação do povo quilombola permaneçam em dificuldades até os dias atuais e promovam uma ausência de serviços básicos e necessários para a valorização dos seres humanos, independente da sua raça, cor ou etnia. Santos (2020) destaca que, “as comunidades quilombolas, que cotidianamente vivenciam a ausência do Estado, têm recorrido às suas tradições culturais, religiosidade, conhecimentos etnobiológicos, auto-organização e solidariedade mútua para suportar o racismo”.

A ausência de políticas públicas que beneficie aqueles que encontram-se em vulnerabilidade social é algo corriqueiro no nosso país, principalmente aquelas que busquem beneficiar os povos originários; manter seus costumes e tradições, perpetuar seus ensinamentos para as gerações futuras e mostrar à sociedade o quanto é possível ser feliz mesmo com tanto descaso dos governantes e de uma parte da sociedade, são algumas das lições que poderemos obter com pessoas de outras culturas. Diante dessa afirmação cabe ao próprio povo contar e recontar suas histórias, deixá-las marcadas no tempo, escritas nos livros e propagadas de maneira simples e objetiva, de maneira que não seja levada ao esquecimento.

Em meados dos anos de 1970 se formou aqui no nosso país diversas iniciativas e união de grupos de bases na busca de lutar pelos seus direitos básicos a exemplo de saneamento básico, posto de saúde, atendimento médico, água potável, dentre outros

direitos que a grande maioria da população não tinha cesso. Ainda sob a pressão da ditadura militar, havia a necessidade da sociedade que não tinha acesso a essas políticas públicas se unir, lutar e reivindicar os seus direitos e as suas necessidades. A partir dessa união e a busca pelos direitos da população acontece os encontros de pessoas para debater e lutar por melhores condições de vida e de trabalho.

Em alguns desses encontros, ocorreu também mobilizações as quais referenciavam temas isolados e que tinha o mesmo intuito de lutar por benfeitorias que favorecessem e atendessem a necessidade do nosso povo. Em 1981, durante a realização do III ENEMEC²⁷ surgiu o Movimento Popular de Saúde, que ocorreu em Goiânia GO. O objetivo desse movimento era reivindicar direitos sociais e saúde, e contou com a união de diferentes representantes da sociedade.

²⁷ Encontro Nacional de Experiências em Medicina Comunitária. Ocorrido em Goiânia - GO, no ano de 1981.

VI – A COMUNIDADE DE CAIANA DOS CRIoulos

*Um pedacinho da África;
Nascido dentro do Brasil;
No Estado da Paraíba;
Foi bem assim que surgiu.*

*Quem veio se emocionou;
Um lugar bem desejado;
Estou falando de um quilombo;
Por natureza encantado.*

*É a Caiana dos Crioulos;
Terra de Edite José;
De João Teió e João Maria;
De Joana Póla e Cicia;
De Firmo Santino e Antô Mané!*

*Ciranda e Coco de Roda;
Aqui o batuque é bem arrochado;
Tem até Reino Encantado;
Para arrumar namorado;
Ou até mesmo sair casado!*

*Pense num lugar bonito;
Aqui as festas são diferenciadas;
Para tudo tem rituais;
O casamento dura três dias;
E fica o gosto de quero mais.*

Nessa terra tem capoeira;

Dança Afro;

Tem forró;

Tem novena e tem terço;

Lá em Chiquinha Teió.

É a terra de seu Zé Grande;

Zé pequeno e Zabé;

Terra de Dona Ornila;

Zuza Turino e Maria Miné.

Aqui o zabumba toca;

A poeira vai subindo;

O povo vai se divertindo;

Fazendo seu canto ecoar.

Pense numa Terra boa;

Dos cantos, contos e encantos;

Vem com a gente se juntar;

Vem pra roda de Ciranda;

Vem pra cá cantarolar.

Aqui quem veio se apaixonou;

Por isso faço um convite a você;

Quer um paraíso conhecer?

Vem pra Caiana dos Crioulos;

Que não vais se arrepender!

(Luciene Tavares – Vem conhecer Caiana - 2021)

A comunidade denominada de Caiana dos Crioulos está localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, estado da Paraíba, ficando a cerca de 12 km da sede municipal. Existente há aproximadamente 300 anos e contando com cerca de 140

famílias, esse número pode mudar de acordo com o período do ano, pois muitos dos seus moradores se deslocam para outras regiões do país na busca de conseguir dinheiro e mandar para a sua família, dentre os locais que abrigam quilombolas de Caiana dos Crioulos citamos os estados do Rio de Janeiro e Rondônia. A comunidade recebeu 50% da posse do seu território em 03 de fevereiro de 2020 e os outros 50% em 29 de julho de 2020 e na atualidade seus moradores podem dizer que vivem nas suas próprias terras²⁸.

A comunidade possui uma escola municipal que recebe crianças para estudar da Educação Infantil até as séries finais do Ensino Fundamental, a escola que foi construída no ano de 2001 no início da gestão do então prefeito Hildon Régis Navarro Filho, (popularmente conhecido como Bôda), recebeu o nome de Escola Municipal Firmo Santino da Silva²⁹, em homenagem a um dos maiores líderes do quilombo. A conquista da escola foi de muita importância para a comunidade, pois antes dessa construção só havia o ensino das séries iniciais do Ensino Fundamental, haja visto que não havia um espaço adequado para essas realizações.

Inicialmente após sua construção a escola só oferecia o Fundamental I, anos depois foi ampliada e passou a oferecer as séries finais do Fundamental, passou também a receber alunos que moram nos sítios próximos a comunidade e assim pode oferecer uma educação melhor para os moradores da região a qual se localiza. O sofrimento das crianças quilombolas que se estendeu por vários anos, já não havia mais e a partir daquele momento já era necessário pensar em uma melhoria de vida para as crianças daquela comunidade e vizinhança.

Antes de haver uma escola na comunidade aqueles/aquelas que desejavam estudar se deparavam com muitas dificuldades, pois além de ter que improvisar as salas de aulas debaixo de uma mangueira³⁰, ou nas salas de aulas improvisadas nas casas de alguns moradores da comunidade, ainda havia o período de chuva que impossibilitava o acesso dos professores (as) que se deslocavam da zona urbana para o território quilombola. A construção da escola no território representa uma grande conquista para os moradores locais e para as crianças que ali residem e usufrui daquele bem que é tão precioso para a comunidade.

²⁸A posse das terras demorou chegar às mãos dos quilombolas pois o sítio o qual pertencia as terras da comunidade estavam com pendência judicial.

²⁹ Firmo Santino da Silva foi um dos maiores líderes do território e mestre da Bandinha de Pífano que tocavam por diversos lugares e propagou o nome da comunidade.

³⁰ Árvore frutífera, cujo fruto é a manga.

Além dos conteúdos didáticos programados para serem desenvolvidos com os estudantes, a escola também serve de espaço educacional para as práticas de danças e dos ensinamentos referentes à cultura e as tradições africanas, a exemplo de reuniões e palestras para a comunidade. Em 2012, a escola contou com a gestão da pedagoga Luciene Tavares, onde na oportunidade foi realizado o PPP da escola e discutido com grande ênfase a Lei 10.639/2003 e a efetivação da educação quilombola dentro das escolas que estão localizadas nos territórios.

Ter essa escola dentro do seu território significa um feito muito grande para a comunidade, pois representa a luta pelos seus direitos e a busca por políticas públicas que contemplem aquelas pessoas, especialmente por ter havido no passado um descaso político com todos os moradores da referida localidade. Ter uma escola funcionando e atendendo as crianças e adolescentes era mais que um sonho daqueles quilombolas, era o desejo de uma vida melhor, da busca por um futuro promissor e a resposta das lutas que foram designadas no passado pelos seus moradores.

Os quilombolas residentes na comunidade reivindicava uma escola no território que atendesse as modalidades básicas de ensino para promover a educação das crianças quilombolas dentro do seu território e só após o final da segunda fase do Ensino Fundamental, elas se deslocassem para a sede do município e tivessem novas oportunidades de melhoria de vida e de novas conquistas por meio da educação, para buscar de alguma maneira reparar o sofrimento e as dificuldades que foram vivenciadas por longos anos.

ILUSTRAÇÃO XX - ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO



FOTO: Arquivo Pessoal (março/2020)

A comunidade também dispõe de um ginásio de esportes que foi construído no ano de 2017 e serve para as aulas práticas, aulas de danças e atividades físicas, bem como apresentações e eventos que são realizados pela comunidade em datas comemorativas ou ações que tenham a frente o grupo de mulheres local. O ginásio disponibiliza de um espaço amplo e que comporta uma grande quantidade de pessoas, possibilitando o convívio, o lazer, a diversão e a prática de esportes pelos moradores da localidade, propiciando diferentes realizações entre a comunidade.

ILUSTRAÇÃO XXI - GINÁSIO DE ESPORTES



FOTO: Arquivo Pessoal (março/ 2020)

A comunidade possui também uma Unidade Básica de Saúde, a mesma foi implementada na comunidade no ano de 2001 e recebeu o nome de Unidade Básica de Saúde Damião Nunes Pereira, em homenagem a um quilombola que morava na comunidade e que promovia festas e momentos de alegria no território, seu Damião também disponibilizava de uma casa de farinha próxima a sua casa que servia à toda a comunidade e desta maneira ele tornou-se um grande líder na comunidade de Caiana.

A UBS funciona de segunda a sexta feira, no horário das 08h às 14h, tem a disposição da população uma médica, uma enfermeira, uma técnica de enfermagem, um dentista, uma técnica bucal e duas agentes de saúde, que atende Caiana dos Crioulos e uma agente de saúde que atende Caiana do Agreste, comunidade que fica vizinha à Caiana dos Crioulos, porém se utiliza da mesma unidade básica de saúde. Na referida UBS, também é possível receber os cuidados com a equipe da Atenção Básica da Saúde e os cuidados com a saúde física e mental, controle de doenças e prevenção das mesmas. Essa unidade é o ambiente mais apropriado para as consultas, os exames, e as palestras referentes às prevenções das doenças que são desenvolvidas pelos profissionais de saúde. O posto médico é o espaço destinado a acolhida de pessoas que estão com algum problema de saúde, que busca uma atenção dos profissionais que atendem naquele local.

ILUSTRAÇÃO XXII - UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE



FOTO: Arquivo Pessoal (março/2020)

A comunidade também possui a OMNC que é a Organização de Mulheres Negras de Caiana e tem dona Elza como presidenta da instituição, a qual promove formações, palestras, partilha de saberes, empoderamento e conscientização do papel da comunidade na sociedade, a partir dessa união há uma busca de lutas pelos direitos da população negra, pela luta por políticas públicas que inclua e repare a segregação ocorrida no passado com essa população e seus antecessores, as lutas das mulheres por espaços de fala e de protagonismo dos seus saberes e ações desenvolvidas.

Por possuir uma organização comunitária, a comunidade dispõe de uma sede onde funciona um museu o qual guarda a história do seu povo, os utensílios que foram utilizados no passado, a narração dos acontecimentos da localidade, imagens e fotografias de grupos de danças (a exemplo de coco, ciranda, capoeira) e do grupo de mulheres que lutam pelo empoderamento feminino das quilombolas, a tradição oral da sua ancestralidade e as expressões de um povo tão rico em conhecimento e em sabedoria. O espaço foi criado pela própria comunidade como interesse de preservar alguns materiais do seu passado e da sua cultura. Tratando -se de cultura, a comunidade possui um vasto conhecimento e desenvolvimento cultural, seus membros e membras

desenvolvem as danças, o coco de roda, a banda de pífano, as cirandas, o maculelê, as rezas, as crenças e todos esses conhecimentos enriquecem as memórias e as tradições desse povo.

As histórias orais, as lendas e as crenças são bastantes divulgadas entre seus moradores e visitantes, para divulgar essas ações que caracterizam a comunidade dispomos de documentários, vídeos, reportagens³¹ e pesquisas escritas a exemplo de artigos e dissertações que narram a história da comunidade e dos seus moradores. Nesses materiais, disponibilizamos da fala de alguns moradores (as), de imagens do desenvolvimento dos festejos, da ancestralidade que é algo bastante presente no meio desse povo, da partilha de saberes, assim como os processos educativos que por eles/elas são desenvolvidos.

A memória e as tradições do povo quilombola são mantidas desde muito tempo, essa maneira de viver e de reproduzir seus saberes, faz de Caiana e seus moradores fontes de riquezas culturais para pesquisadores, estudantes, jornalistas e curiosos uma fonte de inspiração. O Reino Encantado³² é a maior lenda do território e serve para atrair turistas e pesquisadores para o local, assim como suas histórias, suas práticas e saberes.

Até antes da pandemia do Covid-19 as visitas a comunidade eram bastante intensas, pois o turismo rural na região e a busca de adquirir o conhecimento a respeito da comunidade e dos seus habitantes eram algo corriqueiro. Por se tratar de uma comunidade conhecida e que tem seus trabalhos e tradições divulgadas em grande proporção, Caiana se destaca entre muitas outras comunidades quilombolas tanto da Paraíba quanto do Brasil. Esse destaque que evidencia a comunidade dá-se devido o protagonismo que a mesma desenvolve no cenário local, estadual e federal, com a participação das suas lideranças e por ser berço de pesquisas que evidenciam suas práticas, por receber escritores e pesquisadores a exemplo de Laurentino Gomes³³, Caiana tornou-se protagonista da sua própria história.

No momento das nossas visitas o museu encontrava-se fechado, e até a atualidade o mesmo continua de portas fechadas, pois está passando por uma reforma, porém como os auxílios financeiros são poucos, ainda não foi possível concluir a reforma, por isso, não tivemos como adentrá-lo para poder realizar alguns registros na área interna,

³¹ Aos interessados buscar esses vídeos e documentários nas referências dessa obra.

³² O reino encantado refere-se a uma lenda que diz que na comunidade há uma riqueza escondida e que um dia haverá de chegar alguém para descobrir esse tesouro e mudar de vez a sua vida e a da comunidade.

³³ Escritor, pesquisador e jornalista brasileiro. Autor da trilogia intitulada de Escravidão.

anteriormente a essa reforma o museu abria as suas portas para a comunidade e os visitantes, especialmente nos momentos que havia algum festejo no território em eventos de grande proporção. De maneira que, nossos registros foram feitos apenas da área externa e toda a nossa narração referente ao seu desenvolvimento foi escrito a partir do que foi relatado pelas pessoas que nos acompanharam, a exemplo de dona Elza e Luciene.

ILUSTRAÇÃO XXIII - MUSEU QUILOMBOLA



Foto: Arquivo Pessoal (março/2020)

Muitos dos membros residentes naquela localidade possuem características de um povo de pouco conhecimento científico, alguns deles nunca saíram do município o qual reside, porém são conhecedores de grandes sabedorias da cultura popular, compartilhadores de muitos conhecimentos e praticantes de ações que perpassam gerações, a oralidade também é um fator bastante marcante nesta comunidade, pois através dela é possível conhecer a sua história, os seus anseios, seus avanços e suas potencialidades. A comunidade possui alguns pontos de apoio que facilitam as ações diárias dos seus moradores, a exemplo de borracharia, lanchonete e um restaurante, os quais atendem os moradores e os turistas.

Com uma vegetação de serra e relevo íngreme, Caiana proporciona aos seus moradores e aos seus visitantes uma vista exuberante e cheia de emoções, seus caminhos estreitos, seu chão de terra batida e rachada serve de um cenário encantador para quem procura conhecer suas histórias e refugiar-se nas ladeiras do brejo paraibano³⁴. Seus moradores simples e acolhedores, muitas das vezes tímidos e desconfiados, recebem seus visitantes com doçura no olhar de quem muito já sofreu, de quem já teve seus direitos negados e que já lutaram e lutam bastante por dias melhores.

ILUSTRAÇÃO XXIV – BORRACHARIA



FOTO: Arquivo Pessoal (março/2020)

A comunidade traz em sua história a ancestralidade do seu povo, seus saberes e suas tradições, seus costumes perpassam gerações e continuam muito presente nos dias atuais, mas evidenciamos também que mesmo com toda dificuldade o território passou por alguns avanços na busca de melhorar a vida daqueles que ainda residem na comunidade. Alguns pontos que resultou nesse desenvolvimento foi um restaurante e o turismo rural que movimentam bastante a comunidade. Além desses citados, podemos citar a borracharia e a bodega, que também serve para auxiliar os visitantes e os moradores daquela região.

³⁴ Brejo Paraibano, refere-se a uma das 23 microrregiões do estado da Paraíba, caracteriza-se por áreas altas, que são úmidas e prevalece o verde.

6.1 – As práticas populares no cuidado com a saúde do povo quilombola de Caiana dos Crioulos

*...as plantas vivem à toa,
no mato, sem serventia,
mas quando a gente a conhece,
elas têm força e valia...*

(Palmira Lopes, 2021, p.14)

A sabedoria popular tem na sua ancestralidade riquezas e conhecimentos incomparáveis, no que se refere às práticas populares em saúde não é diferente, suas memórias e tradições são bastante vasta em especial quando se refere às comunidades tradicionais como é o caso do povo quilombola de Caiana dos Crioulos, que traz consigo sabedorias e ensinamentos que perpassam gerações e são transmitidas a partir das ações práticas e da oralidade, que é a maneira mais comum de transmitir seus conhecimentos entre a comunidade.

A partir das manifestações e reivindicações dos movimentos a exemplo do movimento das mulheres negras e da luta incansável da própria comunidade, a população quilombola têm lutado pelo direito à saúde, a saneamento básico e a todas as políticas públicas que são destinadas a eles por direito e que muitas das vezes não chegam a esses territórios.

Mas, embora haja um engajamento dos seus membros na busca dessa assistência, a prática da medicina popular entre esse povo não é esquecida nem deixadas de lado. É comum encontrarmos na comunidade algumas pessoas, na sua maioria mulheres que fazem uso das rezas, dos chás, dos lambedores, das ervas e dos remédios advindos das plantas. E nas comunidades quilombolas essas ações fazem parte do seu cotidiano e da sua realidade.

Quando referenciamos as mulheres nessa prática é devido a demanda exercida pelo sexo feminino, pois na sua grande maioria são quem exerce essa função, de rezadeira, benzedeira, parteira e aquela que é considerada como sábia, ou seja, aquela que faz uso dos remédios naturais para curar ou prevenir doenças.

Os povos quilombolas, trazem consigo sabedorias milenares, os seus feitos referentes a essas práticas permitem a cura, a melhoria de vida, a autoajuda e a conscientização da realidade a qual vivenciamos, pois ao surgir uma doença, um problema ou uma demanda na comunidade, a conscientização daquela realidade nos permite ir além da cura do problema ou da doença, ela nos permitem fazer uso da sabedoria popular para poder debater em cima do problema que está ocorrendo, haja visto que a cultura popular pode ter uma dupla função perante as comunidades.

Ao nos referirmos à saúde, compreendemos que as mulheres são quem mais desempenham esse papel, o papel da cuidadora, da benzedeira, da rezadeira, daquela que ajuda e orienta os moradores; ou seja, as mulheres se envolvem bem mais nessas práticas do que os homens e a partir do seu convívio com os filhos, o contato com os demais a exemplo de amigos, vizinhos e parentes, faz surgir lideranças local e a partir daí inicia-se os debates e as mobilizações daquilo que a comunidade está buscando, do que a escola precisa fazer, enfim...

São ações semelhantes a essas que fazem surgir nas comunidades as melhorias para a saúde, educação, saneamento básico e outras demandas que persistem em ocorrer na comunidade e que ações e reações dos seus membros fazem toda a diferença. Lá em Caiana encontramos muitas mulheres como liderança comunitária e todas as ações envolvem a luta por dias melhores para todos/todas.

6.2– Vivenciando no Contexto da Comunidade

Em meados de março do ano de 2020, saímos da nossa residência no município de Alagoinha/PB com destino ao vizinho município de Alagoa Grande/PB, ao chegar lá, ainda na zona urbana nos encontramos com dona Elza (que é a primeira agente de saúde da comunidade de Caiana) e com Luciene (líder comunitária) e partimos de carro rumo ao território quilombola. Chegando lá fomos ter uma conversa a respeito dos nossos objetivos da visita a comunidade, na casa de Lucélia (que também é agente de saúde e uma grande liderança entre as mulheres quilombolas) conversamos a respeito da proposta da nossa pesquisa e do que buscamos observar por lá.

Saímos caminhando pelas ruas da comunidade na busca de conhecer o espaço físico, os moradores, conversar com alguns membros da localidade, observar os prédios públicos e entender um pouco mais da rotina daquela localidade. Naquela data pouco se

falava na pandemia do Covid-19, na verdade pensávamos que era algo que jamais chegaria por aqui, mesmo assim usamos de todos os cuidados possíveis para podermos realizar a visita, as conversas e cumprimentar as pessoas as quais encontrávamos ao passear pelas ruas.

Na oportunidade, conversamos bastante a respeito dos nossos objetivos enquanto pesquisadora naquela localidade e prontamente as portas foram abertas para nós e o nosso objetivo de pesquisa foi aceito de bom grado pelos moradores locais. Explicamos àquelas que nos receberam que precisávamos conhecer a comunidade por meio de um olhar de pesquisadora, haja visto que já conhecíamos a localidade de outras oportunidades, e assim ocorreu.

Acompanhada por três mulheres guerreiras, de lutas, batalhadoras, quilombolas, exercitantes das práticas populares em saúde e militantes da educação popular, realizamos uma visita na comunidade. Fomos ao posto de saúde, conversamos informalmente com os pacientes daquela unidade de saúde, fomos à escola, aos poucos lugares que possuem comércio a exemplo da borracharia e lanchonete, ficamos diante de um orelhão antigo e conhecemos a sua história, esse referido orelhão tem um histórico muito importante, pois por muito tempo foi o único meio de comunicação que possibilitava o contato daqueles moradores com pessoas de outras localidades.

Ouvimos falar de pessoas que marcaram a história da comunidade, que sua luta pela causa popular lhes permitiu uma maior visibilidade perante os demais membros da comunidade. Compreendemos também que muitos moradores lutam pela melhoria de vida dos seus irmãos quilombola, que mesmo vivenciando dias melhores comparados aos sofrimentos ocorridos no passado, ainda buscam uma condição de vida mais justa e mais igualitária para todos/todas.

ILUSTRAÇÃO XXV - PASSEIO PELAS RUAS DA COMUNIDADE.



Fonte: Arquivo Pessoal (Março de 2020)³⁵. Passeio com as agentes comunitárias de saúde dona Elza e Lucélia e com a líder comunitária Luciene.

Naquela oportunidade não foi realizada nenhuma entrevista que tivesse o objetivo de ser usada nesta dissertação, o que de fato fizemos foi conhecer a história da comunidade e de algumas pessoas que lá residem, a exemplo de dona Elza e Luciene. Essas duas mulheres quilombolas nasceram na comunidade, lá se criaram e residem até a atualidade, dona Elza possui a experiência de vida e de luta de uma mulher quilombola, com poucos estudos e poucas oportunidades de vida, é agente comunitária de saúde há cerca de 30 anos, mãe de 6 filhos, filha, neta e nora de quilombolas, trabalhadora do roçado que só teve a oportunidade de estudar depois que chegou na vida adulta, pois enquanto criança precisava ajudar seus pais no cultivo da lavoura.

Usuária das plantas medicinais e das práticas populares de saúde, dona Elza utiliza seus saberes populares, os quais recebeu das suas avós (materna e paterna) para ajudar a comunidade a qual ela trabalha e reside, e por estar diretamente ligada com os casos da saúde, dona Elza dedica a sua vida para pesquisar um pouco mais a respeito das plantas e do cuidado com a saúde. Na oportunidade dessa visita, ouvimos da mesma histórias e relatos sobre a comunidade nos tempos passados, de como ocorria o sofrimento de uma mulher quando estava prestes a parir, pela distância do local onde

³⁵ A imagem em questão foi feita no início do mês de março do ano de 2020, quando ainda estávamos no início da Pandemia do Covid-19 e não tínhamos ideia da proporção que se tomaria, mesmo assim foram tomados todos os cuidados necessários.

está localizada a comunidade e o hospital e também pelo preconceito de alguns profissionais da unidade hospitalar quando se davam conta que se tratava de uma mulher negra.

Pelas experiências vivenciadas e contadas por dona Elza entendemos que a sua vida é marcada de muitas situações de preconceito, de dor, de falta de oportunidades e acontecimentos negativos os quais ferem profundamente a alma e o corpo de um ser humano, porém as adversidades da vida nunca a fizeram desistir, é uma mulher alegre, iluminada e que se orgulha da sua cor e das batalhas da vida, venceu os obstáculos que surgiram no seu caminho, conseguiu concluir o curso Técnico de Enfermagem, criar seus filhos/filhas e lutar pela sua comunidade e por melhorias de vida para seus semelhantes.

Luciene é bem mais jovem do que dona Elza, porém suas histórias de luta e melhoria de vida se cruzam, dona Elza dedica sua vida para ajudar a população na saúde, já Luciene é na educação, desde muito pequena ela teve o desejo de dedicar-se ao magistério e já trabalhou na escola Firmo Santino como educadora e como gestora. Diferentemente de muitas crianças da comunidade, Luciene teve a oportunidade de estudar sem que precisasse dividir seu tempo entre escola e roçado, por ter sido criada pelos seus avós maternos ela se dedicou aos estudos, inicialmente estudou no território quilombola, depois frequentou as escolas da zona urbana do município e consequentemente a universidade, tornando - se mestra, posteriormente volta ao território e assume a gestão da escola onde outrora era aluna.

Lucélia, é Agente Comunitária de Saúde e cursa faculdade de Serviço Social e assim como dona Elza, dedica-se as práticas de saúde, seu convívio diário com a população faz dela uma grande liderança dentro do território. Assim como as outras duas mulheres citadas anteriormente, passou por todas as dificuldades relatadas por todas as pessoas da comunidade (a exemplo de racismo, desconfiança, dificuldade para estudar, dentre outras situações) porém, com fé, força de vontade e muito estudo conseguiu uma vida melhor para ela e seus familiares.

Todas essas mulheres que nos acompanhavam e nos recebiam nas visitas, são filhas e netas de quilombolas, sempre moraram na comunidade e só saíram de lá no período em que estavam estudando na cidade, pois em uma determinada época do ano não há a possibilidade de adentrar na comunidade devido o período de chuva deixar o território inacessível, porém, ao final dos respectivos cursos retornaram para a comunidade a fim de colocar em prática todo o seu aprendizado.

Além dessas três mulheres que convivemos na primeira visita, ficamos conhecendo um pouco mais de outras que têm uma grande importância na comunidade, assim como também ouvimos narração de histórias a respeito das dificuldades escolares daqueles que precisam ir para a zona urbana, da locomoção para ir até a feira livre comercializar o seu produto ou adquirir seus mantimentos, do trabalho das parteiras e das rezadeiras daquele lugar, pois muitas crianças e jovens que residem naquela localidade e até os que não moram mais por lá, vinheram ao mundo através dos saberes populares de uma parteira. Essas histórias ouvidas relatam o sofrimento dos enfermos/enfermas, o descaso do poder público com as comunidades quilombolas e camponesas, a falta de oportunidade de buscar uma vida melhor dentre outros fatores que assolavam e ainda acometem a população.

Tendo em vista que a dificuldade de locomoção entre a comunidade e a zona urbana é visível, os sentimentos de não serem bem acolhidas nas escolas, no comércio, nos hospitais, a sensação de indiferença, o preconceito por serem negras, por serem pobres faziam com que muitas das mulheres gestantes se valessem das parteiras para poder ter seus filhos em casa e sem precisar procurar uma unidade hospitalar, outro fator que favorecia a ação das parteiras nas comunidades quilombolas eram as tradições que acompanhavam aquelas pessoas por muitos anos.

Curiosamente, as mulheres que são conhecidas como parteiras³⁶ e benzedeiras³⁷ se consideram religiosas da religião católica e possuem uma idade já avançada, levando-nos a compreender que o envelhecimento é um fator primordial para a aquisição de saberes e práticas populares. Santos (2019, p. 25) corrobora dizendo que “velho não é apenas um nome categórico, construído para uma periodização humana, mas, é alguém dotado de sentimentos, de vida, de afeto, é uma pessoa especial, que cujo corpo padece, mas ainda tem energia para fazer o bem aos outros”.

Após essa visita, passamos bastante tempo para voltarmos ao território, considerando que a pandemia do Covid – 19 se alastrou e obrigou a população mundial entrar em um distanciamento social por bastante tempo, impedindo-nos de voltar a comunidade. Foi um período muito difícil para todos/todas, pois por mais que quiséssemos prosseguir com nossas pesquisas e nossas visitas ficamos impossibilitadas de realizar. O cuidado conosco e com o outro foi primordial, pois precisávamos estar em

³⁶ Mulheres que auxiliam outras a parir, ou seja, ajuda na hora do parto.

³⁷ Mulheres que fazem orações e rezas, utilizando folhas de plantas medicinais a exemplo da arruda e do pinhão roxo, para tirar o mal olhado de quem está se sentindo doente ou indisposto.

segurança, da mesma maneira que proporcionamos proteção aos nossos colaboradores e desta maneira não foi possível voltar à Caiana por muitos dias.

Enquanto esperávamos os dias passarem e o momento se tranquilizar fomos realizando pesquisas em periódicos, jornais, revistas, dentre outros meios de comunicação e assim encontramos alguns materiais que nos auxiliaram a compreender a vivência naquela localidade.

Para muitos membros da sociedade, o nosso valor está na cor da pele, no que veste, no que usa e naquilo que o dinheiro pode comprar; esquecendo – se que os nossos valores, a nossa sabedoria e o amor ao próximo é o que nos diferencia de ser considerado (a) como bom ou ruim, ser rico ou pobre, ser soberbo ou nobre. E esses pensamentos que acompanham aqueles que são racistas e preconceituosos, ainda machucam muita gente, em especial aquelas pessoas que são descendentes dos negros que no passado foram escravizados e injustiçados com a falta de oportunidades, a negação de direitos e a ausência de políticas que busque igualdade de direitos e de humanização.

Ao assistirmos os documentários que embasaram as nossas pesquisas, vemos claramente essa luta e embora pensemos que seja coisas do passado entendemos que não é, e que infelizmente ainda está bem real na nossa sociedade. No documentário intitulado de “Quilombo de Caiana dos Crioulos abre as portas”, visualizamos na participação de algumas mulheres a exemplo de Nalva³⁸, a dor do seu sofrimento e da sua vergonha, pois ao falar do seu passado e das angústias que sofreu enquanto criança quando ia para a escola, são marcas que até os dias atuais machucam e ferem seus sentimentos. Essa mágoa que é visível até a atualidade, faz as lágrimas brotarem no seu rosto, pois as lembranças daqueles momentos de tristezas trazem consigo a dor da injustiça, da indignação e da busca por dias melhores, como também o anseio pelo reconhecimento da sua importância enquanto ser humano.

Algumas dessas falas são repetidas por diferentes gerações, assim como as tradições, lendas e crenças eram transmitidas de pai/mãe para filhos/filhas, as histórias de dores, preconceitos e injustiça. As comunidades quilombolas sempre foram alvo de perseguições pelos donos das fazendas, capitães do mato, usineiros e recentemente tem ocorrido lutas pela posse de terra, as quais têm sido o maior desafio dos quilombolas na atualidade, haja visto que o latifúndio busca incansavelmente usurpar as terras que são

³⁸ Nalva é uma mulher quilombola, que também é considerada como uma das lideranças de Caiana, que faz parte da associação e que foi uma das entrevistadas no documentário.

suas por direitos. E esses acontecimentos infelizmente têm deixado muitas comunidades em alerta e na vigilância dos seus territórios, assim como na defensiva perante outras pessoas que adentram as suas terras.

Ainda em análise aos documentários que fazem referências a Caiana, a fala da entrevistada Cida³⁹ no documentário “Quilombo de Caiana dos Crioulos abre as portas”, vemos como a tradição é marcante naquele meio, pois as ações e as lendas são processos que perpassam de geração a geração, e não é somente a transmissão das histórias é também o ato de repassar, o sentimento, a crença e a fé pelo que está sendo retratado ou feito. Os processos educativos nesses momentos são tidos como algo de bastante relevância e que são realizados com seriedade, considerando que é a partir dessas tradições orais que a história de vida dessas pessoas e da comunidade são repassadas e resguardadas para as gerações futuras.

6.3 – A hereditariedade dos saberes africanos

A comunidade em questão, assim como outras comunidades semelhantes sempre se valeram da agricultura para tirar seu sustento, o plantio da cana de açúcar e o trabalho escravo nas usinas das regiões foram por muito tempo, o principal meio de sobrevivência desse povo, na atualidade o plantio é apenas para subsistência. Por não possuir recursos financeiros, faziam da natureza seu principal meio de sobrevivência, não apenas para a alimentação, mas para obter uma moradia, criar algum animal que pudesse lhes gerar um alimento ou lhes ajudar na locomoção, para aliviar ou curar as doenças, dentre outras utilidades. Deste modo as práticas de saúde eram ações que até os dias de hoje são muito marcantes perante aquele povo. Lopes (2020, p. 90) diz que:

Um dos maiores patrimônios culturais de um povo consiste nas práticas populares de saúde. O uso de plantas medicinais na arte de curar é uma forma de tratamento de origens muito antigas, relacionada aos primórdios da medicina e fundamentada no acúmulo de informações por sucessivas gerações. (LOPES, 2020, p. 90)

³⁹ Cida é uma mulher quilombola, líder comunitária, presidenta da associação e entrevistada pelo documentário.

As práticas populares advindas de gerações e praticadas dentro da comunidade são ações corriqueiras até os dias atuais, e não é difícil encontrarmos moradores que pratiquem esses feitos.

6.4 – A inserção da pesquisadora na comunidade

Após lê, ouvir e assistir diferentes fontes que retratam a vivência da comunidade de Caiana, realizamos mais uma visita ao território e fomos conversar e acompanhar duas mulheres que são quilombolas, que sempre moraram na comunidade, que fazem uso das práticas populares em saúde e que herdaram dos seus ancestrais toda a sabedoria que possuem, da mesma maneira que buscam compartilhar e perpetuar seus saberes com as gerações mais novas.

Após uma conversa por telefone com dona Elza Sulino, combinamos de que iríamos em Caiana para acompanhar as práticas daquelas mulheres e assim poder construir o nosso diário de campo, ao chegar lá nos deparamos com uma brisa gostosa, um clima frio e uma vista que nos convida a morar lá. É bem verdade que o caminho longo, de terra batida, esburacada e íngreme até nos deixa desanimada, porém ao chegar no topo da serra não temos mais vontade de voltar para as nossas casas.

Ao chegar, visualizamos dona Elza e dona Luzia sentadas embaixo de uma árvore, relembando fatos do passado enquanto nos aguardavam. Ao sair do carro, fomos recebidas com um abraço, com um sorriso que ia de orelha a orelha e uma risada extravagante de alguém que vive a vida com muita intensidade. Assim são essas mulheres que nos receberam, agradecemos a oportunidade de estarmos juntas a elas e de termos o privilégio de acompanhá-las durante suas atividades.

Inicialmente voltamos nossas observações a dona Luzia, uma senhora de 72 anos, que nos confidenciou que se sente muito feliz e privilegiada por ser dona de um vasto conhecimento no que se refere aos saberes populares em saúde. Aquela senhora nos relatou que todo o seu aprendizado é advindo de uma senhora por nome de Sebastiana Minervina da Conceição, conhecida por todos como “A mãe da gente” esta senhora era avó de dona Elza e ensinava a quem queria aprender o ofício de ser parteira, rezadeira e de manusear as ervas medicinais. Dona Luzia nos contou que ainda muito menina, via quando alguém próximo a ela frequentava a casa de dona Sebastiana em busca de um chá, de um lambedor, de uma multi-mistura ou de algum outro remédio para curar

doenças corriqueiras, a exemplo de tosse, dor de barriga, dor de cabeça, entre outras. Pois, os moradores da comunidade ao precisar de um cuidado relacionado com a saúde se deslocavam logo para a casa da “mãe da gente” e por assistir tudo aquilo ela foi conhecendo as histórias, as ervas e as plantas.

Dona Luzia nos confidenciou que todo o ensinamento se dava de forma oral, nada era escrito no papel, ou fotografado, tudo era guardado na mente e os saberes deveriam ser distribuídos com os membros da comunidade que buscasse o interesse em aceitar conhecer aquelas práticas. Dona Luzia ainda relata que dona Sebastiana ensinava na prática como se plantava, como colhia e todo o processo de cuidado para o desenvolvimento das plantas, além de mostrar também como manusear até se transformar no medicamento desejado.

Todos os saberes que dona Luzia possui, ela aprendeu com dona Sebastiana, ao observar sua prática e ao acompanhar suas conversas, suas ações e seus ensinamentos, e assim como aprendeu ela também repassa esses conhecimentos para outras pessoas, para as gerações mais novas na busca e esperança de perpetuar seus saberes. Sobre o que nos disse dona Luzia, nós entendemos que:

“Quando alguém adoecia, ia até a casa de dona Sebastiana, e ao chegar lá contava para ela o que estava sentindo e na mesma hora ela apontava uma erva que desse certo. Para cada dor, ela sabia de um remédio diferente e que servia direitinho. A arruda para dor de ouvido, o muçambê para a tosse, a erva-cidreira para acalmar, e assim ela conhecia e falava de muitas plantas”.

É bem verdade que na atualidade essa prática é menos vivenciada do que nos tempos passados, mas são de grande valia para a sociedade, em especial nesse momento social tão difícil que estamos atravessando, a exemplo de surgimento de doenças desconhecidas e outras dos tempos passados e o uso da medicina popular é uma prática que pode ser vivenciada por todas as pessoas, independente da classe social que ela faz parte. O uso das ervas medicinais não são atribuídas a falta de dinheiro e sim aos costumes que são herdados de geração a geração.

Durante esse período pandêmico, o medo da morte e a busca por uma saúde plena, fez com que muitas pessoas da sociedade principalmente aquelas que residem em comunidades carentes e em municípios do interior se serviram dos remédios naturais para se prevenir ou curar uma gripe, uma tosse ou qualquer outra enfermidade que fosse possível conseguir curá-la por meio das plantas. O isolamento social que vivenciamos

devido a Pandemia do Covid-19 escancarou para a sociedade a realidade difícil que muitas famílias atravessam, e o uso das ervas medicinais e dos saberes das gerações passadas, tornaram-se uma oportunidade de prevenção e cura, pois é uma forma eficaz e que custa pouco, ou não custa valor nenhum.

Além da utilidade das ervas medicinais, torna-se possível a conscientização do momento o qual vivenciamos, da ausência do poder público referente aos problemas vivenciados pela população, da ausência de direitos e falta de políticas públicas que beneficiem a sociedade, em especial as classes mais populares. De acordo com Lopes (2020, p. 110), “a educação popular é importante na saúde porque ela contribui para que as pessoas comecem a compreender o que eu e você passamos como gente, como povo, como história de luta pela vida”

Ainda em conversa com dona Luzia, foi possível compreender que os processos educativos os quais são utilizados para repassar os saberes para as gerações mais novas, são os mesmos de antigamente, pois tratando-se de um povo de tradições milenares, a oralidade sempre foi e ainda é muito utilizada e eficaz nesses processos de transmissão de conhecimento. O diálogo e a observação da realidade, são os principais processos de transmissão dessas culturas e dessas tradições.

ILUSTRAÇÃO XXVI– DONA LUZIA CONTANDO SUAS HISTÓRIAS.



Foto: arquivo pessoal

Após ter acompanhado dona Luzia por um bom período de tempo, nos fizemos acompanhar de dona Elza, uma senhora de sorriso fácil e de uma experiência de vida muito forte. Essa senhora tem o prazer de dizer que é mãe de quatro (4) filhos, e fala com orgulho dos seus filhos e filhas, dos seus saberes, e por ter herdado das suas avós o manejo com as práticas populares de saúde. Essa senhora é agente de saúde, possui o curso técnico de enfermagem e é pesquisadora e admiradora da “Moringa”⁴⁰ a qual ela possui grande conhecimentos a respeito dessa espécie.

Assim como muitas mulheres da comunidade, dona Elza faz parte daquelas que se utilizam dos saberes do seu povo para usufruir das práticas populares em saúde, ela herdou das suas avós os saberes e os dons da medicina popular para auxiliar a sua comunidade. Ela nos contou que ainda muito pequena, via suas avós fazer uso das plantas, da reza e da fé para se curar e curar outras pessoas, e a partir das ações da sua avó ela sempre buscou aprender aqueles ensinamentos. Dona Elza nos confia, que por diversas vezes acompanhava a sua avó na produção dos medicamentos, nos conselhos e ensinamentos que eram compartilhados para as demais pessoas e a partir daquelas ações ela absorveu muitos conhecimentos, os quais se utiliza dos mesmos até hoje.

Em meio as nossas conversas com dona Elza, compreendemos que:

A principal forma de compartilhar os saberes da cultura afro, era por meio da oralidade simplesmente pelo fato de que poucas pessoas sabiam ler e escrever, sendo assim não havia a possibilidade de realizar anotações dos saberes, também não era possível fotografar, pois no passado não havia essas tecnologias nem tampouco esses recursos; outra maneira bastante utilizada era permitindo que as crianças e as mocinhas novas, acompanhassem as mais idosas para poder observar a realidade e o que estava sendo realizado, dessa maneira era possível perpetuar os saberes e as tradições, pois esses ensinamentos que se davam relacionados com as práticas de cura por meio das plantas, com a produção de comidas e quitutes, com as danças e festejos, com as cirandas e com a fé, eram as nossas raízes, nossa tradição, a identidade do nosso povo.

Analisando as palavras de dona Elza, compreendemos que a principal fonte de socialização dos saberes quilombolas era a oralidade, os saberes eram repassados de maneira a demonstrar na prática todo o processo de uso, de cuidado, de partilha e de

⁴⁰ É uma planta que brota um fruto cheio de sementes e que essa semente tem o poder de limpar águas de poços e açudes em locais os quais a água é escassa e possui sujeira nos seus armazenamentos. A baje dessa planta é semelhante a um quiabo.

efetivação. Além de muitas ações já citadas anteriormente e que tem grande influência entre os povos quilombolas consideramos também a religiosidade daquele povo como fator relevante para tais, pois mesmo havendo as tradições e religião de matriz africana, a colonização surtiu bastante efeito diante daquela comunidade no que se refere a fé daquelas pessoas, pois a religião católica, a fé em Nossa Senhora Aparecida, a cultura do uso das variadas imagens em quadros e esculturas é visível nas diversas casas, assim também como na fala e nas roupas das pessoas. A religiosidade é algo muito forte, é o que move homens e mulheres a encontrarem forças para esperar e acreditar em dias melhores.

A realidade vivenciada por aquela comunidade não têm sido fácil, pois trata-se de uma comunidade desassistida pelo poder público, que tem na agricultura, no artesanato e no turismo a principal fonte de renda, sendo que esses dois últimos pontos depende bastante da condição temporal e dos eventos que são promovidos para poder aquecer a comunidade, além de vivenciarem uma dificuldade muito grande que é a falta de água doce, pois a única maneira que encontram de usufruir da água é por meio do armazenamento em cisternas da água das chuvas, infelizmente água doce e potável não é disponibilizada para a comunidade.

Apesar de todas essas dificuldades vivenciadas, precisamos enfatizar a melhoria da vida das pessoas nos anos compreendidos entre 2003 e 2010, a exemplo do Projeto Cisternas que beneficiavam a população do campo e do semiárido, com a construção de cisternas para armazenar águas das chuvas e a ampliação do Programa Bolsa Família que atendia as famílias mais carentes e buscavam promover a alimentação básica daqueles que passavam por necessidades financeiras. As políticas públicas e os programas emergenciais que beneficiavam a população quilombola, permitiu que muitos deles tivessem uma melhoria de vida e que voltasse a sonhar com dias melhores e com novas oportunidades.

No governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva⁴¹, compreendido entre os anos de 2003 a 2011 e da ex-presidenta Dilma Rousseff⁴² 2012 a 2016 os programas emergenciais e as políticas públicas buscaram minimizar o sofrimento de muitas comunidades da nossa sociedade, a exemplo da comunidade quilombola, algumas dessas ações beneficiavam os quilombolas diretamente, como foi o caso do Decreto

⁴¹ Eleito presidente da república brasileira. Seu mandato foi compreendido entre 01/01/2003 até 31/12/2011.

⁴² Eleita presidenta da república brasileira. Seu mandato foi compreendido entre 01/01/2012 até 30/08/2016, quando sofreu um golpe de estado e teve seu mandato interrompido.

4.887/03 que estabelecia novas regras para o reconhecimento, regulamentação e titulação das terras das comunidades remanescentes de quilombo.

Ao vivenciar um pouco da realidade daquelas pessoas, ficamos a imaginar como a vida dos quilombolas têm sido difíceis por todos esses anos, como compreender tamanho descaso, desatenção e abandono? Como entender que mesmo depois de 500 anos ainda há o preconceito, a discriminação, a falta de empatia e os maus tratos aos descendentes desta raça? Mesmo vivendo em uma realidade em que muitas pessoas, a exemplo de quilombolas, militantes e defensores dos direitos humanos buscam a igualdade racial e de gênero, ainda há pessoas que praticam atos preconceituosos com seus semelhantes.

No momento atual o qual vivenciamos, as comunidades e aqueles/aquelas que foram segregados no passado continuam se tornar alvo de uma sociedade machista, preconceituosa, misógina e fascista, principalmente por termos na presidência da república um homem que concentra todas essas características e espalha palavras de ódio e de terror perante a sociedade. E essa desconjuntura política é sentida pelas classes menos favorecidas, a exemplo dos quilombolas, dos indígenas, dos ciganos, entre outros.

Atualmente nesse governo de Jair Messias Bolsonaro⁴³, vivenciamos um período de perda de direitos básicos, conquistas e avanços que tivemos em governos passados estamos perdendo nesse, como exemplo podemos citar a reforma trabalhista, que tira da população trabalhadora direitos para a aposentadoria, ou seja, estamos voltando ao tempo que a população com menos poder financeiro tem seus direitos negados e retirados. Trabalhos análogos a escravidão são descobertos em municípios de regiões menos assistidas, a exemplo da região Norte e Nordeste do país. Os desmontes nas universidades federais, as perdas de bolsas de estudos para pesquisadores, dentre outras conquistas. Todos esses fatos aterrorizam ainda mais a realidade das pessoas quilombolas e os coloca de frente as situações do passado que tanto lhes trouxeram sofrimentos, tristezas e perdas.

E toda essa negação de direito é vista e sentida pela população, em especial a população de classe econômica menos favorecida e comunidades que são excluídas socialmente. Com essa perda de direitos as comunidades que sempre conviveram com as exclusões, são quem mais sofrem com essas retiradas de direitos, pois acabam

⁴³ Eleito presidente da república brasileira. Tem seu mandato compreendido entre 01/01/2018 até os dias atuais.

facilitando ainda mais a segregação e a exclusão de pessoas, das universidades, dos programas sociais e emergenciais dos governos e das oportunidades de buscar novas conquistas.

Ainda em visita ao território e em conversa com dona Elza, pedimos a ela que nos mostrasse as ervas medicinais que a mesma cultiva no seu quintal e prontamente ela nos levou aos arredores da sua casa e nos mostrou diversas plantas medicinais e a medida em que ela ia nos apresentando a erva ela nos falava ao seu respeito, para que servia, como deveria ser usada, como cultivá-la, de onde veio, seus benefícios e suas utilidades. A sabedoria demonstrada por aquela mulher a respeito das plantas nos encantou de uma maneira singular, pois na sua simplicidade ela demonstrou um vasto conhecimento a esse respeito e ainda nos instigava a buscar saber um pouco mais, a querer ter um contato maior com as plantas e a admirar a natureza como fonte de vida e de cura para todos nós.

ILUSTRAÇÃO XXVII - CULTIVO DAS ERVAS MEDICINAIS



Fonte: Arquivo pessoal (Abril – 2022) Cultivo de plantas medicinais no quintal da casa de dona Elza.

Nessa imagem acima, dona Elza nos mostra a Moringa que é uma planta pela qual ela tem um grande apreço e concentra algumas pesquisas a esse respeito. A quilombola nos confidenciou que no passado ela juntamente com algumas mulheres da comunidade viajava para outros estados e municípios na busca de fazer capacitações e adquirir um pouco mais de aprendizado para poder colocar em prática e ajudar outras pessoas. Nessa mesma oportunidade essas mulheres que acompanhavam dona Elza nessas viagens recebiam o nome de “parteira aprendiz” que significa dizer que eram mulheres que se capacitavam para poder auxiliar outras mulheres na hora do parto e também ajudar a quem necessitava de cuidar da saúde e curar doenças.

A Moringa, que é uma das plantas mais falada por dona Elza, também é conhecida por árvore da vida, é uma planta que possui uma grande quantidade de vitaminas e minerais, estudos e pesquisas vêm sendo desenvolvida na busca de mais conhecimentos a respeito do uso dessas plantas, inicialmente se sabe que as suas folhas são as partes as quais são mais utilizadas para se fazer o chá. Na sua composição é possível encontrar ferro, vitamina C e possui um efeito anti-inflamatório; seus benefícios podem ser sentidos no combate a doenças respiratórias, perda de peso, diminuição da ansiedade e no controle da glicose em pessoas diabéticas.

Todas essas informações referentes a Moringa foi nos dada por dona Elza, uma mulher com poucos conhecimentos científicos, porém com grande sabedoria popular, uma mulher quilombola, nascida e criada em terras remanescentes de quilombos, mas que dedica sua vida ao ofício de erveira, que tem o significado daquela que possui a sabedoria das ervas, das plantas.

ILUSTRAÇÃO XXVIII - ESPAÇO DEDICADO AS PLANTAS MEDICINAIS



Fonte: Arquivo Pessoal. Abril (2022). Quintal de dona Elza.

Essa imagem nos mostra que por traz da casa da agente comunitária de saúde, há uma diversidade de plantas medicinais. Ao nos apresentar essa imagem da foto acima, ela nos apresenta “a Romãzeira ou pé de Romã” planta que tem grande utilidade no combate a inflamação de garganta, essa planta faz brotar um fruto que é a Romã, ela tem uma casca dura e dentro umas sementinhas que quando estão maduras ficam avermelhadas e adocicada. Dona Elza relembra que quando era criança subia nos pés e colhia a fruta, comia ali mesmo em cima da árvore e que jamais sentiu dor ou problema na garganta.

Ainda a respeito do poder de cura das plantas e das práticas populares serem bastantes comuns na comunidade, dona Elza nos confidenciou que por volta do ano de 1995, nasceram duas crianças desnutrida na comunidade, uma com 1.200kg e outra

1.100kg, essas duas crianças foram cuidadas com os preparos das multi - mistura⁴⁴, com chás e com ervas medicinais, e o que parecia ser impossível aconteceu, essas duas crianças sobreviveram com as ações coletivas e voluntárias das mulheres que fazem uso das práticas populares em saúde.

Essa prática de curar os seres humanos com as plantas da natureza é uma prática que atravessa gerações, mesmo quando alguns médicos desacreditam na cura das pessoas, os/as quilombolas acreditam e buscam nas plantas resultados positivos para os seus problemas. Diante dessa prática é comum que os saberes das gerações passadas sejam resgatados para que haja a ação da melhora e da cura das pessoas da comunidade e daqueles/daquelas que acreditam nessa prática.

O que mais nos impressionou nessa visita foi a maneira como elas (dona Elza e dona Luzia) nos relatava aqueles ensinamentos, elas tinham um olhar penetrante, uma forma diferenciada de transmitir aqueles saberes, nos fazendo entender que aqueles momentos significavam bem mais do que uma conversa ou uma visita. Suas palavras eram cheias de emoção e de paixão, era como se aquele momento lhes fizesse viajar até suas raízes, levando – as a narrar os fatos de forma apaixonante na expectativa de estar perpetuando seus saberes e seus conhecimentos.

Após essa demonstração, nos despedimos de alguns dos moradores da comunidade e partimos de volta para casa, junto conosco nos acompanhou uma mistura de sentimentos, a exemplo de saudades daquele ambiente agradável, de tristeza por ouvir tantos relatos de dor e sofrimento, de alegria por ter tido a oportunidade de adquirir conhecimentos e a esperança de contemplar dias melhores e igualdade para todos nós. Nos perguntamos como é que tantos saberes foram impedidos de serem propagados e utilizados? E temos a certeza de que os saberes mais genuínos e eficaz vem das pessoas de hábitos mais simples e menos valorizada da sociedade. Entendemos que mesmo após vários anos, que mesmo após tantas dificuldades e descasos a população quilombola têm um grande conhecimento a partilhar conosco.

6.5 – O Protagonismo Negro no Contexto da Pesquisa

⁴⁴ Multi – mistura é uma farinha produzida a partir da mistura das folhas trituradas de algumas plantas juntamente com sementes e grãos. A produção pode ser feita com a folha da mandioca, semente de linhaça, de girassol entre outros alimentos e plantas.

As comunidades quilombolas constitui espaços de moradia, identificação, proteção e socialização entre seus componentes e participantes. Destina-se ao convívio de muitas pessoas as quais têm um modo de viver semelhante, bem como interesses próprios e em conjunto. Embora haja um ideal em comum, cada membro dessas comunidades possuem os seus medos, seus anseios e suas histórias.

Viver na comunidade, participar das suas lutas e compor sua história é uma realidade que acompanha muitos quilombolas há diversas gerações, estima-se que desde a origem do território, já vivenciamos a quinta e sexta geração de quilombolas, considerando que as pessoas vivam em média 75 anos, podemos compreender que a comunidade exista entre 300 e 400 anos⁴⁵ e essa ancestralidade tem se tornado um fator muito forte neste espaço, pois seus saberes, sua cultura e tradição vem acompanhando – os desde os tempos antigos e dessa maneira possibilitando melhorias e reconhecimentos que até então não ocorria.

As mulheres são participantes ativas na comunidade, seu histórico de luta e a busca por dias melhores fazem das mulheres quilombolas protagonistas das suas próprias histórias e da história da sua comunidade, essas mulheres têm como inspiração de vida e de luta a frase que diz “é melhor morrer na luta do que morrer de fome”⁴⁶, essa frase tem diversos significados, nos instiga a buscar nossos direitos e a lutar por eles, por uma vivência um pouco mais digna e a mesma serve como inspiração para as mulheres quilombolas. Lopes (2020, p. 109) diz que “para conquistar o que é nosso de direito é necessário lutar” e a partir da união e da luta dos quilombolas em especial das mulheres, o cenário vem se transformando e melhorando um pouco mais.

⁴⁵ Dados informados em conversa com dona Elza e dona Luzia, quando as mesmas fazem relatos do nascimento dos seus ancestrais.

⁴⁶ Essa frase era dita por Margarida Maria Alves e servia como inspiração para que as mulheres buscassem uma melhoria de vida.

VII – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse espaço, relataremos os resultados que obtivemos a partir das nossas pesquisas as quais foram realizadas para poder aprimorar os nossos escritos. Nos utilizamos de pesquisas bibliográficas para buscar informações que tinham familiaridade com o nosso tema, a partir de produções disponibilizadas em portais e periódicos; a pesquisa documental utilizamos vídeos e reportagens que estão disponíveis nas plataformas digitais e por fim na nossa observação participante, que se deu a partir das nossas visitas no território.

7.1 – Pesquisa bibliográfica

Para a realização da nossa primeira pesquisa inicialmente usamos as palavras chaves sem nenhum critério de inclusão ou exclusão, encontramos um determinado quantitativo de resultados, esses números estão descritos no quadro abaixo, após um refinamento e se utilizar de alguns critérios os números foram se modificando, de modo que nós tivemos os seguintes resultados:

QUADRO V - BANCO DE DADOS : PORTAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

Palavras utilizadas para as pesquisas	Quantidade de produções sem critérios de inclusão/exclusão	Quantidade de produções com critérios de inclusão/exclusão
Práticas Popular em Saúde	1.054.537	596
Povos Quilombolas	6.429	161
Práticas de Saúde do Povo Quilombola	1.323.665	7
Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos	743.654	2

Fonte: Produzido pela autora – Março 2022

QUADRO VI – BANCO DE DADOS: PORTAL E PERIÓDICO DA CAPES

Palavras utilizadas para as pesquisas	Quantidade de produções sem critérios de inclusão/exclusão	Quantidade de produções com critérios de inclusão/exclusão
Práticas Popular em Saúde	1.221	1
Povos Quilombolas	243	0
Práticas de Saúde do Povo Quilombola da Paraíba	2	0
Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos	13	7

Fonte: Produzido pela autora. Março 2022

QUADRO V II- BANCO DE DADOS: REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFPB

Palavras Chaves	Quantidade de produções sem critérios de inclusão/exclusão	Quantidade de produções com critérios de inclusão/exclusão
Práticas Popular em Saúde	6.496	971
Povos Quilombolas	877	155
Práticas de Saúde do Povo Quilombola na PB	731	0
Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos	40	0

Fonte: Produzido pela autora. Março 2022

Após analisar esses dados foi possível constatar que ao utilizarmos alguns critérios a nossa busca torna-se menor, ou seja, os números de publicações se reduzem e a nossa pesquisa fica mais próxima da nossa realidade. Os critérios de inclusão que utilizamos foi o marco temporal, ou seja, consideramos apenas publicações entre 2015 e 2022, ter no resumo da obra as mesmas palavras chaves que encontramos na nossa pesquisa, a exemplo das palavras, “Povo Quilombola, Educação Popular, Educação

Popular em saúde, Prática Popular em Saúde” e por último que o título ou as palavras-chaves do resumo mencione o nome da comunidade que serviu de campo para referenciar a nossa pesquisa, que é a Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos. Ao usarmos esses critérios de inclusão na nossa busca, usamos todo o inverso dessas atribuições como critérios de exclusão da mesma. A partir desses dados analisados concluímos que nos últimos 7 anos, as pesquisas a respeito das práticas populares em saúde do povo quilombola são mínimas, isso nos leva a compreender que são poucos/poucas os/as pesquisadores que se dedicaram a essa prática nos últimos anos.

Após essa análise, verificamos que em outro banco de dados as produções que referenciam o povo negro não estão em evidências, promovendo assim uma série de questionamentos e indagações a respeito da ausência de pesquisas nessa área e na que evidencia as práticas populares em saúde do povo quilombola. Sendo assim, entendemos que precisaríamos analisar essas últimas produções que foram realizadas, para que a partir dos resultados fosse possível obtermos uma pesquisa consistente e que a partir dessas informações e resultados a comunidade pesquisada obtivesse resultado positivo.

Esses resultados obtidos na nossa pesquisa nos mostraram que as produções que referenciam as práticas populares em saúde do povo quilombola nos últimos 7 anos (2015 a 2022) são em poucas quantidades, por esse motivo consideramos que a nossa pesquisa trará uma nova visão a esse respeito, para que essa temática seja bem mais discutida, avaliadas e valorizadas.

Inicialmente, tínhamos em mente trazer para a nossa pesquisa, resultados que enfatizasse as práticas populares em saúde do povo quilombola do estado da Paraíba, em seguida que evidenciasse a comunidade de Caiana dos Crioulos e após compararmos os três bancos de dados os quais realizamos a nossa pesquisa chegamos à conclusão dos resultados que estão descritos abaixo e que precisaríamos trazer os mesmos para que fosse possível uma discussão a esse respeito.

Sequenciando esses passos, tínhamos o desejo de encontrar pesquisas que trouxesse para a pauta as práticas populares em saúde do povo quilombola, em especial da comunidade de Caiana dos Crioulos, de acordo com as pesquisas realizadas e que já estamos trazendo os resultados, não conseguimos encontrar nenhuma publicação referente a essa temática, assim como explana o quadro abaixo.

QUADRO VIII – TRIANGULAÇÃO DE DADOS OBTIDOS

	Práticas Populares em Saúde	Povos Quilombolas	Práticas em Saúde do Povo Quilombola na Paraíba	Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos
Portal de Teses e Dissertações da CAPES	596	161	7	2
Portal de Periódicos da CAPES	1	0	0	7
Repositório Institucional da UFPB	971	155	0	0

Fonte: Produzido pela autora – Março de 2022

Não encontrando publicações que evidenciasse as práticas populares em saúde na comunidade de Caiana dos Crioulos, fizemos outra pesquisa que evidenciasse qualquer tema e área, mas que fizesse referência ao locus da nossa pesquisa e ao digitar a palavra de busca e não citar nenhum critério de inclusão ou exclusão, obtivemos os resultados descritos abaixo, em seguida refinamos a procura com os critérios utilizados no resultado anterior e o que obtivemos foi descrito na sequência.

Ao analisar este quadro acima compreendemos que das 8 (oito) publicações que referenciam Caiana, nenhuma das duas são da área da saúde e após ler os seus resumos entendemos que das obras citadas apenas 1 (uma) se entrelaça com o nosso tema, pois faz um resgate nas memórias dos seus moradores a respeito das suas práticas diárias, dos seus conhecimentos e dos seus saberes ancestrais, e na nossa pesquisa nos utilizamos bastante da memória para evidenciar o foco da nossa produção.

Em seguida, fomos analisar um outro banco de dados, para buscar uma pesquisa que nos servisse como embasamento teórico e tivemos as seguintes respostas:

Das 2 (duas) publicações que evidenciam Caiana, apenas 1 (uma) se assemelhou ao que procuramos e das 7 (sete) que referencia as práticas em saúde do povo quilombola, 1 (uma) tem proximidade com os nossos escritos. Entendemos que por seus títulos e conteúdos se entrelaçar com a nossa pesquisa, as 2 (duas) relacionadas seriam de grande importância para a nossa produção. Diante dos fatos expressamos que temos um total de 2 (duas) produções as quais serviram de embasamentos para a nossa produção. De modo que, selecionamos as mesmas e fizemos uma análise nos seus resumos e resultados, para que desta maneira fosse possível realizar as análises de cada uma. A seguir, trouxemos um quadro ilustrando quais publicações encontramos e que utilizamos nos nossos escritos.

QUADRO XI – PUBLICAÇÕES QUE SE ENTRELAÇAM COM AS NOSSAS PESQUISAS

ANO	AUTOR (A)	TÍTULO	OBRA
2015	LIMA, Hezrom Vieira Costa.	Já veio tudo dos antepassados História Memória e Identidade Étnica em Caiana dos Crioulos	Dissertação
2018	SILVA, José Romário Araújo da.	Diversidade quilombola e o direito à educação.	Dissertação

Fonte: Produzido pela autora – Março 2022

Após chegarmos neste resultado de apenas 2 (duas) dissertações, entendemos que fez-se necessário haver uma leitura minuciosa entre as publicações, para que desta maneira fosse possível realizar a discussão. Após análises dessas amostras, foi necessário haver um diálogo entre a literatura e o conteúdo escolhido para análise.

Ao considerarmos a primeira obra analisada, que foi a dissertação intitulada de “Já veio tudo dos antepassados”: História, Memória e Identidade Étnica em Caiana dos Crioulos, da autoria de Hezrom Lima Vieira Costa, foi possível compreender que essa temática se entrelaça com a nossa pesquisa de maneira singular, pois a referida

produção traz para o centro das nossas discussões as memórias e a história de vida daquela comunidade. A obra em questão aborda a definição de ser quilombola, ou seja, o que melhor define um quilombola na atualidade, seus costumes, suas crenças, seu modo de viver, de falar, de pensar?... o autor traz para o centro das discussões a identidade étnica, as memórias de resistência da comunidade.

Assim como a obra em questão, a nossa pesquisa referencia as memórias dos moradores/das moradoras da comunidade, para poder demonstrar os saberes e os processos educativos que abordamos na nossa produção. Lembrar do seu passado, dos saberes mais antigos, do aprendizado que foi concebido pelas gerações anteriores são os principais elementos que buscamos na comunidade nos nossos momentos de visitas e devido a isso compreendemos como sendo algo de grande importância para a comunidade, bem como para os nossos estudos. Complementando nosso raciocínio, LIMA (2015, p. 98) diz:

O passado, o presente e o futuro estão interligados e não são tão opostos assim, no sentido de impossibilidade de coexistir visões de mundo e explicações finais para determinados fenômenos, pois como não existe uma “ruptura” ou “corte profundo” entre estes recortes temporais distintos, suas reminiscências, no caso do passado, são sentidas e percebidas como uma espécie de norte, em se tratando de presente/futuro, por parte dos moradores. (LIMA, 2015, p. 98)

Ainda trazendo os estudos da obra que pesquisamos, relacionamos a memória aos saberes que se perpetuam no dia a dia de uma comunidade tradicional, tendo em vista que a oralidade é o principal meio de partilha dos saberes, compreende-se como sendo as memórias de total relevância para a descrição dos fatos e ensinamentos que ocorrem no presente mas que buscam o passado como fonte de respaldo e inspiração. Continuando ainda a respeito das memórias quilombolas, o autor referencia que:

Um fator que deve ser levado em consideração diz respeito à importância que a oralidade exerce no cotidiano e na manutenção da memória coletiva da população que vive em Caiana dos Crioulos. Nesse sentido, a oralidade ganha destaque, pois é através dela que uma parte considerável das tradições da comunidade são passadas de geração em geração. (LIMA, 2015, p. 98-99)

Diante do que foi exposto e considerado pelo autor, entendemos que a partir das memórias é que se faz possível perpetuar os saberes os quais as comunidades possuem, em especial quando esses saberes são repassados por diversas gerações e que têm a oralidade como sua fonte de partilha desses saberes. Após analisar os escritos, entendemos que para poder haver uma perpetuação dos saberes e das práticas de ensino é necessário resgatar as memórias dos nossos ancestrais e da-lhes crédito para que haja uma percepção maior e melhor dos saberes que serão evidenciados.

Ainda considerando a pesquisa em questão, o autor conclui seus escritos evidenciando que:

A identidade não é algo estático ou imutável, que se mantém idêntica com o passar do tempo, a mesma é (re) construída diariamente levando em consideração diversos aspectos, sejam eles provenientes da relação meio/ indivíduo ou da percepção do indivíduo em relação a si mesmo. (LIMA, 2015, p. 162)

Deste modo, diante do que foi exposto e discutido na referida obra, o autor enfatizou a hereditariedade daqueles povos, seus saberes, suas raízes e seus processos de partilha e de conhecimentos. Assim como buscamos na nossa pesquisa resgatar os saberes e os processos educativos, a produção analisada também fez um resgate dos seus saberes e memórias e como eles se dão diante dos povos quilombolas. A obra analisada busca dentre os moradores da comunidade as suas raízes, os seus saberes, as suas memórias referentes ao passado e a sua descendência; a nossa pesquisa também busca fazer esse resgate de conhecimentos e de sentimentos, algo que nos dois escritos ficam bastante evidentes, pois os quilombolas se utilizam das suas memórias passadas, dos seus saberes compartilhados para poder vivenciar tradições e ensinamentos que continuam sendo reais na atualidade.

Entrelaçando a nossa pesquisa com a que foi analisada, compreendemos que ambas se complementam e que uma traz para outra uma junção de ideias, que faz compreender as ações citadas na pesquisa atual a partir dos caminhos e entendimentos percorridos pelos ensinamentos que são expostos na pesquisa anterior. Diante dessa compreensão podemos afirmar que as memórias dos povos quilombolas são imprescindíveis para poder evidenciar suas práticas, suas raízes, seus saberes e sua ancestralidade. Portanto, entendemos que foi importante trazê-la para nossa pesquisa para poder evidenciar as memórias das quais fala o texto e relacionar com os saberes que trazemos na nossa pesquisa. Consideramos ainda como uma fonte de pesquisa de

suma importância, tendo em vista a temática abordada pela mesma e a temática a qual nós abordamos.

Já na segunda obra analisada, intitulada de Diversidade quilombola e o direito à educação, uma dissertação de José Romário Araújo da Silva, do ano de 2018, foi possível compreender que é uma obra que traz como centro das suas ideias a discussão da diversidade e do direito, remete-nos a falta de oportunidades e direitos negados os quais a população negra enfrenta até os dias atuais, discussão a qual trouxemos para a nossa pauta e evidenciamos a partir da realidade vivida pelos/pelas quilombolas.

Assim como os nossos escritos vêm discutindo e mostrando a realidade do povo negro pela busca de igualdade de direitos, pelo reconhecimento a partir dos seus saberes e da sua ancestralidade, a produção analisada também faz esse registro, ela nos traz as memórias que efetivam a luta passada (e ainda presente) das comunidades quilombolas, na busca de enfatizar direitos que já são dessas comunidades por muito tempo. A luta em busca da liberdade, dos seus direitos, das oportunidades, são ações que acompanham os quilombolas desde o surgimento da população brasileira, pois a segregação e a negação de direitos acompanham esses povos desde muito tempo.

Ainda referenciando a obra pesquisada seu autor traz para nós que:

Mesmo com o fim da escravidão no dia 13 de maio de 1888, a exclusão do povo negro continuou atrelada ao passado de escravidão; muitos/as ex-escravos/as continuaram em situações sub-humanas, vivendo com os/as antigos/as donos/as, ganhando míseros salários, outros saíram do campo foram para as cidades sem trabalho e formando as primeiras favelas nos morros [...] vivendo em situações insalubres, sem saneamento básico, sofrendo com retaliações por causa de sua religiosidade e seus aspectos culturais. (SILVA, 2018, p. 36)

Isto que foi salientado pelo autor ainda reflete na nossa atualidade e na realidade dos povos quilombolas, pois mesmo após 132 anos da promulgação da lei que dá liberdade aos negros, suas conquistas e o que lhes pertence por direito são regados a base de muita luta e de incansáveis buscas do seu povo em especial das mulheres que tornou-se símbolo de resistência para o povo negro. Ainda referenciando a obra pesquisada abrimos um espaço para falar das mulheres e do seu protagonismo dentro da comunidade, para tal o autor expressa que, “a comunidade é sede de alguns prédios públicos e organizações que promovem uma melhoria e bem estar aos moradores locais, dentre os quais podemos citar a Organização das Mulheres Negras de Caiana” (SILVA,

2018, p.51), a qual serve para tomar decisões a respeito dos eventos culturais, tradicionais e empoderar as mulheres da comunidade na busca de dias melhores para o território.

Na nossa produção também estamos dando ênfase ao protagonismo feminino na comunidade, tendo em vista que as práticas populares em saúde na atualidade só são desenvolvidas por mulheres, vemos a partir daí a força da mulher quilombola, sua posição perante o anseio da comunidade, a busca por dias melhores e uma vida digna para seus semelhantes. Enfatizando ainda a luta das mulheres, enfatizamos as organizações de grupos femininos que se unem e busca evidenciar seus talentos para a dança, para a música, para o resgate dos saberes e a partilha de conhecimentos.

Na atualidade, Caiana dos Crioulos tem todas as características de uma comunidade que busca a partir da força das mulheres do seu território momentos e melhorias para um futuro com menos preconceito e com uma maior busca de direitos, de políticas públicas e de benefícios que favoreça toda a comunidade, e em sua maioria essas ações estão interligadas ao movimento e a força das mulheres quilombolas da comunidade. Evidenciar essa obra na nossa pesquisa, foi de total relevância para os nossos estudos tendo em vista que a mesma traz um recorte histórico da formação de Caiana, bem como das suas lutas e conquistas ao longo desses quase 300 anos de existência.

Após as leituras das obras que serviram de base para a nossa pesquisa bibliográfica, concluímos que as temáticas que foram descritas pelos autores vem problematizando algumas vertentes que faz referência a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, na oportunidade evidenciarmos as memórias, os saberes, as tradições, o empoderamento feminino e as lutas dos povos quilombolas pelas terras que residem, pela igualdade de direitos e pela ressignificação do seu passado, através das suas memórias, das suas práticas, dos seus saberes e dos seus processos educativos. Entendemos que essas 2 (duas) obras avaliadas, foi de total relevância para embasar nossos estudos e promover a discussão entre a prática e a literatura.

É bem verdade que os textos analisados não fazem referência as práticas populares em saúde, mas elas referenciam outros temas que são tratados nas nossas discussões, a exemplo das memórias dos quilombolas, que é um fator tão relevante para evidenciar as práticas populares em saúde. Também expressamos nossa satisfação em contemplar produções recentes que façam menções a comunidade em questão, tendo em vista que dentro do nosso critério temporal encontramos poucas publicações que

evidenciam a comunidade. Diante disso, compreendemos nossa pesquisa e nossos escritos como bastante relevante para descrever a comunidade e suas problematizações.

7.2 – Pesquisa documental

Após cessar nossas buscas por referências bibliográficas iniciamos uma pesquisa por materiais que são considerados fontes documentais e que referenciam a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos. Na oportunidade, usamos as plataformas digitais mais usadas para pesquisas da atualidade e usamos as palavras chaves “Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos”. Mediante essa busca surgiram as obras que estão descritas abaixo.

QUADRO X – OBRAS UTILIZADAS NA PESQUISA DOCUMENTAL

TÍTULO DA OBRA	DATA DA PUBLICAÇÃO	ESPAÇO DE EXIBIÇÃO	DISPONÍVEL	DURAÇÃO
Reportagem “Retratando a riqueza histórica e cultural de Alagoa Grande”.	Em 13 de dezembro de 2016.	Telejornal. Jornal da Paraíba (1ª edição)	https://globoplay.globo.com/v/5511347/	05 minutos e 05 segundos.
Caiana dos Crioulos é fonte de pesquisa para o escritor Laurentino Gomes.	Em 30 de novembro de 2018.	Telejornal. Jornal da Paraíba (2ª edição).	https://globoplay.globo.com/v/7200966/	04 minutos e 12 segundos.

Aqui tem coco – Um dia em Caiana dos Crioulos	Em 04 de agosto de 2014	Plataforma Digital (You Tube)	https://www.youtube.com/watch?v=3uLiDgoWnkk	19 minutos e 20 segundos
	Em 20 de novembro de 2016	Plataforma Digital (You Tube)	https://www.youtube.com/watch?v=3uLiDgoWnkk	13 minutos
Mestres da Parahyba: Caiana dos Crioulos	Em Dezembro de 2018	Plataformas Digitais	https://www.youtube.com/watch?v=a5nYG6TWoQo	15 minutos e 25 segundos

*Quadro feito pela pesquisadora. Pesquisas realizadas em Março de 2022.

Após essas buscas e assistir todos eles, fizemos um resumo escrito de cada um, entendemos que todos eles, no total de 5 (cinco) favoreciam a nossa pesquisa e assim, foram usados na nossa obra, em alguns deles enxergamos o nosso objetivo de maneira mais acentuada, em outros, vimos em uma menor intensidade, porém entendemos que todos eles seriam importantes para a nossa construção.

O primeiro documentário a ser analisado foi a reportagem “Retratando a riqueza histórica e cultural de Alagoa Grande”. Trata-se de uma reportagem que mostra a sinopse de um documentário que faz alusão ao município, que posteriormente também analisamos o documentário citado. O conteúdo traz sinopses do documentário, do tema desenvolvido e da vivência da comunidade, referencia seus filhos ilustres a exemplo de Jackson do Pandeiro e de Margarida Maria Alves. Consideramos que esse documentário foi importante para a nossa produção porque ele nos trouxe relatos da vivência do povo no território.

Iniciando a sua fala na reportagem, a jornalista Larissa Fernandes descreve a obra como “a trajetória dos negros do brejo paraibano” e quando ela pede para o idealizador do documentário descrevê-lo, ele faz as seguintes referências:

____ A comunidade sobrevive a base da agricultura e neste documentário os moradores de Caiana nos mostram a primeira vez

que eles/elas abrem as portas para o turismo e recebem visitantes do mundo inteiro. Foi um momento muito difícil para a comunidade, pois eles tinham medo dessa população. (Caio César Beltrão, documentário riqueza histórica e cultural de Alagoa Grande, 2016).

Neste momento, o responsável pela obra demonstra o sentimento que a comunidade tinha (e tem), ao abrir suas portas (das casas e do território) para receber visitantes. Ainda em pergunta ao idealizador da obra, a jornalista perguntou o que ele tinha visto de tão marcante na história daquele povo para ser documentado. O autor respondeu:

___ A comunidade faz parte de um polo histórico de nomes que referenciam a região, a exemplo de Jackson do Pandeiro e Margarida Maria Alves, Jackson levou a cultura da região para os palcos do país e Margarida lutou pelos direitos dos trabalhadores que majoritariamente era negro e ela retrata a resistência e a luta. Caiana não é centrada em si, ela retrata a população negra que aqui chegaram para serem escravizados. (Caio César Beltrão, documentário riqueza histórica e cultural de Alagoa Grande, 2016).

Após ouvir essas palavras pelo idealizador da obra, entendemos que esse documentário seria de grande importância para os nossos escritos, pois assim como precisamos compreender a vivência dos quilombolas, precisamos encontrar as respostas do nosso objetivo de pesquisa e ao realizar essas buscas nos aproximamos cada vez mais dos nossos anseios. Em seguida a essa pesquisa, fomos analisar a reportagem que faz menção ao documentário “Caiana dos Crioulos é fonte de pesquisa para o escritor Laurentino Gomes”. Esta reportagem relata a visita do autor, jornalista e pesquisador Laurentino Gomes à comunidade.

A reportagem que tem a frente a jornalista Sílvia Torres retrata a vivência da comunidade, o que ele/elas fazem para sobreviver e diminuir o êxodo rural que sempre ocorreu na comunidade, pois muitos dos seus moradores precisaram sair do território para buscar trabalho no Rio de Janeiro, local onde tem praticamente outra Caiana. Além de buscar extinguir essa prática da saída de muitas pessoas para outras regiões do país, o que atraiu Laurentino Gomes foi a busca pelo fim do preconceito e o desenvolvimento da economia a partir da produção de artesanatos, remédios e doces que tem como matéria prima produtos da comunidade.

A jornalista menciona que o que atraiu o escritor à comunidade foi a luta e a busca de cessar o êxodo rural, o preconceito e a busca pelo desenvolvimento da economia criativa. A esse respeito Gomes nos relata:

___ O que me impressionou aqui foi a identificação de soluções para a sobrevivência, a exemplo do turismo, agricultura orgânica, pecuária e outras maneiras que desmistifica o que são ditos em campanhas eleitorais referenciando que os quilombolas são preguiçosos e querem viver com o dinheiro público. Eles/elas até precisam e buscam um apoio financeiro, mas não é o sonho deles.

São pessoas batalhadoras que procura soluções para suas vidas, a fim de viver com decência e integridade na sociedade brasileira, com todos os direitos e deveres próprios de qualquer brasileiro. É só o que eles querem e o que nunca tiveram. (Laurentino Gomes, Documentário Caiana dos Crioulos é fonte de pesquisa para o escritor Laurentino Gomes, 2018)

Após a fala de Gomes na reportagem, nos voltamos para alguns momentos da escrita do nosso trabalho quando evidenciamos o protagonismo das mulheres de Caiana na busca de promover dias melhores para a comunidade, na luta pelo respeito, pela igualdade de direitos e por uma mudança de vida, mais digna e mais justa para todos/todas. Continuando em analisar a reportagem vemos na fala de Nalva, que é moradora de Caiana, quilombola, residente na comunidade e uma grande liderança daquele território que o preconceito foi um dos fatores cruciais que favoreceu a falta de direitos e oportunidades para o povo negro. Não apenas em negar direitos e oportunidades aos descendentes de africanos, mas por promover a dor e o sofrimento desta população.

___ A gente chegava na cidade e quando descia do ônibus o que ouvia era “tocaram fogo na mata”, “chegaram os cão do inferno”, então isso, a gente chegava na sala de aula, não se levantava para lanche, não saía para o banheiro e para resistir a isso foi muito difícil, porque eu via minhas irmãs desistindo de estudar... e hoje a gente se ver do outro lado da história, hoje a gente não tem mais medo de chegar na cidade, porque hoje, a partir das nossas lutas somos os protagonistas da nossa história. (Nalva, Documentário Caiana dos Crioulos é fonte de pesquisa para o escritor Laurentino Gomes, 2018)

A partir da fala de Nalva, que é uma mulher quilombola, que guarda nas lembranças momentos de dor e sofrimento, é visível que não foi fácil para as pessoas da comunidade conseguir vencer seus medos, superar suas dores e reescrever uma nova

história, pois muitos membros da sociedade não levam em consideração o interior de cada pessoa. Diferentemente do que ocorre na prática, Munanga (1988, p. 189) diz que:

A diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. (MUNANGA, 1988, p. 189)

Porém diferentemente da indicação do autor o contrário acontece e a população negra no nosso país só conseguiu um pouco mais de espaço na sociedade a partir do empoderamento feminino, das organizações de mulheres, da busca de sobrevivência a partir dos produtos artesanais (que usa matéria prima da própria comunidade), a partir dessas ações fica evidente que o povo negro busca dias melhores, reconhecimento dos seus direitos e das suas capacidades de sobrevivência, pois a sociedade brasileira deve esse reconhecimento aos quilombolas, por anos e anos de negação de direitos, pela escravização e por falta de valorização da sua cultura.

Em busca de mais conhecimentos para aprimorar a nossa produção, assistimos o documentário “Mestres da Parahyba: Caiana dos Crioulos” e tivemos a grata surpresa de ter no início desse vídeo a participação de dona Edite, uma senhora com mais de 80 anos de idade que canta o coco de roda e costura em uma máquina manual bastante antiga. Esta senhora inicia sua fala contando da sua origem quilombola, da vida vivenciada na comunidade, da origem dos seus pais e dos seus avós, que também eram quilombolas e residente da comunidade, no vídeo esta senhora ainda fala da importância que aquelas terras têm para ela. Pois a mesma relata que nasceu em Caiana, lá se criou e formou sua família, e que de lá não pretende sair.

A maneira como seus pais lhes criaram e a sua vivência na agricultura são os pontos mais marcantes na sua fala, ela cita que desde muito pequena adentrou na agricultura e no trabalho da lavoura, que juntamente com suas irmãs frequentavam a escola, porém tinham que se dividir entre as aulas e o trabalho e que na verdade pouco aprenderam com as letras, pois o trabalho era seu alvo principal, mesmo sendo ela ainda uma criança. Ela traz em suas memórias os poucos momentos de festejos que havia na comunidade, que as canções de coco de roda e as cirandas eram as principais diversões naquele ambiente.

Ela relata a respeito do ofício de ser rezadeira e parteira, funções que desempenha com grande orgulho e que herdou da sua mãe, a mesma ainda afirma que a sua mãe herdou da sua avó e que essa prática vem acompanhando gerações; ela nos confirma que ainda muito pequena acompanhava sua mãe em muitos lugares e que quando a sua genitora ia fazer uso dos seus dons, a mesma (ainda criança) observava seus passos, seus gestos e suas ações e a partir dessa vivência conseguiu obter os saberes necessários para efetivar o ofício.

Quando a sua mãe não teve mais condições de exercer esses saberes, a própria dona Edite ainda muito jovem começou colocar os seus aprendizados em prática. Ela ainda nos afirma que em busca de adquirir mais conhecimentos nessa área viajou para alguns estados brasileiros a exemplo de Alagoas e Bahia, essas viagens rendeu-lhe um pouco mais de conhecimentos e práticas a respeito dessa temática e o objetivo principal de adquirir um pouco mais de saberes foi na busca de melhor servir a sua comunidade.

Segundo os relatos da senhora Edite, as práticas que até então eram bastante utilizadas deu uma minimizada a partir do surgimento da profissão dos Agentes de Saúde, pois a partir desse momento houve algumas proibições em relação a tais práticas, a exemplo dos partos que ocorriam em casa, ou seja, a partir daquele período as mulheres não podiam mais ter seus filhos com a ajuda de uma parteira, mesmo assim ela afirma que se necessário for ela está pronta para conduzir um parto, e se orgulha de ter ajudado a muitas mulheres terem tido seus filhos em casa.

A partir das palavras dessa sábia senhora, podemos compreender a importância dessa prática milenar a qual atravessa gerações e tem a finalidade de usar seus saberes para servir a comunidade de maneira gratuita, sem que haja um custo financeiro para essa prática e sem haver disputa de poderes ou de cargos. Ao analisar as palavras ditas pela entrevistada do documentário, é possível compreendermos, que é necessário que haja um dom, um desejo oculto dentro da pessoa humana para poder desenvolver esses saberes e mesmo que a pessoa já possua uma quantidade expressiva de saberes, os quais foram herdados da sua família ou da sua ancestralidade, também se faz necessário a busca por novos conhecimentos ou novas práticas.

Compreendemos ainda, que esses conhecimentos fazem parte da nossa cultura e da nossa tradição, são fontes que enriquecem a nossa história, que valoriza os nossos saberes e perpetuam a nossa ancestralidade, além de promover a cura, o bem-estar, os conhecimentos a respeito das plantas e diversas maneiras de fazermos uso dessa prática

para despertar outras ações que necessitem da união das pessoas, da conscientização das práticas diárias e da vivência da nossa população.

Ainda tendo como referência o documentário citado anteriormente, dona Edite relembra que seus antepassados falavam muito a respeito “dos homens brancos”, ou seja, havia uma lenda propagada na comunidade a qual assustava muita gente e que seu intuito era colocar medo nos seus moradores. A lenda fazia menção ao “papa-figo”⁴⁷, que roubava criança, matavam e faziam atrocidades por onde passava; tempos depois, dona Edite compreendeu que aquela descrição toda referia-se ao medo que as pessoas possuíam de Lampião⁴⁸ e seu bando de cangaceiros⁴⁹.

Após ouvir esses relatos, começamos a nos indagar o quanto as comunidades tinham receio ao acesso a vida na sociedade, o quanto eles/elas buscavam se preservar e adiar um contato mais próximo ao mundo exterior, ou seja, a algo que interligasse a comunidade a sociedade. Essas ações nos fazem compreender que os perigos que rondavam a população também amedrontavam os moradores do território quilombola e essa desconfiança fazia com que o distanciamento com a sociedade ocorresse cada vez mais corriqueiramente.

Dona Edite ainda relata que além das práticas de saúde ela também herdou da mãe a habilidade por serviços manuais a exemplo da costura e do artesanato, da confecção de bonecas de pano. Seu orgulho com suas habilidades manuais é demonstrado quando ela cita que criou 11 filhos com o suor do seu trabalho e que mesmo com todas as dificuldades enfrentadas na sua vida, nunca roubou nada de ninguém. O orgulho que essa senhora transmite nas suas palavras é visível, pois mesmo diante de tanto sofrimento ela se sente vencedora em suas práticas e nas suas realizações.

Em um momento de exaltação da sua origem, aquela senhora diz que a escravidão não acabou, pois até a atualidade são os negros quem trabalham para sustentar a riqueza dos brancos e dos ricos. Ela ainda complementa enfatizando que:

⁴⁷ Segundo os anciãos, papa – figo é uma lenda conhecida nos estados de Pernambuco, Bahia e Paraíba. Diz a lenda que ele se parece com uma pessoa normal, porém se transformava em um ser esquisito com unhas grandes e afiadas, orelhas e dentes de vampiros e roubava crianças, escondendo-os dentro de um saco, na busca de alimentar-se do fígado destas crianças.

⁴⁸ O pernambucano Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente como Lampião, foi o maior líder do cangaço no Nordeste brasileiro, chefiou o bando por 16 anos e promoveu ataques e saques por onde passava. Foi morto em uma emboscada no ano de 1938 no estado de Sergipe.

⁴⁹ Os cangaceiros de Lampião eram homens que andavam armados e em bandos pelo sertão nordestino e que tinham suas próprias regras de conduta e suas próprias leis. Não tinham moradia fixa e sobreviviam de saques e doações.

Assim como foram os negros que ergueram esse país no passado, o seu trabalho continua sendo a mola que nos move, e que quase sempre tem muito pouco para sobreviver, pois o seu trabalho só serve para enriquecer quem já tem meios de sobrevivência e que mesmo após muito tempo tendo se passado o racismo e o preconceito contra essas pessoas continuam. (Edite José, Documentário Mestres da Parahyba: Caiana dos Crioulos).

Ao analisarmos o que disse aquela senhora e se compararmos com a realidade que vivenciamos, entendemos que a mesma tem toda razão, pois dificilmente encontramos um negro como protagonista de alguma situação e sim em posições subalternas, isso não significa dizer que os negros ou afrodescendentes não são capazes de realizar qualquer serviço ou de ocupar qualquer cargo ou posição de destaque, mas significa dizer que o preconceito ainda continua, algumas vezes de maneira camuflada, outras vezes para todo mundo ver, que a negação de direitos continuam da mesma maneira que ocorria no passado. Gonzales, 1984, p. 225 diz que “a primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural, que negro tem que viver na miséria...”

Ao analisar as palavras sábias daquela senhora que representa uma imensa sabedoria para sua comunidade e que ainda possui um vigor extraordinário no que se refere a expandir a cultura e os saberes do seu povo, compreendemos que as práticas que são demonstradas no território e que são repassadas para as gerações mais novas, são ensinamentos que a prática e a realidade são seus melhores caminhos e considerando que a oralidade é o meio mais comum de partilhar os saberes nessas comunidades tradicionais. As ações praticadas, os ensinamentos acumulados e as práticas efetivadas servem para demonstrar o quanto essas comunidades têm de saberes, de fé e de desejos para expandir suas práticas e suas tradições.

Ainda em análises a outras fontes, assistimos e ouvimos atentamente ao documentário intitulado “Aqui tem coco – Um dia em Caiana dos Crioulos”, o vídeo retrata a vida dos quilombolas na comunidade, em especial a vivência das mulheres, seus trabalhos domésticos, na roça, na criação de animais e no protagonismo das tradições, a exemplo das cirandas e do coco de roda, do combate ao preconceito sofrido e das perpetuações dos saberes que atravessam gerações.

A ciranda e o coco de roda são raízes muito profundas na tradição quilombola, protagonizada em sua maioria por mulheres são danças que permitiam um pouco de alegria em tempos tão difíceis. Na atualidade, as cirandas compõem o maior atrativo das

festividades que acontecem na comunidade, dividida em diferentes faixas etárias e que enaltecem as comemorações que ocorrem por lá, fazendo parte da tradição que ocorre desde os tempos mais antigos.

Em análise a nossa última fonte documental que foi o documentário “Aqui tem coco, um dia em Caiana dos Crioulos”, a obra relata a vida dos quilombolas na comunidade, seus trabalhos domésticos e na roça, bem como o cuidado com os animais. Trata-se de um documentário que entrevistam algumas mulheres da comunidade enquanto elas estão realizando seus afazeres diários daí elas falam da tradição do coco de roda, do preconceito sofrido e das ações que são perpetuadas até os dias atuais.

A ciranda e o coco de roda são tradições muito forte entre os/as quilombolas, em especial na comunidade de Caiana, assim como a religiosidade também é algo bastante forte dentre aquele povo, em especial nas mulheres, quando questionada em meio a entrevista a respeito da religiosidade da comunidade, dona Edite José que foi uma das entrevistada e é moradora da comunidade, ela respondeu da seguinte maneira: “___ Muitas pessoas pensam que aqui em Caiana tem um centro de umbanda e não há, pois a religião que predomina aqui na comunidade é o catolicismo”.

No documentário também é trazido a fala de dona Edite a respeito dos seus dons e das suas práticas, ela se apresenta em todos os momentos que há oportunidade como cirandeira⁵⁰, parteira e amiga, pois os saberes que a mesma possui foram herdados da sua mãe, que á foram herdados pela sua avó. Esta senhora ainda afirma que: ___ “o dom de ser parteira e benzedeira é uma tradição que vem desde os tempos das minhas bisavós, avós e mãe, são costumes que vem atravessando gerações e que faz perpetuar os saberes africanos ”.

Outra pessoa que retratou os costumes da comunidade foi seu Zuza (é assim que ele se apresenta nesse documentário), ele relembra a musicalidade que há na comunidade; as bandas, os instrumentos musicais, as datas comemorativas, as danças e os costumes de festejar para qualquer situação, como exemplo ele cita os instrumentos musicais da panda de pífano, de como os instrumentos são confeccionados com produtos da natureza.

Os momentos referenciados por dona Edite e por seu Zuza, nos permite fazer uma imersão nas tradições e nas memórias dos entrevistados, haja visto que todas essas ações descritas por ele/ela, fazem parte da ancestralidade e das lembranças dos quilombolas. Lima (2021, p. 59) nos leva a entender que:

⁵⁰ Mulheres que dançam cirandas.

Compreender as narrativas de memória de pessoas idosas é de suma importância, porque saber como elas narram suas histórias de vida no quilombo, como enxergam esse território construindo um pensamento a seu respeito e como interpretam a vida nesse lugar é fundamental. (LIMA, 2021, p.59)

A partir desse entendimento, a nossa compreensão é que as memórias dos povos quilombolas são essenciais para a perpetuação dos saberes e para que eles/elas continuem com essa prática e com a efetivação dos saberes é necessário que haja uma continuação dos saberes, das práticas e das lembranças. Diante do que foi exposto, entendemos que esse documentário também foi de suma importância para as nossas pesquisas, pois a partir deles compreendemos a necessidade de preservar as memórias dos povos quilombolas.

7.3 Observação participante

Neste espaço, relataremos a nossa compreensão a partir das visitas as quais realizamos, o diálogo que tivemos com algumas mulheres residentes no território, o qual observamos, o que assistimos nos vídeos e documentários, o que lemos, o que ouvimos e as nossas impressões que estão registradas no nosso diário de campo, são alguns dos subsídios que traremos a seguir, pois consiste em meios os quais nos utilizamos para servir como instrumentos de coleta de dados.

Sempre que chegávamos ao território éramos recebidos por pessoas bastante hospitaleiras, que estavam sempre a nossa disposição e que se necessário fosse passávamos horas embaixo das árvores conversando. Encontramos com dona Elza, dona Cida, dona Luzia, Luciene, Lucélia, Marinês e ouvimos muitas histórias que se entrelaçavam, outras que seguiam caminhos opostos, mas que todas levam sempre ao mesmo local que são as nossas raízes e a nossa ancestralidade. Ouvir aquelas mulheres fazerem seus relatos de vida e de experiências sempre nos deixou pensativa, pois de todas as histórias que ouvíamos e de todas as situações relatadas buscávamos encontrar nelas ações que respondessem aos nossos objetivos de pesquisa. Em todos os momentos enxergávamos novos aprendizados e extraíamos deles saberes importantes para a nossa vida.

A partir do que foi lido, pesquisado, ouvido, assistido e visto, tivemos uma melhor percepção ao que se refere os ensinamentos e aprendizagens da cultura quilombola e da

sua transmissão, as pesquisas realizadas, as conversas ouvidas e as práticas observadas, nos fizeram compreender as suas tradições de uma maneira mais completa, mais real, pois somente quem vivencia aquela realidade é capaz de enxergar as situações de forma mais concreta.

Podemos afirmar que os processos educativos das práticas populares em saúde, assim como das demais ações que referenciam o povo quilombola, ocorre de maneira tradicional, ou seja, acontece da mesma forma que ocorria antigamente, a partir da oralidade, das conversas, da reprodução das histórias narradas pelos anciãos/anciãs, da participação das crianças e adolescentes nos processos de observação das ações desenvolvidas e das narrações de experiências que são compartilhadas nas rodas de conversas, nas reuniões de associações, nos relatos de experiências, a partir da sala de aula e das conversas informais que se dá no dia a dia em diferentes lugares.

Embora estejamos em um momento o qual a tecnologia e as informações movem o mundo, faz-se necessário vivenciar o processo de partilha dos valores e dos ensinamentos tão quanto ocorria no passado, pois muitos daquelas pessoas, fazem questão de repassar seus conhecimentos da mesma maneira que receberam dos seus antepassados e assim propagar os seus conhecimentos e as suas práticas. E na comunidade pesquisada não é diferente, muitos dos seus moradores ainda vivenciam situações semelhantes ao tempo passado e buscam elevar essas práticas por muito tempo.

Quando perguntamos a algumas moradoras porque elas não registram esses ensinamentos em livros, vídeos ou gravações que possam servir de meios de difusão para as gerações futuras? Elas nos deram diferentes respostas, porém todas elas se entrelaçavam e versavam entre si, em uma das respostas foi possível compreender que:

... mesmo que algumas pessoas da comunidade já tenham habilidade com as letras e com os aparelhos tecnológicos, esses feitos ainda são novos para muitos e também não estão ao alcance de todos; a timidez, a falta de conhecimento científico, a falta de manejo com os aparelhos tecnológicos e a dificuldade em possui alguns deles, bem como o acesso à internet, são algumas das dificuldades que encontramos no nosso meio, principalmente com as pessoas de mais idade como é o caso daquelas que compartilhar esses conhecimentos.

Ao buscar compreender o que disseram as mulheres as quais nós observamos suas falas e suas práticas, entendemos que mesmo elas tendo e estando diante de diferentes meios de partilha de conteúdo, o que as deixam mais seguras é a mesma maneira a qual

elas aprenderam e que viam sempre acontecer, assim como se deu com as gerações passadas. Entendemos também que mesmo algumas delas fazendo uso das redes sociais, das mídias, das escritas e produções acadêmicas, nada se compara com o que vivenciamos na prática e isso é sentido também nos momentos de repassar conhecimentos.

Indagamos também para algumas das mulheres que observamos e buscamos compreender nos vídeos que foram analisados se essa geração de agora (dos tempos atuais) tem os mesmos interesses de aprender os ensinamentos da sua comunidade quanto as gerações passadas? A partir de diferentes respostas tivemos a seguinte compreensão:

Que mesmo essa geração atual tendo orgulho de ser quilombola, de demonstrar seus saberes e sua cultura, de querer desmistificar aquela ideia de que preto é “burro” e só serve para o trabalho escravo, o interesse em adquirir algumas práticas é bem menor do que as gerações passadas, entendemos que talvez seja porque na atualidade a facilidade de adquirir algumas coisas, a exemplo de medicamentos de farmácia seja mais fácil do que eram antigamente. No passado, as famílias necessitavam ter alguém em casa que possuísse algum tipo de saber que servisse para ajudar outra pessoa e hoje em dia essa prática não é tão necessária, por isso, esses conhecimentos não são despertados em todas as pessoas. Mesmo assim, ainda há uma busca pelos conhecimentos e a prática destes ensinamentos.

Ao conversar com as senhoras que acompanhamos, também ao ler sobre essa temática e ao assistir minuciosamente os vídeos e documentários que respaldaram nossa pesquisa, buscamos compreender se os saberes que são repassados podem ocorrer com qualquer pessoa que busque adquiri-los ou se é algum tipo de “dom divino” possuir esses tipos de ensinamentos? Diferentes respostas foram nos dada, porém dentro dessa fenomenologia optamos por inicialmente descrever os fatos por diferentes olhares e após essas demonstrações opinar a esse respeito.

Para Santos (2019, p.15), “as benzedadeiras podem aprender a fazer suas rezas de cura de diversas maneiras, porém o mais comum é o aprendizado por meio do dom que Deus lhe concedeu.”. Para Gonzales (1976, p.10), “essa prática refere-se a forças espirituais permitindo-lhes atuar com esta prática”. Para Quintana (1999, p.89), “essa é uma ação que retrata um dom divino e que deve ser desenvolvido na gratuidade”. Ao ouvir as mulheres da comunidade e praticantes desses ensinamentos, concluímos que:

Mesmo havendo a prática de repassar os conhecimentos para outras pessoas, o dom divino sempre prevalecerá, ou seja, os resultados positivos que serão adquiridos não dependerão apenas da sua prática e do seu manejo, dependerá bastante do dom que você possui, da crença que você tem, bem como a fé que você desenvolve nas suas ações. Compreendemos também que a religiosidade presente no seu cotidiano é um fator primordial para o desenvolvimento do seu dom e das suas ações e que aquelas pessoas que foram contempladas com essa habilidade são tidas como alguém muito especial e que recebe essa dádiva para ajudar o próximo sem cobrar nenhum valor financeiro em troca dos seus feitos.

Ainda buscando responder aos nossos objetivos, nos perguntamos por que as pessoas que fazem uso dessa prática são na sua maioria mulheres e idosas, diferentes respostas foram expostas para nós e a partir delas consideramos que diferentemente de outras culturas, o fator idade é primordial para referenciar o aprendizado e o ensinamento que as pessoas possuem, pois ser ancião/anciã significa dizer que aquela pessoa é detentora de grandes saberes e muitas experiências de vida. Ao perguntar e buscar identificar nos materiais pesquisados se no meio daquelas que fazem uso dessa prática haveria alguém do sexo masculino, algumas situações foram expostas, porém, chegamos à conclusão que:

No momento não, já houve sim alguns homens na comunidade que fazia uso das práticas populares em saúde, que rezava a população, que “mexia” com plantas medicinais e que possuía um saber extraordinário referente as práticas antigas da comunidade, mas eles faleceram e nenhum outro quis continuar suas ações.

Após chegar a essa conclusão, continuamos a conversar e voltamos a compartilhar com as nossas acompanhantes as nossas dúvidas a respeito da ausência de pessoas do sexo masculino nessa prática. Algumas histórias chegaram até a nós e a partir delas compreendemos que:

O interesse de pessoas do sexo masculino por essas ações, é pouca, pois muitos compreendem como sendo “práticas de mulheres” e que os homens têm outras atribuições a realizar. Outro fator também bastante atribuído é a questão da fé, ou seja, na sua maioria as mulheres são mais dedicadas a fé e a religiosidade que se faz necessário para poder se dedicar a causa, pois por parte da população o uso das plantas medicinais para a prevenção de doenças ou a cura delas, tem haver com a fé depositada nas religiões que são praticadas pelos envolvidos nas situações.

Evidenciamos também o fator idade, na busca de compreender o porquê dessa prática ser evidenciada na sua maioria por pessoas de mais idade. Compreendemos a partir do que vimos e ouvimos que:

A idade traz consigo momentos de sabedoria e experiências, ações as quais os jovens não vivenciaram e/ou não conhecem. Além da sabedoria referente aos que estamos praticando na busca de uma saúde melhor, de repassar o que sabemos para outras pessoas afim de perpetuar alguns desses saberes, também há a sabedoria da vivência e das reações diante de algumas situações e isso também é muito importante e faz toda a diferença, pois são momentos que temos “aconselhamentos” para resolução de muitos conflitos da vida.

Diante de tudo que foi posto, entendemos que “ser velho” é ser detentor de muitas experiências, sabedoria, compreensão da realidade e desejos de proporcionar momentos de aprendizagem e cooperação. Uma das nossas indagações, era buscar identificar traços da Educação Popular nas ações praticadas na comunidade e ao fazer uma busca minuciosa, como também conversar com algumas pessoas do território, concluímos que:

Ao desenvolver ações que perpetuem os costumes da comunidade, desenvolvemos também momentos que nos levam a enxergá-los como práticas da Educação Popular, pois ao reunirmos para a partilha dos saberes, há uma conscientização das nossas ações, a uma indagação do nosso papel na sociedade e a partir de então, faz-se necessário uma reflexão das nossas práticas perante o contexto que vivenciamos.

Diante desses feitos, do que foi ouvido, lido, assistido podemos compreender que as nossas ações, nossas visitas e pesquisas atenderam sim aos nossos objetivos, que os processos educativos desenvolvidos na comunidade partiam de uma conversa sem objetivo definido e concluía nos ensinamentos que se relacionava com a comunidade, que mesmo tanto tempo ter se passado os valores referentes aos saberes quilombolas são valorizados e repassados pelos seus anciãos/ anciãs. Que os valores dessa prática, desses saberes são repassados aos mais jovens e mesmo não tendo a intensidade dos tempos passados, ainda há uma forte tradição de fazer uso dos mesmos. E por fim, conhecemos os processos educativos que se baseia da sua tradição oral, bem como da prática dos seus interesses para repassar seus conhecimentos e valores.

Os saberes que referenciam as práticas populares em saúde são valorizados pelos quilombolas desde muito cedo, pois a tradição de repassar os conhecimentos através das gerações é um fator primordial para que haja essa valorização; os mais idosos repassam

seus saberes para os mais jovens e repassam para tais todo o manejo de plantação, cuidado, colheita e produção das plantas medicinais. Compreendemos também que a observação das práticas também é um fator determinante para absorção do conhecimento, pois muitos desses saberes quilombolas são advindos da observação dos mais jovens pelas práticas e ações desenvolvidas pelos mais idosos e a partir de então o conhecimento se expande, permitindo-nos a compreender os valores que possuem esses conhecimentos e essas práticas.

Ao buscar compreender a importância dos valores dentro da comunidade e a sua perpetuação a partir das gerações, observamos que o orgulho do “ser quilombola” dos saberes que possuem, dos valores e da postura de cada um /uma se intensificou com o passar do tempo e a partir desse empoderamento há uma maior valorização da sua cultura e dos seus saberes. Ao conversar com algumas mulheres quilombolas a respeito da visão que a sociedade tem em relação a cultura do povo negro, de como era há tempos passados e como é atualmente, ela nos contou que já é possível enxergar uma melhoria, mas que ainda há o preconceito e aquela ideia errônea de que preto não possui saberes ou que negros não serve de nada.

Ainda em conversa com algumas mulheres, expomos a dúvida de como é que elas se sentem em meio aos processos de ensino das gerações mais nova e também por ter vivenciado essa situação há algum tempo atrás como aprendiz, elas nos relataram diferentes pontos de vistas, e que nós compreendemos que:

Embora o tempo tenha passado e muitas coisas tenham mudado, o interesse pela sabedoria popular acompanha os jovens da sua comunidade da mesma maneira que sempre acompanhou as gerações passadas, pois há em cada quilombola o desejo de ser valorizado, de ser querido/querida, de ter seus saberes reconhecidos e valorizados por todos /todas da sociedade.

Quando conversamos com outros/outras moradores/moradoras e perguntamos a respeito dos processos educativos que são desenvolvidos no território pelos seus moradores, por serem os mesmos de duzentos, trezentos anos passados, fomos informados de que muitos dos seus hábitos e costumes continuam os mesmos e de que mesmo havendo algumas diferenças entre os tempos presentes e passado, faz se necessário mantermos a ancestralidade popular e os meios de partilha desses saberes continuarem os mesmos.

APRENDIZADOS E CONSIDERAÇÕES A PARTIR DAS ANÁLISES DAS PRÁTICAS POPULARES EM SAÚDE E DOS SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS.

Após estudar, pesquisar, conversar, assistir vídeos e documentários, e realizar algumas visitas na comunidade, entendemos que os nossos objetivos de pesquisa estão respondidos, os pressupostos que nortearam as nossas ações estão concluídas, é bem verdade que se tivéssemos um pouco mais de tempo, haveríamos bem mais coisas para expressarmos e para trazer para os nossos escritos, cada visita que fizemos ao território foi uma experiência nova, cheia de aprendizagens e desafios. Pesquisar a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos foi uma experiência incondicional, conhecer seu povo, sua cultura, sua ancestralidade, seus saberes e tradições, são aspectos que nos enriquece como pessoa, como educadora, como pesquisadora e como alguém que se reconheceu negra a partir de uma experiência na universidade, mas que só passou a se identificar verdadeiramente com a causa após o nascimento do filho.

A presente dissertação tinha como questão de pesquisa investigar quais são os saberes e as práticas de saúde dos povos quilombolas e os processos educativos que por eles são desenvolvidos? A hipótese levantada é de que a oralidade é o fator primordial para haver a propagação dos saberes. Após as pesquisas constatamos que a hipótese levantada no início desta pesquisa foi confirmada, pois a partir dos estudos realizados se verificou que a perpetuação dos saberes das práticas populares em saúde ocorrem de geração a geração, também foi possível constatar que os processos educativos que são desenvolvidos na comunidade para a preservação dos saberes ocorre da mesma maneira que ocorria no passado, por meio da oralidade e também da demonstração das ações desenvolvidas pelos/pelas idosos/idasas e da observação por parte das gerações mais novas.

Nesta pesquisa, objetivamos conhecer os processos educativos das práticas populares em saúde que ocorriam na comunidade, além de identificar os processos tradicionais, era também nosso anseio analisar e compreender a valorização dos saberes, a partilha dos valores para as gerações mais nova e referenciar as práticas quilombolas, de modo que se tornasse algo bastante consistente no nosso trabalho. Para isto, inicialmente fizemos uma busca em sites e periódicos, fizemos uma revisão de literatura

na busca de abordagens sobre as práticas populares em saúde a partir da tradição e dos saberes quilombolas, buscamos ouvir a comunidade, resgatando os seus saberes tradicionais e enfatizando os seus processos educativos, os quais através deles fazia-se possível compreender todo o processo de valorização e perpetuação dos saberes.

Com base no que pesquisamos, vimos e ouvimos, consideramos que as Práticas Populares em Saúde são saberes que atravessaram gerações, que mantêm viva a tradição de um povo muito presente no nosso meio social. Compreendemos também que a prática da partilha dos conhecimentos se dá de maneira natural, a partir das memórias de cada sujeito e da oralidade, possibilita a perpetuação dos mesmos para as gerações mais novas. Constatamos que a hereditariedade dos povos quilombolas é algo enraizado dentro de cada morador daquela comunidade, seus sentimentos e sua ancestralidade é incrementado nas suas práticas e suas ações, que mesmo com todo o preconceito sofrido, com todas as dificuldades vivenciadas, há sim um enorme orgulho em ser quilombola, em trazer consigo os saberes das gerações passadas. A colonização e a vivência em terras diferentes das suas de origem até permitiram que os mesmos tivessem um pouco de mudanças no que se refere aos seus costumes e tradições, porém as suas raízes são mais fortes, principalmente em um cenário o qual falamos tanto de representatividade, de empoderamento e de valorização da nossa cultura.

Assim, através das nossas pesquisas resgatamos a importância dos saberes ancestrais, da valorização das mulheres (haja visto que são as mulheres quem mais fazem uso dessa prática na comunidade), trouxemos também para o nosso trabalho a importância que têm os anciãos/anciães, principalmente pelo fato de trazer consigo os saberes referentes a uma nação, bem como a ancestralidade do seu povo e da sua pátria. Referenciamos o uso das plantas medicinais, algo que nos é fornecido pela natureza e que nem sempre se compra, e por fim a melhoria dos aspectos físicos e mentais que possuímos, pois nem todos os momentos precisamos fazer uso de medicamentos para encontramos a cura, às vezes uma conversa, uma reza/oração, um momento de lazer, uma roda de coco ou de capoeira, são procedimentos que nos trazem resultados positivos.

O marcante desta pesquisa é vivenciar a sabedoria dos povos de mais idade, daquelas que possui pouco ou nenhum conhecimento científico, que não cobra nenhum valor monetário pelas suas práticas ou pelas suas obras. Que a valorização dos anciãos/anciães significa a valorização da sabedoria e da ancestralidade, que a oralidade é a principal ferramenta de partilha dos saberes, que mesmo tenha se passado muito

tempo, os costumes e as tradições são exercidos da mesma maneira. Diante desses resultados, entendemos como ser uma pesquisa relevante para a comunidade quilombola e para a sociedade em geral.

Deste modo concluímos que após essa pesquisa, após todo o percurso trilhado por nós, como educadora, como negra, precisamos partilhar mais da nossa ancestralidade, dos nossos saberes e dos nossos conhecimentos. Todo esse caminho andado, nos despertou um desejo de propagar para a sociedade todo o nosso aprendizado enquanto usuária dessas práticas milenares do cuidado com a saúde e dessa maneira promover a criação de um projeto de produções de hortas e de canteiros com plantas medicinais em diferentes ambientes, a exemplo de escolas, associações de bairros e comunidades locais, na busca de elevar os saberes quilombolas para todas as pessoas que se sintam instigados a compartilhar desses saberes. Assim sendo, concluímos nossa pesquisa com o sentimento de que estamos trilhando o caminho da Educação Popular de modo, a fazer das práticas populares em saúde a ferramenta mais completa para essas ações.

REFERÊNCIAS

ALVES – MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BADKE, M.R; BUDÓ, M.L.D; ALVIN, N.A.T; ZANETTI, G.D; HEISLER, E.V. **Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 211p.

_____. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BRASIL. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília. 2014.

_____. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília. 2010.

BRUTSCHER, V. J. Educação (Popular) e Contradições. In: MELO NETO, J.F.; CRUZ, P.J.S.C. (orgs.). **Extensão Popular, educação e pesquisa**. João Pessoa – PB. Editora do CCTA. 2017.

CALADO, A.J.F. **Educação Popular como processo humanizador: quais protagonistas**. In: CRUZ, P.J.S.C; VASCONCELOS, A.C.C.P; SOUZA, L.M.P; TÓFOLI, A.M.M.A, p.355-375, 2014.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FELIPE, S. P; MELO NETO, J.F. Saber Popular e Saber Científico. In: MELO NETO, J. F.; CRUZ. Pedro J. S. C, (orgs.). **Extensão Popular, educação e pesquisa**. João Pessoa – PB: Editora do CCTA, 2017, 226p.

FLEURI. R.M. **Antologia da Educação Popular e Saúde no Brasil**. João Pessoa. CCTA.2020.

FLICK, Uwe. **Introdução a Pesquisa Qualitativa**: Tradução José Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular.** Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2008.

FREITAS, D. A. [et al.] Revista Cefac. **Saúde e Comunidade Quilombolas: Uma revisão da Literatura.** 2011. set – out; 13(5): 937 - 943

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** São Paulo. Cortez, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, L. **Escravidão.** Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Vol.I. Globolivos. 2019.

_____. **Programa de Televisão Roda Viva.** Entrevista. Exibido em 11/07/2022.
GONZALES, L. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244.

LARROSSA – BONDÍIA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20 – 28, 2002.

LIMA, H. V. C. **Já veio tudo dos antepassados:** história, memória e identidade étnica em Caiana dos Crioulos. Dissertação de Mestrado. João Pessoa. 2015.

LIMA, L. T. da S. **Memórias e Saberes de Caiana dos Crioulos na formação de professores:** modos e formas de aprender na educação quilombola. Dissertação de mestrado. Campina Grande. 2021.

LOPES, P.S. **Práticas Populares de Cuidado, Ação Comunitária e Promoção da Saúde.** Experiências e Reflexões. João Pessoa. Editora do CCTA/UFPB. 2019.

LOVISOLO, H. **Educação Popular:** Maioridade e Conciliação. Salvador. UFBA, 1990.

MACHADO. A.M.B. **Serviço Social e educação popular:** diálogos possíveis a partir de uma perspectiva crítica. . erviço social e sociedade nº 109. São Paulo: Cortez, 2012. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/TH9cGgxp9ZY9gnQskY5wRXH/?lang=pt>>.

MALINONOSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo. Abril Cultural. 1976.

MELO NETO, J. F. **Educação popular e —experiencial.** Contexto & Educação. Editora Unijuí, Jan./Jun. 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. In: DESLANDES. Suely Ferreira, GOMES. Romeu (orgs). Petrópoles, RJ: Vozes, 2016.

_____. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

OLIVEIRA, M.W. Apresentação – Educação nas práticas e nas pesquisas em saúde: contribuições e tensões propiciadas pela educação popular. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 29, p. 297 – 306, 2009.

PEDROSA, J.I.S. Cultura popular e identificação comunitária: práticas populares no cuidado à saúde. In: FONSECA, Angélica Ferreira (org). **Educação e Saúde**, Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou teoria vivida. Revista Ponto Urbe, São Paulo, ano 1, n. 2, 2008. Disponível em < <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>>. Acesso em abr. 2022.

Portal São Francisco. **Principais Quilombos Brasileiros**. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/principais-quilombos-brasileiros>>. Acesso em 21 jan. 2021.

Portal Brasil Escola. **Quilombo dos Palmares**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/quilombo-dos-palmares.htm>>. Acesso em 12 out. 2021.

Portal Revista Equidade. **O direito dos quilombolas no Brasil**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-dos-quilombolas-no-brasil>. Acesso em 15 jul. 2021.

RABENHORST, E.R. O que são direitos humanos? In. ZENAIDE, M.N.T et al. **Direitos Humanos: capacitação de educadores**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

REVISTA ELETRÔNICA EQUIDADE. **Os direitos dos quilombolas no Brasil**. Disponível em: <[//www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-dos-quilombolas-no-brasil/?gclid=CjwKCAjw_L6LBhBbEiwA4c46utwT9NdIBPzNJdruBm-8Us0ttv-gDn6sCze1s744R2ceCz3pQ-ys7Ro](https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-dos-quilombolas-no-brasil/?gclid=CjwKCAjw_L6LBhBbEiwA4c46utwT9NdIBPzNJdruBm-8Us0ttv-gDn6sCze1s744R2ceCz3pQ-ys7Ro)>. Acesso em 29 jun. 2021.

RIBEIRO, D. **Entrevista programa de televisão Roda Viva**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jn1AtnzTql8>> Acesso em: 09 nov. 2020.

SANTOS, J.R. Senhora dos Ramos e os corpos “velhos” que curam. In: MOURA, Assis Souza de. SILVA, Edilson Ricardo da. COSTA, Mª Tatiana Lima. (orgs.) **Pesquisas: teorias e práticas vol.15**. Sapé: Instituto Sou Assis, 2019.

SANTOS, H. **A situação dos quilombos no Brasil e o enfrentamento à pandemia da Covid-19**. Disponível em: <abrascos.org.br/site/noticias/movimentossociais/a-saude-das-populacoes-quilombolas-do-brasil-durante-a-pandemia-e-a-luta-por-direitos> Acesso em 15 nov. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SILVA, E.R. da. **Caminhos para a promoção da igualdade social no Centro de Humanidades da UEPB:** um estudo a cerca do programa Bolsa Manutenção para alunos em situação de vulnerabilidade econômica. Monografia de Especialização. Guarabira. 2021.

SILVA. I. G. **As drogas no contexto da Educação Popular.** Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2020.

VASCONCELOS, E. M. [et al.] **Educação Popular e a atenção à saúde da família.** 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Redefinindo as práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. In: _____. (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos:** reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 11 – 19.

_____. **Educação Popular:** de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14 (1): 67 – 83, 2004

_____. [et al] **Educação e Contemporaneidade.** Salvador. Vol. 24, n.43, p. 89 _ 106, jan/jul.2015

_____. Educação popular em saúde: de uma prática subversiva a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. In: STRECK. Danilo R.; ESTEBAN Maria Tereza (orgs). **Educação popular:** lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VASCONCELOS, V. O.; OLIVEIRA, M. W. **Educação popular:** uma história, um que-fazer. *Rev. Educação Unisinos*, v. 13, p. 135-146, 2009.

ANEXOS



Quilombo Caiana dos Crioulos
Alagoa Grande - PB

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Severina Souza da Silva, Documento de Identificação, 7.242.923, declaro que acolho o projeto de pesquisa intitulado Saberes e Práticas Populares em Saúde: uma experiência compartilhada com o Quilombo Caiana dos Crioulos, desenvolvida pela mestrandia Edileuza Ricardo da Silva, sob a orientação do professor Dr. Pedro José Santos Carneiro Cruz, cujo objetivo é conhecer e compreender como ocorrem os processos educativos das práticas populares em saúde na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos localizada no município de Alagoa Grande PB, do qual sou liderança comunitária.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento dos requisitos da Resolução nº 466/12 CNS e seus complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos quilombolas exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo dessas pessoas e/ou da nossa comunidade.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Comunidade Quilombola o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Alagoa Grande, 07 de fevereiro de 2022.

Severina Souza da Silva
Assinatura